

# Convergência

Maio, Junho e Julho • 2020 • ANO LV



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar  
Padre Jaldemir Vitório, sj  
Irmão Lauro Daros, fms  
Irmã Nivalda Milak, fdz  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário



## *Editorial*

Maria, Mulher, Discípula e Mestiça.....5

## *Mensagem do Papa*

Celebração da festa de Nossa Senhora de Guadalupe.....10

## *Mártires e Santos*

Homenagem aos Santos e Mártires.....12

## *Informes*

Francisco está realizando o Concílio Vaticano II .....14

Frades Dominicanos: O compromisso de nossa  
atuação profética.....18

Missionário, Comunicador, Profeta e Parceiro das  
grandes causas dos Excluídos da América Latina.....20

*Arlindo Pereira Dias, svd*

Sínodo: tenda da Amazônia – Casa Comum .....25

*Irmã Vera Lucia Palermo, ms*

Missão da Vida Religiosa Consagrada  
Jovem na Amazônia .....30

*Leandro Santos de Carvalho, osa*

VI Encuentro Internacional de Revistas de VC .....35

VI Encontro Internacional de Revistas de VC .....38

CLAR – XLVII Junta Directiva .....42

CLAR – Conselho das Presidências .....46

4º Congresso de Novas Gerações do Brasil e 2º  
Congresso de NG do Cone Sul .....50

Projeto Missionário Intercongregacional no Haiti.....52

*Irmã Maria de Fátima Kapp, mssps*

## *Artigos*

- O “Bom Samaritano” do Samaritano .....59  
*Frei Luiz Carlos Susin, ofmcap*
- Vida Religiosa Feminina na Amazônia .....75  
*Ivoneide Viana de Queiróz*
- Homo Viator, graça e divinização no poema “  
outras coplas ao Divino”, de São João da Cruz.....87  
*Frei Jonas Matheus Sousa da Silva, ofmcap*
- A Devoção Mariana no carisma salesiano:  
Uma narrativa experiencial .....96  
*Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb*
- Migração e políticas públicas: um  
olhar profético .....106  
*Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs*
- Igreja Santa e Pecadora: Os escândalos na Igreja .....118  
*José Trasferetti*

## *Anexos*

- Notícia do CERNE.....133  
*Pe. Kleber Cardoso, css*
- Reflexões Orantes ..... 136
- Mapa das Regionais .....146
- Resenhas.....147



## MARIA, MULHER, DISCÍPULA E MESTIÇA

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Caros irmãos e irmãs

**E**sta segunda edição da *Convergência* começa com o mês mariano e termina com as festas juninas. A rica religiosidade popular, há décadas, recorda Maria como a MÃE de todos nós, sobretudo no mês de maio. Os santos juninos, Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, animam nossas comunidades e revigoram a devoção popular. Sob a intercessão de todos estes santos, confiamos a realização do 3º. Seminário da Vida Religiosa Consagrada que realizar-se-á em Aparecida de 13 a 16/05. É um tempo de graça! Teremos como base de nossas reflexões o espírito do Sínodo Pan-Amazônico. À luz do documento final e da Exortação Apostólica **Querida Amazônia**, que mantém viva a lâmpada da

ação evangelizadora e o ardor do coração da VRC, queremos assumir de forma profética e missionária a conversão integral, mudando nossas lentes, concretizando o compromisso de todos consagrados e consagradas no “retorno a Galileia”, ou seja, ao essencial da fé e do seguimento de Jesus Cristo.

A mensagem do Papa para esta edição tem como foco o testemunho dos mártires do Japão. Em sua visita a Nagasaki, ele recordou a todos nós o valor do testemunho de fé num mundo que, como dizia São Paulo VI, “acredita mais no testemunho que nas palavras”. Os informes, artigos breves, nos ajudam a acompanhar o dinamismo do tempo e as inquietações que nossos leitores e leitoras sentem diante da realidade cada vez mais desafiadora.

A figura do samaritano nos convida a caminhar para encontrar os caídos, os esquecidos e os feridos. É Jesus que, interpelado pelos fariseus, nos oferece a água do nosso próprio poço, como nos recorda o artigo do Frei Luiz Carlos Susin. A religião com seus ritos e leis não pode saciar e gerar um fascínio absoluto, mas abrir nossas vidas ao próximo, guiados pela compaixão. Com argumentos bíblicos consistentes, frei Susin proporciona um mergulho na tradição religiosa na descoberta de que só é possível ser discípulo e discípula “fazendo como fez o samaritano”.

Na tensão salutar do Sínodo Pan-Amazônico e sua interpelação à VRC, irmã Ivoneide Viana de Queiroz traz o significado da presença da mulher consagrada no contexto da ecologia integral. Ir. Ivoneide partilha conosco de sua pesquisa sobre a presença feminina na Evangelização de ontem e de hoje. Coloca em evidência o perfil profético das religiosas inseridas nas comunidades de povos originários e como isto tem contribuído para a defesa da vida plena. A contribuição da VRC sempre foi profética não ação missionária e agora se revigora à luz deste evento eclesial.

A mística profética é uma das prioridades para o triênio da

CRB. Neste sentido, Frei Jonas Matheus Souza da Silva, nos brinda com um belo artigo fundamentado na filosofia e teologia com o objetivo de ajudar na compreensão do poema “Coplas do Divino”, de São João da Cruz. Trata-se da busca profunda de Deus no amor relacional. Não há verdadeira vida em Deus sem o sentido real da verdade e da liberdade na amizade profunda com o Senhor. A mística transforma e a profecia nos lança no projeto divino. Tudo isto é ação do Espírito Santo que reaviva sempre o dom da entrega a Deus.

O carisma fundacional é uma fonte inesgotável daquele vinho bom que não embriaga, mas devolve a alegria da fidelidade criativa. A partir da devoção mariana, tão cara a São João Bosco, padre João Mendonça reflete sobre Maria à luz do carisma fundacional e propicia um mergulho na devoção mariana, que definiu o espírito salesiano e mescla experiência pessoal e carisma fundacional, na tentativa de compreender os sinais do reino no cotidiano da vida.

A ação profética, iluminada pelo Antigo e Novo Testamento, abre uma clareira em meio aos conflitos humanitários que hoje provocam os processos migratórios e as convulsões sociais. Pe.

Alfredo J. Gonçalves nos ajuda a navegar nos labirintos das migrações a partir de 5 palavras: caminho, lamento, parente, pátria. Cada questão desta é um igarapé, porém, quando a força da solidariedade se junta, formam os grandes rios amazônicos: Negro, Solimões e Amazonas. A força profética brota desta sinergia.

Os abusos sexuais analisados desde a Teologia Moral favorecem uma leitura crítica da santidade e dos pecados da Igreja. José Trasferreti descreve que entre o ideal de santidade da Igreja e a realidade está a fragilidade de seus membros, um reflexo de uma

situação sistêmica que perpassa os processos eclesiais, sociais, políticos e econômicos, pois o problema não se limita à hierarquia, mas a todo o Povo de Deus. No entanto, quando esta situação toca no seguimento de Jesus e compromete a ação evangelizadora, então, é preciso destronar a divindade que ocupa o lugar do Salvador, ou seja, a ganância. Pecado e graça são realidades que precisam de discernimento.

Com estas reflexões, esperamos que nossos leitores e leitoras possam degustar do vinho bom que revigora nossa caminhada como pessoas consagradas.



## DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

"Fazei tudo o que  
ele vos disser"  
(Jo 2,5)



Triênio  
2019 a 2022



CRB NACIONAL

## Consagradas e consagrados em missão

### Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

### Prioridades



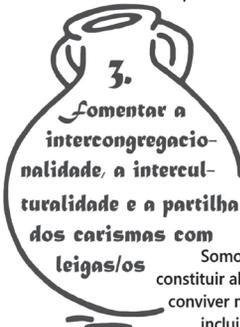
**1.**  
**Cultivar a  
mística  
profético-  
sapiencial**

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



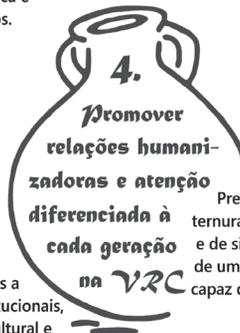
**2.**  
**Ouvir o  
clamor dos  
pobres e  
da terra**

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



**3.**  
**Fomentar a  
intercongregacio-  
nalidade, a intercul-  
turalidade e a partilha  
dos carismas com  
leigos/os**

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



**4.**  
**Promover  
relações humani-  
zadoras e atenção  
diferenciada à  
cada geração  
na VRC**

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



# CELEBRAÇÃO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

## SANTA MISSA PELA AMÉRICA LATINA

*HOMILIA DO PAPA FRANCISCO*

Basílica Vaticana  
Terça-feira, 12 de dezembro de 2017

A celebração de hoje, os textos bíblicos que ouvimos e a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, que nos recorda o Nican mopohua, sugerem-me três adjetivos para Ela: senhora-mulher, mãe e mestiça.

Maria é mulher. É mulher, é senhora, como diz o Nican mopohua, Mulher, com o senhorio de mulher. Apresenta-se como mulher e com uma mensagem de outrem, ou seja, é mulher, senhora e discípula. Santo Inácio gostava de lhe chamar Nossa Senhora. E é tão simples, não pretende mais nada: é mulher, discípula.

Ao longo dos tempos, a piedade cristã procurou sempre louvá-la com novos títulos: tratava-se de títulos filiais, títulos



do amor do povo de Deus, mas que em nada tocavam o seu ser mulher-discípula.

São Bernardo disse-nos que quando falamos de Maria, nunca são suficientes o louvor, os títulos de louvor, mas eles em nada tocavam este seu discipulado humilde. Discípula!

Fiel ao seu Mestre, que é o seu Filho, o único Redentor, jamais quis reter para si algo do seu Filho. Nunca se apresentou como corredentora. Não, discípula!

E um Santo Padre diz por aí que o discipulado é mais digno do que a maternidade. Questões de teólogos, mas Ela foi discípula! Nunca roubou para si mesma nada do seu Filho; serviu-o porque é mãe, dá a vida na plenitude dos tempos, como ouvimos, àquele Filho nascido de mulher.

Maria é nossa Mãe, é Mãe dos nossos povos, é Mãe de todos nós, é Mãe da Igreja, mas é também imagem da Igreja. E é Mãe do nosso coração, da nossa alma. Há um Santo Padre que diz que o que se diz de Maria pode ser dito, de certa forma, da Igreja e da nossa alma. Porque a Igreja é feminina e a nossa alma tem a capacidade de receber a graça de Deus e, num certo sentido, os Padres viam-na como feminina. Não podemos pensar na Igreja sem este princípio mariano que se propaga.

Quando procuramos o papel da mulher na Igreja, podemos seguir o caminho da funcionalidade, porque a mulher tem funções para desempenhar na Igreja. Mas isto deixa-nos no meio do caminho.

Na Igreja a mulher vai mais longe, com este princípio mariano, que “maternaliza” a Igreja, transformando-a na Santa Mãe Igreja.

Maria mulher, Maria mãe, sem outro título essencial. Os demais títulos — pensemos nas ladainhas lauretanas — são títulos de filhos apaixonados que cantam à Mãe, mas não tocam a essencialidade do ser de Maria: mulher e mãe.

E o terceiro adjetivo que eu lhe diria, fitando-a, é que Ela quis ser mestiça, mestiçou-se. E não só com Juan Dieguito, mas também com o povo. Ela mestiçou-se para ser a Mãe de todos, mestiçou-se com a humanidade. Porquê? Porque Ela mestiçou Deus. E este é o grande mistério: Maria, Mãe mestiçou Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, no seu Filho.

Quando nos dizem que era necessário declará-la como tal, ou fazer mais um dogma, não nos devemos perder em disparates: Maria é mulher, é Nossa Senhora; Maria é Mãe do seu Filho e da Santa Mãe Igreja hierárquica, e Maria é mestiça, mulher dos nossos povos, mas que mestiçou Deus.

Que Ela nos fale como falou a Juan Diego, a partir destes três títulos: com ternura, com calor feminino e com a proximidade da mestiçagem. Assim seja!



## HOMENAGEM AOS SANTOS MÁRTIRES

Monumento dos Mártires - Nishizaka Hill (Nagasáqui)

Domingo, 24 de novembro de 2019

**Q**ueridos irmãos e irmãs,  
bom dia!

Estava ansioso pela chegada deste momento. Venho como peregrino para rezar, confirmar e também ser confirmado na fé por estes irmãos, que nos mostram o caminho com o seu testemunho e dedicação. Agradeço-vos as boas-vindas.

Este santuário evoca as imagens e nomes dos cristãos que foram martirizados há muitos anos, a começar de Paulo Miki e seus companheiros em 5 de fevereiro de 1597, e a multidão doutros mártires que consagraram este campo com o seu sofrimento e a sua morte.

Mais que de morte, porém, este santuário fala-nos do triunfo da vida. São João Paulo II viu este

lugar não só como o monte dos mártires, mas também como um verdadeiro Monte das Bem-aventuranças, onde podemos captar o testemunho de homens repletos de Espírito Santo, libertos do egoísmo, das comodidades e do orgulho (cf. Gaudete et exultate, 65). Pois aqui a luz do Evangelho brilhou no amor que triunfou sobre a perseguição e a espada.

Este lugar é, antes de mais nada, um monumento que anuncia a Páscoa, porque proclama que a última palavra – não obstante todas as provas em contrário – não pertence à morte, mas à vida. Não somos chamados à morte, mas a uma Vida em plenitude: assim o anunciaram eles. É verdade que, aqui, há a obscuridade da morte e do martírio, mas anuncia-se também a luz da ressurreição, pois

o sangue dos mártires torna-se semente da vida nova que Cristo nos quer dar a todos. O seu testemunho confirma-nos na fé e ajuda-nos a renovar a nossa dedicação e compromisso de viver o discipulado missionário que sabe trabalhar por uma cultura capaz de proteger e defender sempre toda a vida, através do «martírio» do serviço diário e silencioso prestado a todos, especialmente aos mais necessitados.

Venho a este monumento dedicado aos mártires para me encontrar com estes homens e mulheres santos, e quero fazê-lo com a pequenez daquele jovem jesuíta que vinha dos «confins da terra» e encontrou uma fonte profunda de inspiração e renovação na história dos primeiros mártires japoneses. Não esqueçamos o amor do seu sacrifício! Que não fique uma gloriosa relíquia de feitos passados, bem conservada e honrada num museu, mas seja memória e fogo vivo da alma de todo o apostolado nesta terra, capaz de renovar e inflamar incessantemente o zelo evangelizador. Que a Igreja no Japão de hoje, com todas as suas dificuldades e promessas, se sinta chamada a escutar cada dia a mensagem proclamada por São Paulo Miki, do alto da sua cruz, e a partilhar com todos os homens e mulheres

a alegria e a beleza do Evangelho que é Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14, 6). Possamos cada dia libertar-nos de todo o peso que nos sobrecarrega e impede de caminhar com humildade, liberdade, ousadia e amor.

Irmãos, neste lugar, unimo-nos também aos cristãos que hoje, em tantas partes do mundo, sofrem e vivem o martírio por causa da fé. Mártires do século XXI, que nos interpelam com o seu testemunho a seguir corajosamente o caminho das Bem-aventuranças. Rezemos por eles e com eles, e ergamos a voz para que a liberdade religiosa seja garantida a todos nos vários cantos do planeta; e ergamos a voz também contra toda a manipulação das religiões «pelas políticas de integralismo e divisão, pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens» (Documento sobre a fraternidade humana, Abu Dhabi, 4/II/2019).

A Nossa Senhora, Rainha dos Mártires, a São Paulo Miki e a todos os seus companheiros que, ao longo da história, proclamaram com a vida as maravilhas do Senhor, peçamos que intercedam pela vossa terra e por toda a Igreja a fim de que o seu sacrifício suscite e mantenha viva a alegria da missão.



## FRANCISCO ESTÁ REALIZANDO O CONCÍLIO VATICANO II

GERARD O'CONNELL

 Papa Francisco ordenou Michael Czerny, SJ bispo no dia 4 de outubro, e colocará o barrete vermelho cardinalício sobre a sua cabeça no dia seguinte, dando-lhe o direito de votar no conclave para eleger o sucessor do papa. Enquanto ele se preparava para a sua elevação às fileiras da liderança da Igreja Católica, o jesuíta canadense falou à revista *America* sobre como ele interpreta esses eventos, o que mais o impressiona no Papa Francisco e quais são, segundo ele, os três principais desafios que a Igreja enfrenta atualmente.

A reportagem é de Gerard O'Connell, publicada em *America*, 03-10-2019. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Quando o Papa Francisco surpreendeu a todos em Roma, no dia 1º de setembro, ao anunciar

que ele criaria cardeal o Pe. Czerny – ninguém havia antecipado a sua indicação –, esse jesuíta alto e esbelto de 73 anos estava no Brasil, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, nos arredores de São Paulo. Ele estava participando de um encontro de movimentos populares da América Latina, em preparação para o próximo Sínodo da Amazônia.

O Pe. Czerny ficou totalmente surpreso com o anúncio – ele não tinha nem ideia do que estava por vir –, mas recebeu a notícia humildemente: “Eu agradeço a Deus e agradeço ao Papa Francisco por essa nova missão, esse novo serviço, essa grande honra”, disse ele.

Quando a Rádio Vaticano entrou em contato com ele, ele revelou

que os participantes do encontro “acolheram a notícia e, em certo sentido, também me ajudaram a acolher a notícia. Eles receberam a notícia da minha indicação e a do arcebispo Matteo Zuppi, de Bolonha, que é muito próximo dos movimentos populares e dos povos marginalizados, e disseram que sentiram que se tratava de um abraço, de uma carícia por parte do Papa Francisco e de um gesto de acolhida a eles por parte de Deus”. Ele disse que se encontrar, no momento do anúncio, “com as pessoas que estão nas periferias e que muitas vezes absolutamente não são levadas em consideração foi um sinal real, um sinal muito providencial”.

Falando quase um mês depois na Cúria Jesuíta em Roma, o Pe. Czerny confidenciou que experimentou a sua nomeação a cardeal como um apelo a “uma participação aumentada, expandida ou intensificada na missão do Santo Padre, a missão da Santa Sé, no serviço que esse centro da Igreja está chamado a prestar. Pediram-me que eu prestasse esse serviço de maneira mais ampla e mais profunda do que antes.”

Ele interpreta a sua nomeação não simplesmente como um endosso do seu trabalho pelos migrantes e refugiados, mas também como uma expressão de apoio ao “desenvolvimento humano integral”. Ele explicou que “o esforço

da Igreja pelo desenvolvimento humano integral” é a história real. Ele “remonta aos profetas, remonta praticamente à criação”, e, acrescentou, “a nossa vocação é ajudar os homens e as mulheres a viverem as suas vidas humanas e a vivê-las ao máximo. Essa é a grande missão. É isso que significa pregar o Evangelho e levar as Boas Novas aos confins da terra”.

De fato, disse, “a história real é a encarnação ou a implementação do Evangelho na sociedade humana e na história humana. É disso que se trata realmente. E, se o fato de me tornar cardeal coloca mais peso sobre isso, ou dá uma foco maior a isso, ou me dá a chance de comunicar isso melhor ou mais eficazmente, então é para isso que ele serve”.

Como ele trabalhou de perto com o Papa Francisco em três grandes iniciativas – a encíclica *Laudato si'*, a questão dos migrantes e refugiados, e agora o Sínodo da Amazônia, eu lhe perguntei o que mais o impressiona em Francisco.

O Pe. Czerny respondeu imediatamente: “A resposta mais curta é [o compromisso do papa com o] Vaticano II”. Ele explicou que vê o papa profundamente dedicado à “Igreja no mundo moderno e à multifacetada continuidade da missão, que está implícita naquela expressão do Vaticano II: que a Igreja está no mundo, está tentando acompanhar o mundo”.

A Igreja, disse ele, “não está aqui para governar o mundo ou para resolver os problemas mundiais, mas o mundo deveria sentir que a Igreja, que Cristo, que Deus está conosco, com eles, enquanto enfrentamos as grandes dificuldades das nossas vidas e dos nossos tempos”.

Ele disse: “O Papa Francisco intensificou ou acelerou esse amplo sentido da missão da Igreja, para que as pessoas que não se identificavam como católicas, ou mesmo como cristãs, de alguma forma se sintam tomadas por esse desejo, por essa esperança de vida, pela plenitude da vida e pelo fato de lidar com as grandes injustiças e de superar o desespero, a desesperança, a escravidão, a perplexidade, a desorientação que muitas pessoas sentem à medida que a vida evolui de maneira sempre acelerada. As pessoas podem sentir que a Igreja está conosco, que Cristo está conosco, que Deus não nos abandonou, nem desistiu de nós. É isso que Francisco está comunicando a cada momento, de muitas maneiras diferentes”.

Quando perguntado sobre o que ele mais admira no Papa Francisco, o Pe. Czerny parou por um momento e depois ressaltou a “busca incansável” do papa de “onde o Evangelho é mais necessário”.

“Às vezes ele chama isso de ‘periferias’, mas há outras palavras

para isso também, como desafios ou encruzilhadas, ou, como estamos conversando hoje em Roma, há esse encontro sobre ‘O bem comum na era digital’.”

Ele explicou que, para Francisco, a busca significa não se limitar a um assunto como o papel do esmoleiro papal e o seu trabalho pelos pobres, ou a *Laudato si’*, ou o início ou o fim da vida. Pelo contrário, “são todos eles, e é essa constante reorquestração ou re-harmonização, de modo que a Igreja tente estar presente em todas essas pontas, onde as pessoas estão realmente com medo e preocupadas, e por boas razões”.

Nascido em 18 de julho de 1946, em Brno, na Tchecoslováquia (naquela que hoje é a República Tcheca), ele se tornou um refugiado infantil aos dois anos de idade, quando sua família teve que fugir da sua terra natal. Graças a um patrocínio pessoal, eles conseguiram se estabelecer no Canadá.

O seu passado como refugiado afetou a sua perspectiva de vida? “Somente desde que eu trabalho na seção de migrantes e refugiados é que eu estou lentamente descobrindo a resposta para essa pergunta”, disse ele.

“Eu descobri que, quando escuto o Santo Padre dizer que devemos acolher, proteger, promover e integrar [as pessoas migrantes], eu traduzo isso de volta para a nossa experiência como família e

percebo a verdade do que ele está dizendo e me dou conta de como essas dimensões foram realizadas para o bem ou para um bem menor em nossas vidas.”

O Pe. Czerny viveu no Canadá por mais de 30 anos, trabalhou em El Salvador por mais dois (após o assassinato dos jesuítas da Universidade Centro-Americana). Ele passou 10 anos no Quênia e quase 20 em Roma.

Questionado se ele se considera tcheco, canadense, africano, latino-americano ou italiano, o Pe. Czerny diz que se vê como tudo isso. “Avançando na vida, é muito difícil interpretar o que cada mudança significa, mas, olhando para trás, lendo a história retrospectivamente, é possível dizer que foram oportunidades para servir. Há um desdobramento providencial, uma preparação. Agora eu tenho 73 anos. Eu pensei que agora fosse desacelerar e parar, mas não foi assim.”

Ele entrou para os jesuítas, disse, “porque eu frequentava um colégio jesuíta e admirava os jesuítas que nos ensinavam. Eu queria servir a Deus e aos outros como eles, e eu gostava da vida comunitária. De certa forma, o Ensino Médio participou ou foi uma extensão da vida comunitária”.

Além disso, contou, “eu tive a sensação de que os jesuítas me encorajariam a desenvolver os

meus talentos e a fazer o melhor uso do que Deus me deu. Eu achei isso. Talvez seja algo típico de um refugiado!”.

Quando solicitado a identificar os dois ou três principais problemas ou desafios que a Igreja enfrenta hoje, o Pe. Czerny disse: “Primeiro, a distância, a não comunicação ou a lacuna entre a Igreja – a Igreja organizada, a Igreja institucional – e a geração jovem. Esse é o número um.”

Segundo: “Eu acho que um desafio contínuo é ser mundial e realmente unida, realmente católica, e que cada parte da Igreja se sinta autenticamente parte, e não menos do que as outras. Eu acho que essa unidade é importante, a solidariedade do corpo é muito importante”.

Ele acrescenta um terceiro desafio “muito grande”: a Igreja e as novas mídias. “Eu acho que não começamos a entender realmente a mudança em todo o ambiente humano que as mídias eletrônicas e sociais representam. Isso nos confunde tanto na nossa interpretação do mundo quanto na nossa capacidade de pregar o Evangelho.”

Ao concluirmos nossa conversa, eu perguntei ao Pe. Czerny como ele lê ou interpreta os ataques contra o Papa Francisco por parte de uma minoria na Igreja e na sociedade hoje. A sua resposta: isso significa que “ele está na mira!”.

## FRADES DOMINICANOS: O COMPROMISSO DE NOSSA ATUAÇÃO PROFÉTICA<sup>1</sup>

No final da Assembleia Anual (São Paulo, 21-24 de janeiro último), os Frades Dominicanos do Brasil (Província Frei Bartolomeu de Las Casas) divulgaram uma Mensagem na qual assumem o compromisso de uma atuação profética.

O comentário é de Marcos Sassatelli, frade dominicano, doutor em Filosofia (USP) e em Teologia Moral (Assunção - SP) e professor aposentado de Filosofia da UFG.

A Mensagem tem como título “Tenho de gritar, tenho de arriscar” e subtítulo “Dominicanos do Brasil reafirmam valor da Democracia, da Justiça e da Paz”.

Começa dizendo: “Assim como o Senhor dirigiu a Jeremias e colocou suas palavras na boca do profeta, nós Frades Dominicanos - reunidos em Assembleia - que

recebemos do Senhor a vocação de sermos pregadores de sua Palavra, não podemos ficar indiferentes, ou mesmo com medo, de nos colocarmos à frente para atuar em defesa da vida, dos direitos dos pobres e dos direitos da Terra”.

Continua afirmando: “A fidelidade a Jesus e aos propósitos de São Domingos levaram historicamente a Família Dominicana a se envolver diretamente com a causa da Justiça e da Paz, que se traduziu, por exemplo, na defesa dos direitos dos indígenas na América Latina, na luta contra o apartheid na África do Sul ou na luta contra a ditadura militar no Brasil. Nomes como Frei Antônio Montesinos, Frei Bartolomeu de Las Casas, Frei Gil Vilanova, Frei Tito de Alencar, entre tantos outros, servem hoje de inspiração e convocação para que lutemos, mais uma vez, por esses valores. Com eles enfrentamos este momento

<sup>1</sup> Publicado pela revista IHU on-line, 16/02/2019

conturbado da história nacional, no qual somos chamados a sermos luz no meio da escuridão (Mt 5, 13-16)”.

Manifesta, pois, o repúdio dos Frades Dominicanos a todas as medidas governamentais que violam os direitos dos pobres e da Mãe Terra.

“Em razão do mandamento do Senhor, pela fidelidade ao Evangelho e à herança que recebemos de nosso Pai São Domingos de Gusmão, repudiamos:

1. O rebaixamento dos direitos dos mais pobres decorrente de projetos de reformas previdenciárias e trabalhistas que reforcem as vantagens de categorias já privilegiadas.
2. A criminalização dos Movimentos Populares e das ONGs, em contradição com o princípio constitucional de fortalecimento da sociedade civil e da democracia;
3. A multiplicação do preconceito e da discriminação em relação a vários grupos sociais, especialmente à comunidade LGBTI+;
4. O esvaziamento da reforma agrária, a redução das terras indígenas e dos territórios quilombolas, em afronta aos direitos dos sem-terra, dos povos originários e dos afrodescendentes;

5. O desmatamento da Amazônia e a privatização do patrimônio público;

6. A liberação da posse de armas e, em breve, a flexibilização de seu porte.

Declara ainda: Como brasileiros, permaneceremos vigilantes e exigimos que o governo não poupe esforços para fortalecer a democracia e priorizar políticas que visem a melhoria dos serviços de saúde e educação, o combate ao desemprego e a redução da desigualdade social”.

Por fim, conclui: *“Como cristãos, assumimos o compromisso de atuar profeticamente para que toda a nossa nação alcance o anseio de Jesus de “que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10).*

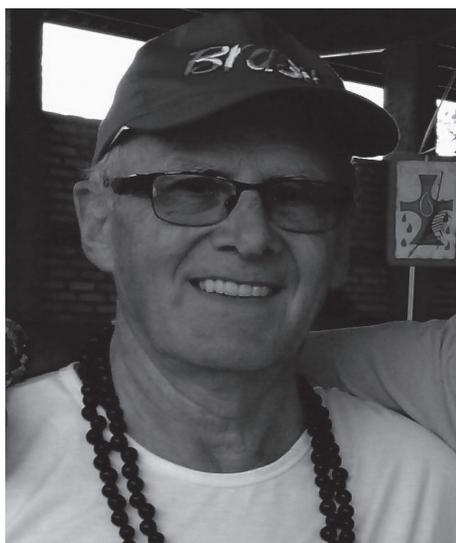
Como discípulos de Cristo, conclamamos todas as pessoas de fé, incluindo as autoridades da Igreja Católica, a assumirem sua missão evangélica, fazendo-se presença e voz atuante no anúncio da Justiça e da Paz;

Como Frades Dominicanos, fieis à nossa história, conclamamos todo o povo a reforçar a organização e o protagonismo social e revigorar as energias na luta em favor de uma sociedade democrática, justa, fraterna e solidária”. Que assim seja!

## MISSIONÁRIO, COMUNICADOR, PROFETA E PARCEIRO DAS GRANDES CAUSAS DOS EXCLUÍDOS DA AMÉRICA LATINA

Tributo a Konrad Berning, fundador da Verbo Filmes

ARLINDO PEREIRA DIAS, SVD



dia 26 de outubro amanheceu trazendo a triste notícia da morte de Konrad Berning: missionário, comunicador, profeta e parceiro das grandes causas dos excluídos da

América Latina. Verbita de pura cepa, ele viveu os últimos anos e faleceu na cidade de Münster, Alemanha. Por coincidência, o mesmo local onde estudou e foi ordenado Santo Arnaldo Janssen, fundador da Congregação do Verbo Divino, família à qual ele pertenceu. Escrevo estas linhas na casa Verbita, hoje denominada Comunidade Pedro Casaldaliga, diocese de Santo Amaro, SP, local onde Konrad viveu por muitos anos e alavancou muitos sonhos que se fizeram realidade em imagens e vozes que alimentaram a caminhada da Igreja no Brasil, na América Latina e no mundo ao longo dos últimos 40 anos.

Ele soube detectar, selecionar e ir ao encontro de tantas vidas que se colocaram a serviço de

uma Igreja construtora do reino da justiça, da verdade e da paz, conforme o impulso dado pelos padres conciliares durante o Concílio Vaticano II. Ao longo de sua vida Konrad mostrou-se um missionário Brasileiro e Latino Americano (nascido na Europa) que partilhava em forma de imagens e vozes, a paixão e o vigor da Igreja na América Latina pós Vaticano II. Animado pelo espírito do Concílio e pelas recomendações dos Capítulos Gerais da Congregação do Verbo Divino, demonstrou seus talentos de educador e comunicador já no início de sua missão em Curitiba e Foz do Iguaçu como formador e vigário paroquial.

O atual diretor da Verbo Filmes, o Verbita Cireneu Kuhn destaca que Konrad “compreendeu muito cedo a importância e a necessidade do uso dos novos meios de comunicação como instrumento eficaz de evangelização e promoção da justiça e da paz!”. Com uma câmera nos ombros, um microfone na mão e a ajuda de seminaristas e alguns jovens sonhadores como o seu amigo Luís Valter de Souza, na cidade de Foz do Iguaçu, nos anos 70, pouco a pouco foi se movendo do âmbito paroquial e fazendo do Brasil e a América Latina o seu chão eclesial. As suas produções, com grande densidade e conteúdo teológico e missiológico, transformaram a Igreja local e sua

ação pastoral em espaços fecundos de difusão do Evangelho e da catolicidade da Igreja.

Nelson Augusto Tisky, um dos seminarista de filosofia Verbita que acompanhou Konrad nos primeiros passos dessa iniciativa e ainda hoje atua na equipe da Verbo Filme, salienta que Konrad foi “um visionário, alguém que viveu além do seu tempo. O dinheiro para ele nunca vinha em primeiro lugar. Com ou sem dinheiro o importante era levar a cabo iniciativas que comprometessem as pessoas com a luta por um mundo melhor”. Outra iniciativa que merece destaque, segundo Nelson, “foi o incentivo que ele deu a dezenas de jovens para que se comprometessem com a comunicação e o jornalismo. Também não mediu esforços para apoiar a tantos leigos e leigas, brasileiros ou alemães que se dispunham por alguns meses a conviver e aprender com a Igreja no Brasil”.

Com o apoio das províncias Verbitas no Brasil e da CNBB (Conferencia dos Bispos do Brasil) ele fundou em 1975 a Verbo Filmes. No dia da fundação, em Santo Amaro, SP, o então secretário geral da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter aconselhou: “... procurem criar e evangelizar com imagens nossas, do Brasil e da América Latina; com imagens que o povo entenda e assimile

com facilidade, em vez de trazê-las de fora e simplesmente traduzi-las”.

A presença e experiência no setor de Comunicação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a convivência com os bispos proféticos dos anos 80, dentre eles Ivo Lorscheiter, Aloisio Lorscheiter, Paulo Evaristo Arns, Helder Câmara, Luciano Mendes de Almeida, José Maria Pires, Antônio Fragoso e tantos outros, fizeram com que ele nunca arredasse pé dos temas mais caros às conferências episcopais de Medellín, Puebla e ao que hoje nos postula o pontificado do Papa Francisco: “uma Igreja pobre, para os pobres e entre os pobres”. Desde o início Konrad soube ter olhos, ouvidos e coração para a realidade dos mais pobres e injustiçados da América Latina e do mundo. Manteve-se sempre em contato e em sintonia com importantes instituições ligadas à comunicação cristã tais como a União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), a ALER (Associação Latino-americana de Educação Radiofônica) e outras.

O início de suas produções deu voz e vez à juventude com os filmes vocacionais “A pedra Preciosa” e “Caminheiro não há Caminho..”, que ainda hoje ecoa nos ouvidos de muitos de nós através do refrão de uma das canções

veiculadas no vídeo: “caminheiro, não existe caminho, passo a passo e caminho se faz”. Realizou com entusiasmo a cobertura da visita do Papa Joao Paulo II ao Brasil em 1980 e a documentou através dos vídeos “A Bênção João de Deus”, “Terra Dom de Deus” e “Na Multidão um Pastor”.

Os vídeos infantis sobre as parábolas Bíblicas com “O Bom Samaritano”, “Ovelha Perdida”, “O Semeador” e os “Os sete sinais da vida” ajudaram as comunidades a tornar vivo e eficaz os compromissos assumidos no batismo e reafirmados ao receber os outros sacramentos. Somou-se a eles o documentário sobre o leprosário de Marituba e o depoimento do portador de hanseníase e ministro da comunhão Adalúcio Calado através do vídeo “Amo a Vida”. Abordou o tema da inculturação nos filmes “Missa da Terra sem Males”, “Missa dos Quilombos”, “É a Vida Que Celebramos” e “O Evangelho Crioulo”. Destaque-se a parceria que sempre estabeleceu com D. Pedro Casaldaliga, bispo emérito da prelazia de São Felix do Araguaia.

Seguiu girando pelo Brasil e América Latina e detectando realidades eclesiais e testemunhos silenciosos de tanta gente que com sua entrega e dedicação, se ofereceram até a última gota e muitas vezes entregaram a própria vida “para que todos

tenham vida”. Documentou a solidariedade das Igrejas do Sul com a realidade da Amazônia nos anos 70 através da visita do Cardeal Paulo Evaristo Arns e bispos à prelazia de Itacoatiara no filme “Chamados a ser povo”. Registrou os testemunhos martiriais de Santo Dias da Silva em “Caiu em terra boa”, de Ezequiel Ramin, Irmãs Cleusa e Adelaide Molinari; a luta do P. Josimo Morais Tavares entre os posseiros no Bico do Papagaio no filme “Na terra devastada”; a entrega do jesuíta irmão Vicente Cañas, assassinado por sua luta e presença entre os indígenas Enawenê-nawê em Mato Grosso; o testemunho das Irmãzinhas de Charles de Foucault, entre elas, a francesa Geneviève Hélène Boyé, conhecida como irmã Veva, que viveu e morreu entre os índios Tapirapè, no Mato Grosso. O compromisso radical com os pobres durante a seca do nordeste aparece em “Os pobres meus mestres”, vídeo testemunho sobre o padre Alfredinho (Fredy Kunz), religioso vítima do nazismo que entregou parte de sua vida aos pobres de Crateús e depois na periferia de Santo André, SP.

Alimentou a formação teológica com os vídeos do Curso de Verão e outros materiais produzidos pelo CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação

Popular), os encontros das CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base), assembleias da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) e tantos outros matérias produzidas para a CNBB a partir dos temas das Campanhas da Fraternidade.

Os anos de dedicação o tornaram um cineasta muito respeitado pela vastíssima obra cinematográfica de conteúdo pastoral, social e eclesial. A trilogia: Ameríndia, Pé & Fé na Caminhada, Anel de Tucum alimentou a luta e as iniciativas de pessoas comunidades que fizeram do Evangelho fonte de vida e resistência aos projetos de morte que imperam em nosso país, continente e pelo mundo afora. Estes longa metragens o fizeram ganhador de vários prêmios nacionais e internacionais.

Por ocasião dos seus 25 anos de ordenação sacerdotal, Berning recebeu homenagem de um grupo de moradores de rua ligados à Rede Rua do bairro do Brás em São Paulo e ganhou como presente uma cascuda (lata usada para receber comida na rua). Fez deste simbólico presente o cálice utilizado durante a celebração e o guardou como uma relíquia até os dias de hoje.

Dirigiu a Verbo Filmes até 1994, ano em que se mudou para a Alemanha. Após mais de trinta anos de caminhada religiosa

tomou a decisão de continuar seu projeto de vida constituindo uma família e transferindo-se para a cidade de Munster, na Alemanha. Ali, sem os mesmos recursos materiais e financeiros, mas com o apoio da esposa Brigitte Schulte, de amigos e mais tarde dos dois filhos Franz e Paul, montou um pequeno estúdio, onde continuou dando voz à Igreja do Pobres e ao espírito conciliar e traduzindo muitos dos vídeos produzidos no Brasil à língua alemã, para tornar mais conhecida e viva a caminhada da Igreja na América Latina. Foi um dos grandes promotores do Pacto das Catacumbas para os países de língua alemã.

Tive a alegria de visitar varias vezes a Konrad e sua família. As visitas à sua pequena Nazaré sempre me fizeram recordar os versos da canção de Roberto Carlos: “O seu coração é uma casa de portas abertas...” Em seu estúdio (que às vezes também servia de dormitório aos visitantes), num pequeno paraíso ecológico nos arredores de Munster ele e sua família sempre recebiam de braços abertos e cheios de alegria as visitas de pessoas simples e também inúmeras e importantes figuras do episcopado, da vida religiosa e do laicato comprometido com as causas do reino. Dentre eles cito apenas D. Luciano Mendes de Almeida e a

atual presidente da CRB Ir. Maria Inês Ribeiro, conhecida e amiga Konrad há muitos anos.

Da sua personalidade destaca-se o jeito simples e amigo, o imenso amor aos pobres e suas causas, a capacidade intelectual e o amor profundo por uma igreja ancorada no Evangelho e no espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II. Os sonhos de Konrad Berning continuam vivos nos projetos desenvolvidos pela Verbo Filmes no Brasil e nas inúmeras produções que ele realizou nos últimos anos na Alemanha.

Estou certo de que ele acompanhou com o coração cheio de alegria e gratidão as reflexões e deliberações do Sínodo para a Amazônia que será concluído amanhã em Roma. Certamente convidará tantos que já nos precederam a um encontro festivo de ação de graças no céu. Talvez não seja por acaso que tenha decidido partir às vésperas das conclusões do sínodo para Amazônia que deu destaque aos povos indígenas, ribeirinhos e à ecologia, causas que ele tanto amou e defendeu ao longo da vida. Que ele se junte à multidão de santos que o precederam para continuar nos animando a seguir em frente lutando pelas causas inegociáveis do Reino de Deus em tempos aparentemente tão sombrios. Obrigado Konrad por tua vida e testemunho missionário!

# SÍNODO: TENDA DA AMAZÔNIA - CASA COMUM

Roma 06 - 27/10/2019



IRMÃ VERA LUCIA PALERMO<sup>2</sup>

*Aquilo que vimos, ouvimos, “assinamos”  
tocamos, nós vos anunciamos....*

**S**aímos do Sínodo cheios de esperanças. Com esta frase dita pelos indígenas, no encontro com o Papa Francisco, em 18 de outubro de 2019, compartilho meus sentimentos e experiências de ter participado desse evento histórico na Igreja Povo de Deus. Foi um tempo da graça de Deus, um retiro espiritual, pisando no chão da realidade dos povos amazônicos, na diversidade de suas culturas; e assim, sendo alimentada com a cultura do bem viver que nada mais é que o projeto de vida de Jesus Salvador, que se encanou na vida

humana para que todos tenham vida, e vida em abundância.

Foram 22 dias; e cada um desses dias, foi uma nova surpresa de Deus. Os momentos de Oração de cada manhã, e a oração pelos mártires, à tarde, me fez sentir que “Tudo está interligado, como se fôssemos um. Tudo está interligado nessa Casa Comum.”

A ‘Tenda Casa Comum’ foi um espaço sagrado aberto para a reflexão e oração, debates, vigílias e orações dos rituais das aldeias, místicas, palestras, exposições fotográficas, apresentações de

<sup>2</sup> Missionária Salvatoriana.  
Contato: veraluciapalermo@gmail.com

documentários e livros, partilha de materiais e projetos, testemunhos da missão no chão amazônico, a vida palpitando e dando sentido à presença de cada um/a, na sintonia, na comunhão e na cumplicidade. Um espaço foi dado para interagir com os Padres e Madres Sinodais e divulgar os “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Eles e elas, na medida do possível, participaram também de outros eventos acadêmicos, teológicos, pastorais e universitários.

A Amazônia esteve na Itália, dando visibilidade aos gritos dos povos originários, ribeirinhos e quilombolas. O Grito que vem das entranhas da Mãe Terra. Gritos que ecoaram nas ruas e praças de Roma denunciando a opressão e injustiça que vivem nossos/as irmãos e irmãs originários.

A oração encarnada na realidade e celebrada louvando a Deus pela vida eterna dos/as mártires foi um banho de espiritualidade e mística, suscitando o desejo de viver profundamente e prolongar interiormente este encontro íntimo com Cristo Salvador, na pessoa do/a outro/a por causa da Missão. “Quando ouço falar em missões, sinto em mim um grande impulso tanto amor, tanta ansiedade, que só

então experimento em mim.” (Bem-aventurada Maria dos Apóstolos, Co-fundadora das Irmãs Salvatorianas”

Deus que ouviu o clamor do seu povo, viu o seu sofrimento, e desceu fazendo-se humano, estava ali, bem perto de nós, caminhando conosco e nos alimentando com sua Palavra de vida, solidariedade, misericórdia e compaixão, pois em cada rosto, em cada sorriso, em cada lágrima, em cada abraço, estava a certeza e a esperança de que esse Sínodo, vivido por nós, na tenda da Casa Comum, foi e será um diferencial para a Igreja povo de Deus, em movimento. Uma Igreja Sinodal que já abriu as portas e janelas e saiu para caminhar junto com seu povo.

Num gesto solidário e de comunhão, fizemos uma peregrinação, saindo do túmulo de São Pedro, dentro da Basílica, caminhando junto com o Papa Francisco e as/os sinodais, cantando, dançando, com cartazes, lembrando a vida das/os mártires que continuam suas lutas através de nosso compromisso com a vida e com a justiça. Vimos o sorriso do Papa Francisco que caminhava lado a lado com indígenas, religiosas/os, pessoas engajadas na causa da Amazônia, que lhe davam a mão e sentia a profecia brotar do seu olhar cheio de esperança, pois este foi e será sempre um

tempo da graça de Deus para a Igreja Povo de Deus, que está em contínuo movimento. Vivemos ali, interligados uns com as/os outras/os e na comunhão com a Trindade, Deus Amor que com seu sopro Divino foi enviando luzes para os Padres e Madres Sinodais.

Recordando os mártires da Amazônia, aqueles que derramaram o sangue pela defesa da terra, da água, da floresta, da cultura... e pela justiça. Fizemos uma Via-Sacra pelas ruas de Roma, até a praça São Pedro, desejando que nosso canto, nossas orações, nossos gritos cheguem até os confins da terra, e dela surja o vinho novo, transformado da água dos rios amazônicos, e a vida dos que estão à margem, possa ressurgir e criar carne de esperança e vida digna como nos fala a linda profecia de Ezequiel 37, 1ss “Profetize, dizendo: Ossos secos, ouçam a palavra de Javé!”

Nas catacumbas de Santa Domitila, fomos testemunhas e assinamos o pacto firmado ali, com a causa dos empobrecidos pelo sistema, e pela causa dos povos originários desrespeitados nos seus direitos. Assinamos um pacto de lutar e estar em comunhão com a Mãe Terra que tão friamente é assassinada com dejetos e queimadas, e vê seus filhos e filhas sendo mortos, todos dias, por invasores que por causa

da ganância e poder se tonam desumanos e cruéis.

Depois de 54 anos do pacto do Vaticano II, no mesmo espaço, foi firmado não só pelos bispos, mas pela Igreja Povo de Deus, feita de mulheres e homens de diversas culturas, de países diferentes e de outras confissões. Assinamos um pacto por uma Igreja em saída e com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana. Nas Catacumbas de Santa Domitila, fazendo memória do Mártir Jesus, e de todos os que, pela fé n’Ele, derramaram seu sangue; renovamos a nossa opção e compromisso em lutar pelas causas dos empobrecidos pelo sistema e em defesa da Casa Comum, tão duramente assassinada pelo, fogo, mineração e desmatamento cruel. Pisar nesse chão sagrado e testemunhar esse pacto, foi um dos momentos mais lindos, emocionantes e significativos. Não podemos nos calar, pois, se calarmos, as pedras falarão.

Um grupo de indígenas, na maioria brasileiros, esteve em Roma durante o Sínodo para “fotografar” fielmente a Amazônia para quem não conhece aquela realidade. Outros povos também, ali, estiveram expressando sua dor: Angola, R. Democrática do Congo, Canadá, Guatemala e Guiné-Bissau, pois, mesmo não vivendo na grande Amazônia, suas lutas são as mesmas, as

mesmas reivindicações e os mesmos desafios.

Choramos junto com o grupo de indígenas, que percorrem o mundo, pedindo justiça com o Lema: “nenhuma gota mais de sangue indígena” e dentre eles, estava Sonia Guadalajara, mulher guerreira e profetiza, que dá a vida não somente pelo seu povo, mas para que todos os povos indígenas tenham vida e vida digna. Nos emocionamos ao ouvirmos os relatos sobre os 276 mortos em brumadinho/MG.

Foram momentos da graça de Deus, vividos com muita emoção e sentido de pertença à Igreja, santa e pecadora, mas sabiamente conduzida pelo nosso Papa Francisco. Experiência de que o Espírito de Deus que pairou sobre as águas, como no relato do Gênesis, continua pairando sobre nós, sobre a Igreja povo de Deus que busca caminhos novos para uma Ecologia Integral.

Este é o tempo favorável para toda Igreja, convocada a uma conversão de pensamento, palavras e atitudes, pois o Cristo Salvador aponta para a Amazônia. Ele, nos convida a SAIR. Sair de nós mesmas, sair dos Conventos. Sair.... Abrir janelas e portas e deixar o novo ar entrar e purificar nossas mentes e corações, já acomodados e acostumados com os odres velhos, empoeirados que já não contém mais vinho. “Eles não têm

mais vinho”.... É difícil constatar que não há mais vinho, não há mais festa, não há mais aliança.... O Sínodo é o vinho novo trazido pelo Espírito de Jesus de Nazaré para celebrarmos a festa da vida onde todos seremos um, interligados na Casa Comum.

Eu volto renovada, com mais responsabilidade, com a esperança de que juntas/os podemos mais. Tenho certeza de que podemos dar passos em direção a um compromisso mais profético, sem ter medo do que virá ou possa acontecer. Como mulher consagrada Salvatoriana, eu carrego em mim, a certeza de que Deus não me conduziu até Roma para estar na Tenda da Casa Comum, para depois retornar e cruzar os braços. Ele me convoca a não sossegar até que muitos conheçam o projeto de vida e de missão de Jesus Salvador, e se comprometam com a causa da justiça e do direito à uma vida digna para todos.

O Sínodo Tenda Amazônica Casa Comum foi construído em mutirão. Muitas mãos se interlaçaram, muitos olhares se cruzaram, muitos ventres se uniram, muitos corpos se abraçaram, muitas mentes pensaram em sintonia, muitos dedos escreveram, muitas bocas se abriram, muitas palavras foram ditas, muitos ouvidos escutaram, muitas vidas foram doadas, muitos pés caminharam,

muitas lágrimas rolaram, muitos rostos sorriram, muitas emoções foram vividas, muitas dores expressadas, muitas canções foram entoadas, muitos gritos ecoaram, e, muitas vezes, diante da dor, silenciamos.

O sínodo foi um grito forte que veio (e continua ecoando) das entranhas da Mãe Terra, em dores de parto. Um gemido de dor do Espírito de Deus que suscita no Papa Francisco a profecia utópica de ver todos os seres vivos viverem juntos, na Casa Comum, construída pelo Criador, pois “haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória o povo nas ruas fazendo a história, crianças sorrindo em toda a nação”.

### Clamor da Mãe Terra

A vida clama nas entranhas da Mãe Terra,  
Ouvem-se seus gritos de dor e sofrimento,  
Rasga-se o ventre para a vida nascer.

O deserto é secura desumana,  
Por justiça,  
igualdade a vida clama!  
Em cima, a Terra é árida e fria;  
Em suas entranhas gera vida e alegria!  
Ouvem-se os gritos nas Entranhas da Mãe Terra.

São os empobrecidos sem-terra, sem casa, sem boia,  
Povos originários,  
ribeirinhos, quilombolas  
Querendo nascer, querendo viver. SER! Apenas SER!

Passam-se os meses....  
Oito.... Nove...?  
Não sei ao certo!  
Deixem, deixem nascer no deserto,  
A vida que está para acontecer!

Ecoa-se nos ares o choro da Mãe Terra em dores de parto.  
Nascerá na palhoça, no rio,  
na favela, no cortiço, na rua?

Os filhos de suas Entranhas nuas!  
Gritos se ouvem em todo o País...  
Seca, fome, violência,  
corrupção, miséria, dor;  
São gritos profundos que vêm do submundo!  
Cavem! Cavem! Cavem mais fundo!  
A Mãe Terra está grávida.

Não deixem a esperança morrer...

Termino com as palavras de Cristina Bautista indígena da Colômbia assassinada junto com mais quatro pessoas: *“Si callamos, nos matam, y si hablamos, tambien; entonces, hablamos”*.

# MISSÃO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA JOVEM NA AMAZÔNIA 2019

UM CONVITE AO RIO TAJAPURU (BREVES-PA)

LEANDRO SANTOS DE CARVALHO, OSA<sup>2</sup>

## Sobre o projeto

A “Missão da Vida Religiosa Consagrada Jovem na Amazônia” é um projeto do Setor Juventudes e Novas Gerações da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) que, desde 2015, tem convidado e provocado os religiosos e religiosas jovens das diversas congregações

<sup>2</sup> Religioso-irmão da Província Agostiniana Nossa Senhora da Consolação do Brasil, natural de Belém do Pará. Atualmente compõe a Fraternidade Frei Marcelino Barrio, comunidade religiosa localizada em Chapada do Norte, Diocese de Araçuaí, região do Vale do Jequitinhonha. Participou da Missão da VRC Jovem na Amazônia nos anos de 2017, 2018 e 2019. E-mail: leandropa.carvalho@gmail.com

e ordens, a partir da etapa do Juniorato, a realizarem uma experiência missionária em terras amazônicas. Tal ação tem como objetivo fazer crescer o grande ardor missionário despertado no chamado à Vida Consagrada, oportunizando conviver, conhecer, aprender e trocar experiências na realidade da Amazônia, o que ajuda a criar uma consciência mais aberta da Igreja para além dos “limites” de suas congregações.

Afinal, é muito válido perguntar: o que você sabe sobre

a realidade pastoral da Igreja Católica na Amazônia e dos desafios enfrentados pelos povos da região?

Começamos então fazendo uma breve recordação da história da caminhada deste bonito projeto da Missão da VRC Jovem na Amazônia.

## **Sobre os lugares da Missão visitados pelos missionários desde 2015 a 2019**

A Missão da VRC Jovem tem percorrido diferentes lugares da região Amazônica de acordo com o convite recebido por parte dos bispos, em parceria de trabalho com os Núcleos das Regionais da CRB. Inicialmente, em 2015, a acolhida da Missão foi feita pela Diocese de Santarém. Um projeto ainda tímido, mas que já apresentava todo potencial para ser uma iniciativa que daria muitos bons frutos.

Nos anos de 2016 e 2017, a responsabilidade da experiência missionária foi feita pela Diocese de Macapá. Em 2016, durante a Semana Santa, quinze missionários e missionárias se fizeram presentes em algumas comunidades das cidades de Tartarugalzinho-AP e Mazagão-AP. Já em 2017, no período de 06

a 16 de abril, na região das ilhas, outros vinte e oito missionários e missionárias viajaram uma longa distância de barco até as comunidades ribeirinhas da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, localizada no município de Santana-AP.

Em 2018, a convite do Bispo Dom Evaristo Spengler, ofm, da Prelazia do Marajó, a Missão aconteceu nas comunidades ribeirinhas da Paróquia Menino de Deus, do município de Anajás-PA, como carinhosamente nos relatou a querida Irmã Ana Marta da Silva (cf. SILVA, 2018), religiosa Canossiana que participou da missão naquele ano. Naquele ano, a participação dos missionários foi maior que no anterior: trinta jovens aceitaram o convite da Missão!

Em 2019, já na quinta edição, tendo recebido novo convite de Dom Evaristo, o lugar de realização da Missão foi em Breves-PA, município também localizado no arquipélago do Marajó. Seu pedido era que a Missão fosse realizada nas comunidades ribeirinhas da Paróquia Nossa Senhora Santana, localizadas no Rio Tajapuru e em alguns dos seus afluentes.

A Missão em Breves-PA contou com a participação de 43 missionários e missionárias, provenientes das mais variadas

regiões do Brasil e oriundos de 28 congregações diferentes, número este que muito surpreendeu as expectativas da equipe organizadora. Representantes da Cáritas Brasileira também se juntaram ao grupo no intuito de organizar dados concretos sobre a região para fomentar trabalhos e projetos na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.

Ainda em Belém-PA, tod@s participaram de uma formação acerca da realidade eclesial, social, geográfica e econômica do arquipélago marajoara. Foi um dia inteiro de palestras e orientações em preparação aos dias de missão. Porque, de fato, muitos poderiam se perguntar: “Mas por que a missão no Rio Tajapuru?”

Para quem desconhece, as águas do Rio Tajapuru, que banham cidades como Breves, Melgaço, Portel, Anajás e Chaves são o cenário para uma triste realidade do Marajó: a exploração sexual infantil dentro das embarcações. Muitas vezes incentivadas pelos próprios pais, crianças das comunidades ribeirinhas saltam de balsa em balsa em troca de alimento, dinheiro ou óleo diesel. Sabe-se que essa situação não é de hoje, pelo contrário, acontece há anos na região, cujas crianças são conhecidas como “meninas e meninos balseiros”. Nesse contexto, o papel da Igreja

Católica tem sido de grande relevância contra essa exploração, e luta para livrar essas crianças de um futuro desumano.

No total, foram visitadas 39 comunidades nesta Missão. Valeu a coragem e a criatividade d@s missionári@s para que a missão pudesse ser, de fato, um encontro evangelizador, tanto para quem estava visitando quanto para quem estava sendo visitado.

### **Para refletir, rezar e buscar agir**

Costumo dizer que quem nunca pisou na Amazônia, infelizmente, passa a acreditar somente nas informações e documentários que vê na televisão. Santo Agostinho dizia que o mundo é um livro, mas quem fica somente em casa, ou seja, na sua zona de conforto, acaba lendo apenas uma única página dessa grande obra. Ora, sabemos que é diferente quando se vai até o lugar para conhecê-lo de perto, ou seja, é preciso fazer a experiência.

Para muit@s navegantes de primeira viagem até a Amazônia, o que se nota rapidamente, logo mesmo ao descer do avião ou do ônibus, é o calor da região Norte do nosso Brasil. E não há como não se admirar também com a

imensidão dos rios e igarapés, a variedade de peixes, de frutas, de temperos, entre outras coisas. É a Amazônia e seus encantos.

Dito isto, podemos retomar a pergunta inicial: o que você sabe mesmo sobre a realidade pastoral da Igreja Católica na Amazônia?

Com certeza não é minha pretensão responder a essa pergunta com dados estatísticos, muito menos com uma enxurrada de informações de diversas áreas do conhecimento. Pelo contrário, tentarei partilhar com vocês o que tenho escutado de diferentes religiosos e religiosas, nesses três anos de minha participação na Missão da VCR Jovem, sobre o que “leram” do grande livro que é a região amazônica e o que aqueceu o coração de cada um@.

Eu sou filho da Igreja do Norte, natural de Belém do Pará, e reconheço que os povos da Amazônia têm uma força inigualável. Superam desafios de diversos tipos todos os dias com o coração cheio de esperança. Porém, mesmo em meio a tantos obstáculos cotidianos, os dias de missão são marcados pela acolhida fraterna das famílias, aproximação, simplicidade, despojamento e a escuta atenta dos clamores daqueles que moram naquela região.

As comunidades celebram a fé em Cristo Jesus nas ocasiões das

Celebrações da Palavra, Círculos Bíblicos, reza do Terço, festa do padroeiro, entre outros encontros. A Celebração Eucarística, contudo, na maioria das comunidades, só acontece uma vez ao ano. E essa informação sempre surpreende muit@s missionári@s de primeira viagem. “Uma vez ao ano?!”.

Já percebi que uma fala é sempre recorrente nos depoimentos e partilhas de muit@s que fazem essa experiência da Missão na Amazônia: “eu pude contemplar um rosto de Deus”. Ou seja, em poucos dias de presença na região amazônica, é possível perceber que Deus se revela na beleza da natureza, na abundância das águas e riqueza de alimentos (o açaí, por exemplo). Deus pode ser contemplado nas virtudes do povo ribeirinho, sobretudo na acolhida, a sensibilidade, a partilha do pouco que têm que se torna muito, a sapiência não letrada, a paciência de esperar o movimento das águas e a serenidade.

Mas também encontramos inúmeras problemáticas sociais, muita pobreza, falta de postos de saúde, de segurança pública, educação de qualidade. Em conversas com as pessoas da região, é muito comum escutarmos sobre relatos de assaltos nos navios e nas balsas praticados pelos “piratas do Marajó”. Os casos de exploração

sexual infantil que acontecem em muitas famílias e nas balsas também são incidentes lamentáveis registrados na região.

Ora, perceber as lutas, as angústias, mas também as alegrias, os sonhos do povo daquela região, faz acontecer uma mudança de percepção e compreensão no coração daqueles que nunca tinham estado na Amazônia. Percebe-se que moram pessoas lá! Dizendo assim pode parecer muito óbvio, mas essa é a primeira mudança de mentalidade ocorrida depois da experiência no contato com o povo amazônico. O que acontece é que muitas vezes esse povo é esquecido, desmerecido, deixado de lado nas políticas públicas, pouco valorizado.

## A missão não pode parar

E não pode parar mesmo...! Como discípulos e discípulas missionári@s de Jesus, somos provocados todos os dias a não desanimar diante dos desafios e manter o coração sempre aquecido pelo Evangelho. O arquipélago do Marajó, ou melhor, a região amazônica como um todo, bem como outras regiões do Brasil e do mundo, necessitam bastante da presença da Vida Religiosa Consagrada.

Nesse sentido, o projeto da Missão da VRC Jovem tem

ganhado força, também, por tudo que Deus tem realizado nos corações d@s missionári@s que já participaram. Nesse sentido, vale a pena dizer a outros irmãos e irmãs que a Amazônia carece da presença de mais religiosos e religiosas para estar ao lado de tais pessoas, simplesmente evangelizando com seu testemunho de vida e doação pelo Reino de Deus. Você mesm@ já pensou nessa possibilidade?

E você, superior/superiora da sua Congregação ou Ordem, faça esse convite a outros irmãos e irmãs para participarem dessa experiência missionária. Sair das fronteiras interiores sempre fará bem ao coração consagrado a Deus e aos irmãos.

Dessa forma, continuemos na Missão, com fé e coragem, desejosos de sermos sal e luz neste mundo, cheios da inspiração do Espírito. Afinal, a Vida Religiosa deve continuar sendo, hoje mais ainda, a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo. Avante!

## Referências:

SILVA, Ana Marta da. Experiência de inserção missionária na Prelazia do Marajó/PA. *Revista da Convergência dos Religiosos do Brasil*. Brasília, ano 53, nº 517, p. 31- 33, dez. 2018.

## VI ENCUENTRO INTERNACIONAL DE REVISTAS DE VIDA CONSAGRADA

Fátima- Portugal, 27-29 enero 2020

### MESAJE FINAL - EL ARTE DE ESCUCHAR, DISCERNIR, COMUNICAR, ANIMAR Y ACOMPAÑAR A LA VIDA RELIGIOSA

*«Y no os acomodéis al mundo presente, antes bien transformaos mediante la renovación de vuestra mente, de forma que podáis distinguir cuál es la voluntad de Dios: lo bueno, lo agradable, lo perfecto» (Rm 12,2)*

Escuchar, discernir, comunicar, animar y acompañar son los verbos que durante el VI Encuentro Internacional de directores y encargados de Revistas de Vida Consagrada, reunidos en Fátima-Portugal del 27 al 29 de enero de 2020, son mociones del Espíritu que a lo largo de las distintas sesiones y en el compartir diario han salido en los diálogos, comunicaciones, ponencias y reflexiones que se han suscitado y que hacen del ejercicio del oficio de

comunicadores y periodistas de la vida consagrada un arte que debemos potencializar y valorar al interior de las comunidades y de la Iglesia.

Las revistas y publicaciones de la vida consagrada son uno de los tantos instrumentos que tenemos para formarnos, actualizarnos, renovarnos y otear nuevos horizontes en el hoy de la realidad social y de la Iglesia. Cada revista es el manantial u oasis en el cual podemos beber del agua que puede dar sentido, vitalidad y esperanza a la vocación especial que, los religiosos y religiosas, tenemos para el servicio de los más necesitados y de la Iglesia universal.

Reconocemos que la realidad social y eclesial, en este momento de la historia, tiene unos matices especiales que no podemos desconocer y que nos deben interpe- lar para llevar una palabra amiga y cercana a las comunidades de hermanos y hermanas en los distintos ambientes donde ha- cemos presencia. Nos sentimos comprometidos con la erradica- ción de todo tipo de abuso y con los procesos de reorganización y formación para la interculti- ralidad, intergeneracionalidad, intercongregacionalidad, y mi- sión compartida que muchos institutos han asumido como camino para este estilo de vida.

En comunión con el magisterio de la Iglesia, sabemos y recono- cemos que el arte de comunicar nos exige saber *narrar y contar las his- torias de vida de los religiosos y reli- giosas*, como nos lo recuerda en el último mensaje, con motivo de las comunicaciones sociales, el papa Francisco, y de los acontecimien- tos que atañen, directamente, a la vida consagrada en el mundo. Hacer de nuestros medios de co- municación escritos un ágora de evangelización *ad intra* y *ad extra*, de la Iglesia. Nos urge conocer e involucrarnos en la realidad del mundo. Las redes sociales son hoy un medio que nos desborda y que debemos saber orientar para su adecuado uso y para llegar a los jóvenes y estar presentes en este nuevo continente digital.

Las revistas y publicaciones de la vida consagrada debemos estar al ritmo de los cambios y exigencias de los medios de co- municación. Ser escrutadores y buscadores de las palabras oport- unas para llegar a las manos de nuestros lectores, capturar su atención y contribuir a sus proce- sos de formación, actualización, renovación y revitalización hu- mana, fraterna, afectiva, sexual, misional y pastoral.

Hoy, la Iglesia y la vida con- sagrada esperan que nuestros medios de comunicación sean portavoces de la alegría y espe- ranza, en medio de un invierno que parece arrasar y acabar con las ilusiones y motivaciones para seguir el camino emprendido de ser religiosos y religiosas que dejándolo todo, siguen al Señor para llevar su mensaje de salva- ción y liberación al mundo.

Nos sentimos llamados a ahon- dar los temas que aporten un há- lito de discernimiento y escucha, de los clamores de tantos religio- sos y religiosas que hoy sienten el peso de las estructuras y ritmos de vida que nada tienen de no- vedad. Sabemos y reconocemos que el arte de escuchar, discernir, comunicar, animar y acompañar nos pone en búsquedas y riesgos que debemos asumir para llegar a los religiosos y religiosas con una dosis de espiritualidad y mística que resigneifique y ayude avivar el fuego del amor primero, que

es el centro y principio fundante de la vida consagrada.

Hemos sido interpelados por la necesidad de saber escuchar y discernir el llamado a comprometernos con las cinco conversiones que al interior de la Iglesia, sociedad y vida consagrada nos urge reflexionar, profundizar y considerar personal y comunitariamente, como son: la conversión integral, pastoral, cultural, ecológica y sinodal. Que favorezcan y renueven la vida comunitaria y las dinámicas organizativas y funcionales de las distintas obras misionales.

Como medios de comunicación de la vida consagrada, desde las líneas editoriales, sentimos que el Espíritu del Señor, nos invita a poner lo mejor de cada publicación al servicio de la vida consagrada y de la Iglesia. Por ello, es oportuno el texto de san Pablo a los romanos en el cual nos recuerda que no debemos acomodarnos al mundo presente, sino por el contrario, a vivir continuos procesos de transformación y renovación de mente, para discernir y distinguir la verdadera voluntad de Dios y poder ofrecer a los religiosos y religiosas del mundo, lo que es bueno, agradable y perfecto, y contribuya a la construcción de verdaderas comunidades religiosas que, con sus obras pastorales, apostólicas y misioneras, puedan ser semillas

del Reino de Dios en los distintos lugares donde hacen presencia la vida consagrada en el mundo.

Somos la semilla que va germinando, madurando y dando fruto en los distintos caminos por los cuales transita y se encuentra en camino la vida consagrada. El arte de escuchar, discernir, comunicar, animar y acompañar a la vida religiosa es, la tarea, misión y servicio que tenemos en nuestras manos con cada publicación y edición.

Deseamos que el Señor, a través de la virgen María, bajo la advocación de nuestra señora del rosario de Fátima, nos anime, ilumine y guíe en el servicio que prestamos a la vida consagrada e Iglesia de escuchar, discernir, comunicar, animar y acompañar la realidad de los religiosos y religiosas en el mundo.

Finalmente, las revistas, que participamos en el VI Encuentro Internacional de Revistas, agradecemos a la Conferencia de Institutos Religiosos de Portugal por su acogida, apoyo y liderazgo para organizar, ambientar, atender, convocar, alojar y desarrollar este encuentro que nos compromete a seguir en comunicación y a acrecentar los lazos de fraternidad y sinergia para que cada revista sea testimonio de su papel de interpelar y abrir búsquedas y horizontes para la vida consagrada.

## VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE REVISTAS DE VIDA CONSAGRADA

Fátima- Portugal, 27-29/01/2020

### MENSAGEM FINAL - A ARTE DE ESCUTAR, DISCERNIR, COMUNICAR, ANIMAR E ACOMPANHAR A VIDA RELIGIOSA

*“E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”.*  
(Rm 12,2)

**E**scutar, discernir, comunicar, animar e acompanhar foram os verbos que durante o VI Encontro Internacional de editores e encarregados de revistas de Vida Consagrada, reunidos em Fátima-Portugal, de 27 a 29 de janeiro de 2020, moveram as várias sessões e a partilha diária nos diálogos, nas comunicações, nas palestras e reflexões que surgiram e que fazem do

exercício de comunicadores e jornalistas da vida consagrada uma arte que devemos potencializar ainda mais no interior das comunidades e da Igreja.

As revistas e publicações da vida consagrada formam alguns dos tantos instrumentos que temos para favorecer a formação, atualização, renovação e nortear novos horizontes na realidade atual social e eclesial. Cada revista é uma fonte, um oásis, no qual podemos beber da água que pode dá sentido, vitalidade e esperança à vocação especial que os religiosos e religiosas temos para o serviço dos mais necessitados e da Igreja católica.

Reconhecemos que a realidade social e eclesial, neste momento da história, tem alguns matizes especiais que não podemos desconhecer e que devem nos interpelar para saber levar uma palavra amiga e próxima às comunidades de irmãos e irmãs nos distintos ambientes onde estamos presentes. Sentimo-nos comprometidos com a erradicação de todo tipo de abuso e com os processos de reorganização e formação para a interculturalidade, intercongregacionalidade, intergeracionalidade, e missão partilhada que muitos institutos têm assumido como caminho para este novo estilo de vida.

Em comunhão com o magistério da Igreja, sabemos e reconhecemos que a arte de comunicar exige de nós saber narrar e contar as histórias da vida dos religiosos e religiosas, como bem nos recorda o Papa Francisco, na última mensagem pela comemoração do dia das comunicações sociais, e os acontecimentos que afetam, diretamente, a vida consagrada no mundo: fazer dos nossos instrumentos de comunicação escritos uma ágora de evangelização ad intra e ad extra, da Igreja. É urgente nossa inserção na realidade do mundo. As redes sociais são hoje meios que estão à nossa frente e que devemos saber orientar para o adequado uso e para chegar aos jovens e estar presentes neste novo continente digital.

As revistas e publicações da vida consagrada devem estar no ritmo das mudanças e das exigências dos meios de comunicação. É preciso saber escutar e buscar as palavras oportunas para chegar às mãos de nossos leitores, captar a atenção e contribuir para os processos de formação, atualização, renovação e revitalização humana, fraterna, afetiva, sexual, missionária e pastoral.

Hoje, a igreja e a vida consagrada, esperam que nossos meios de comunicação sejam porta-vozes de alegria e esperança, no inverno que parece destruir e acabar com os sonhos e motivações para seguir o caminho iniciado de ser religiosos e religiosas que deixando tudo, seguem o Senhor para levar a sua mensagem de salvação e liberação para o mundo.

Sentimo-nos chamados a aprofundar os temas que ajudem no discernimento e na escuta, dos gritos de religiosos e religiosas que atualmente sentem o peso das estruturas e os ritmos de vida que nada têm de novidade. Sabemos e reconhecemos que a arte de escutar, discernir, comunicar, animar e acompanhar nos colocam na busca e diante dos perigos que devemos assumir para chegar aos religiosos e religiosas com uma dose de espiritualidade e mística que resinifique e ajude no avivamento do fogo do primeiro amor, que é o centro e princípio fundante da vida consagrada.



Fomos interpelados pela necessidade de saber escutar e discernir o chamado ao compromisso com as cinco conversões que no interior da Igreja, da sociedade e da vida consagrada, é urgente refletir, aprofundar e considerar pessoal e comunitariamente: conversão integral, pastoral, cultural, ecológica e sinodal. Que elas favoreçam e renovem a vida consagrada e as dinâmicas organizacionais e funcionais das distintas missões.

Como meio de comunicação da vida consagrada, desde as linhas editoriais, sentimos que o Espírito do Senhor pede que coloquemos o melhor de cada publicação a serviço da vida

consagrada e da igreja. Para isto, é oportuno o texto de São Paulo aos Romanos o qual nos recorda que não podemos nos acomodar ao mundo presente, mas ao contrário, temos que viver contínuos processos de transformação e renovação de mentalidade, para discernir a verdadeira vontade de Deus e poder oferecer aos religiosos e religiosas que, com suas obras pastorais, apostólicas e missionárias, possam ser sementes do reino de Deus nos distintos lugares onde estão presentes como vida consagrada.

Somos a semente que germina, amadurece e dá frutos nos vários caminhos pelos quais transitamos

como pessoas consagradas. A arte de escutar, discernir, comunicar, animar e acompanhar a vida consagrada é, a tarefa, missão e serviço que temos em nossas mãos em cada publicação e edição.

Desejamos que o Senhor, através da Virgem Maria, sob a devoção de Nossa senhora do Rosário de Fátima, nos anime, ilumine e guie no serviço que prestamos a vida consagrada e a Igreja no saber escutar, discernir, comunicar, animar e acompanhar a realidade dos religiosos e religiosas no mundo.

Finalmente, todos nós que participamos deste Encontro, agradecemos a Conferência dos Institutos de Religiosos de Portugal pela acolhida, apoio e liderança na organização, ambientação, atenção, convocação, hospedagem e desenvolvimento deste evento que nos compromete ainda mais com a comunicação e a crescer nos laços de fraternidade e sinergia para que cada revista seja testemunha do seu papel de interpelar, abrir e buscar novos horizontes para a vida consagrada.

## CONFEDERACIÓN CARIBEÑA Y LATINOAMERICANA DE RELIGIOSAS/OS – CLAR HAGAN TODO LO QUE ÉL DIGA ¡YA ES LA HORA!

*América despierta ¡ya es la hora!*  
**Memoria, Martirio y Misión**

### **XLVII Junta Directiva**

San Salvador, 5 a 7 de febrero de 2020

### **CONSIDERACIONES FINALES**

**Q**ueridas hermanas y hermanos, les saludamos desde el Continente Latinoamericano y Caribeño; particularmente, desde El Salvador, tierra de mártires, espacio sagrado para el cristianismo, lugar privilegiado para revitalizar nuestra Vida Religiosa. Desde aquí contemplamos a Jesús, el primer Mártir, que nos pide hacer memoria de la realidad del Evangelio en nuestras

vidas, exigiéndonos convertirnos en colaboradores de su Reino, a niveles cada vez más hondos de mística, profetismo y coherencia.

En estas circunstancias, la Junta de la CLAR mantuvo, de principio a fin, la memoria viva de Monseñor Romero, como símbolo de la comunidad martirizada en el Continente: Elba, Celina, Ita y sus hermanas; los jesuitas de la UCA; Rutilio; y tantos rostros desvanecidos en el anonimato,

pero distinguidos en la fuerza salvadora del martirio. Juntos con ellas y ellos queremos que retoñe la nueva manera de ser Vida Religiosa.

El Horizonte Inspirador, basado en las Bodas de Caná (Jn 2), nos hizo tener presente las seis tinajas en las que vemos contenidos los siguientes seis temas: el vivir con sentido la propia vocación, la espiritualidad trinitaria, un nuevo modelo de ser Iglesia, la opción por las personas y grupos más excluidos, una ética del cuidado y el encuentro, y la ecología integral. Al trasfondo de estas inspiraciones evangélicas, analizamos este contexto histórico, donde las luces y las sombras se disputan el espacio. Identificamos las realidades que más nos preocupan:

- **Nuestra Casa Común.** Compartimos con humanidad un peligro inédito de la historia. Nuestra inquietud es por los más pobres, pues ellos son los primeros en sufrir las consecuencias de los cambio climáticos, entre otros males ecológicos.
- **El nivel de violencia que, por razones diversas, asola nuestro Continente.** Este último año tuvieron lugar una serie de explosiones sociales, causadas por diversos tipos

de injusticias y desigualdades, las que fueron reprimidas por las fuerzas políticas con perjuicio de los derechos humanos. A esta violencia se suma la del narcotráfico, que en las últimas décadas ha causado millares de muertos en el Continente.

- **La migración creciente de gentes que dejan sus países huyendo de la miseria.** Ellas, a veces, corren la suerte de ser bien recibidas. Pero, frecuentemente son objetos de tratos racistas y de que se las explote, especialmente si son mujeres. La migración venezolana, ha llamado la atención del mundo, por sus más de 4 millones de personas.
- **La situación de la mujer.** A pesar de los avances alcanzados en su beneficio, el Continente tiene estadísticas escandalosas de abusos contra las mujeres. Los feminicidios parecen ser rutina en las noticias. Preocupa la ausencia femenina en los espacios de toma de decisiones, a pesar de su capacidad para participar creativa y responsablemente en diversas instancias. Ya que la Iglesia de América Latina y el Caribe tiene rostro de mujer, es hora de que ella también pueda ejercer plenamente su dignidad humana y religiosa.

- **La política deteriorada por los políticos.** Nuestras democracias están en peligro, pues los partidos y sus dirigentes, vinculados a la empresa privada, son objeto fácil de corrupción. Nadie en América Latina y el Caribe quisiera volver a los terribles años de las dictaduras militares. Pero cuando nuestras democracias están al servicio de los intereses del capital, parece que estuviéramos retrocediendo, poniendo en peligro los avances en materia de derechos civiles, sociales y humanos.
- **El modo de organizar la economía.** Hoy, en tiempos de globalización, es difícil para los países sustraerse a las poderosas fuerzas del mercado internacional. Las principales decisiones económicas se toman fuera de nuestras fronteras, imponiéndonos modelos de desarrollos insolidarios, contrarios a nuestros propios valores culturales.

En este contexto histórico, es poco lo que las/os religiosas/os podemos hacer. Aun así, bajo los criterios del Reino, pensamos que este “poco” puede ser muy significativo. Oportunamente, el papa Francisco nos ha invitado a poner en práctica la Sinodalidad, que consiste en hacer camino juntas y juntos, en un mismo plano

de igualdad y responsabilidad, como pueblo de Dios. El Papa, por esta vía, repone a la Iglesia en los rieles del Concilio Vaticano II. Es fecundo todo el proceso del Sínodo sobre la Amazonía, especialmente por la presencia de sujetos olvidados, indígenas y mujeres, que hablan en nombre de las comunidades silenciadas. Aún estamos a la espera de su Exhortación Apostólica. La Vida Religiosa quiere asumir este gran desafío. Vemos que entre las congregaciones existe una práctica de sinodalidad. La CLAR representa este valor. Por esto, hemos visto necesario el desafío de las interrelaciones entre todas las personas e instituciones, e incluso, con todos los seres humanos con quienes vamos haciendo el camino.

La Junta, en comunión con el pensamiento del papa Francisco, ha querido asumir el compromiso de una conversión integral, a saber, una conversión ecológica, cultural, ministerial y, como se ha dicho, sinodal. En este sentido, importan mucho las siguientes actitudes: la voluntad de diálogo, para compartir nuestras más variadas experiencias; y la disponibilidad para construir puentes.

Este camino sinodal presenta algunos desafíos a las relaciones al interior de la Iglesia: nos inquieta la relación entre la Vida Religiosa y la jerarquía cuando ésta es alterada por el

clericalismo, tan criticado y desaprobado por el papa Francisco, por oponerse al espíritu del Evangelio. Otros desafíos son: superar la tentación de comunidades religiosas con tendencias a cerrarse sobre sí mismas, como si pudieran prescindir de las demás; dar espacio a las Nuevas Generaciones quienes con su dinamicidad traen para este tiempo el soplo renovado de la Ruah divina; crear espacios protectores para el cuidado y protección de menores y adultos vulnerables y denunciar el abuso de poder, de conciencia y sexual.

Estamos en un tiempo de esperanza. Somos vocacionados para estar con el Señor y servir a su causa, lo que nos invita a mirar en su misma dirección y a tener sus propias actitudes para conducir esta historia a su plenitud. Es poco lo que podemos hacer, pero el Reino comienza con lo pequeño, y esto nos reviste de confianza y fortaleza. No hay amor más grande que gastar la vida por las amigas y los amigos. ¡Ánimo Vida Religiosa! Es María quien nos recuerda: ya es la hora de hacer lo que Él nos dice.



## CONFERÊNCIA CARIBENHA Y LATINO - AMERICANA DOS RELIGIOSOS/AS - CLAR

*Façam tudo o que ele diga! Esta é a hora!  
América desperta! Esta é a hora! Memória, Martírio e Missão*

### *Conselho das Presidências*

São Salvador/El Salvador,  
05 a 07 de fevereiro de 2020

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Q**ueridas irmãs e irmãos, recebam nossa saudação desde o Continente Latino-americano e Caribenho; particularmente, desde São Salvador, terra de mártires, espaço sagrado para o cristianismo, lugar privilegiado para revitalizar nossa Vida Religiosa. Desde aqui contemplamos Jesus, o primeiro mártir, que pede que

façamos memória da realidade do Evangelho em nossas vidas, exigindo que nos convertamos em colaboradores do seu Reino, a níveis cada vez mais profundos e místicos, profético e coerente.

Nestas circunstâncias, o Conselho das presidências da CLAR manteve do início ao fim, a memória vida de São Oscar Romero, como símbolo

da comunidade martirizada no Continente: Elba, Celina, Ita e suas irmãs; os jesuítas da UCA; Rutilio; e tantos rostos desfigurados no anonimato, porém, exaltados na força salvadora do martírio. Juntos com eles e elas queremos reavivar a nova maneira de ser Vida Religiosa Consagrada.

O horizonte inspirador, iluminado pelas Bodas de Caná (Jo 2), trouxe-nos à mente as seis talhas com os seguintes temas: viver com sentido a própria vocação, a espiritualidade trinitária, um novo modelo de ser Igreja, a opção pelas pessoas e grupos excluídos, ética do cuidado e do encontro, e a ecologia integral. Na base destas inspirações evangélicas, analisamos o atual contexto histórico, no qual as luzes e as sombras disputam entre si por espaço. Identificamos as realidades que mais nos preocupam:

Nossa casa comum. Partilhamos com a humanidade um perigo inédito da história atual. A nossa inquietação é pelos mais pobres, pois eles são os primeiros que sofrem com as mudanças climáticas, entre outros males ecológicos;

Os níveis de violência, que por razões diversas, assombram nosso Continente. Neste último ano tivemos uma série de convulsões sociais, causadas por diversos tipos de injustiças e desigualdades, que foram reprimidas pelas forças políticas com graves prejuízos dos

Direitos Humanos. A esta violência soma-se o narcotráfico, que nas últimas décadas causou milhares de mortos no Continente;

A migração crescente de pessoas que deixam seus países fugindo da miséria. Elas, às vezes, são bem recebidas, porém, freqüentemente são objetos de maus tratos racistas e de exploração, ainda mais quando são mulheres. A migração venezuelana, chama a atenção do mundo, pelos seus mais de 4 milhões de pessoas refugiadas.

A situação da mulher. Mesmo com os avanços alcançados, o continente tem estatísticas escandalosas de abusos contra as mulheres. Os feminicídios tornaram-se uma rotina nas noticiários. Preocupa a ausência feminina nos espaços de decisão, a pesar da participação criativa e responsável em varias instâncias. Tendo presente que a Igreja de América Latina e Caribe têm rosto de mulher, é a hora de que ela possa também exercer plenamente sua dignidade humana e religiosa;

A política corrompida pelos políticos. Nossas democracias estão em perigo, os partidos e os governantes, vinculados a empresas privadas, são objeto fácil de corrupção. Ninguém na América Latina e Caribe quer voltar aos anos terríveis das ditaduras militares. Contudo, quando nossas democracias

estão à serviço dos interesses do capital, parece que estamos num retrocesso, colocando em perigo os avanços em matéria de direitos civis, sociais e humanos;

O modelo econômico. Hoje, em tempos de globalização, é difícil para os países evitar as poderosas forças do mercado internacional. As principais decisões econômicas estão fora de nossas fronteiras, impõem modelos de desenvolvimento de exclusão, contrários a nossos próprios valores culturais;

Neste momento histórico, é muito pouco o que a Vida Religiosa pode fazer. Mesmo assim, tendo os critérios do Reino, pensamos que este “pouco” pode ser muito significativo. Oportunamente, o Papa Francisco nos convidou a colocar em prática a sinodalidade, que consiste em fazer caminhos juntos e juntas, num mesmo plano de igualdade e responsabilidade, como Povo de Deus. O Papa, por este caminho, reconduz a igreja nos trilhos do Vaticano II. Foi muito fecundo todo o processo do Sínodo Pan-Amazônico, especialmente pela presença de sujeitos esquecidos, indígenas e mulheres, que falam em nome das comunidades silenciadas. Ainda estamos na espera da Exortação Apostólica. A Vida Religiosa quer assumir este grande desafio. Vemos que nas

Congregações há uma prática de sinodalidade. A CLAR representa este valor. Por isso, vemos necessário o desafio das inter-relações entre todas as pessoas e instituições, inclusive com todos os seres humanos com os quais estamos fazendo o caminho.

O Conselho, em comunhão com o Papa Francisco, quis assumir o compromisso por uma conversão integral: ecológica, cultural, e como já foi dito, sinodal. Neste sentido, são importantes as seguintes atitudes: a vontade de diálogo, para partilhar as mais variadas expressões e a disponibilidade para construir pontes.

Este caminho sinodal apresenta alguns desafios às relações no interior da Igreja: é inquietante a relação entre a Vida Religiosa Consagrada e a Hierarquia, sobretudo quando o motivo é o clericalismo, tantas vezes criticado e desaprovado pelo Papa Francisco porque se opõe ao espírito do Evangelho. Outros desafios são: superação da tentação de comunidades religiosas com tendências a se fecharem sobre si mesmas, como se fosse possível prescindir das outras; possibilitar espaço para as Novas Gerações que, com seu dinamismo, trazem para este tempo o sopro de renovação do RUAH divino; criar espaços protetores para o cuidado e proteção dos menores e adultos vulneráveis e

denunciar os abusos de poder e de consciência sexual.

Estamos num tempo de esperança. Somos vocacionados para está com o Senhor Jesus e servir a ele; isto nos convida a olhar numa mesma direção e a ter suas atitudes para conduzir a história atual até a sua plenitude.

É pouco o que podemos fazer, porém, o reino começa com o pequeno, e isto reveste-nos de confiança e esperança. Não há amor maior que gastar a vida pelos amigos e amigas! Animo Vida religiosa Consagrada! É Maria quem nos recorda: Esta é a hora de realizar o que ele nos mandou fazer.



## 4º CONGRESSO DE NOVAS GERAÇÕES DA VIDA CONSAGRADA DO BRASIL E 2º CONGRESSO DE NOVAS GERAÇÕES DA VIDA CONSAGRADA DO CONE SUL

Vargem Grande Paulista, de 21 a 25 de fevereiro de 2020

### MENSAGEM FINAL

**A**madadas Irmãs, Amados Irmãos:

Neste Congresso nos reunimos 181 Religiosas/os jovens de todo Cone Sul (Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai). Sentimos a todas/os vocês muito presentes. Trouxemos suas vozes, suas inquietudes e paixões, suas experiências, encontros e desencontros partilhados nos grupos de vivência. Interpelados por Maria, que nos convida a “fazer tudo o que Ele nos disser”, nos sentimos chamadas/os renovar o vinho de nossos odres, o qual queremos continuar enchendo de vida. Temos certeza de que isso somente

se encarna quando Jesus é o centro da festa. Queremos continuar amando e nos apaixonando por nossa opção no seguimento de Jesus Cristo, embebidos do vinho da alegria, na construção do seu Reino de amor.

Nos sentimentos convidados/as a sermos colaboradores criativos de sua obra, em diálogo intergeracional com as/os que nos precederam na consagração e com aqueles que responderam às diversas realidades segundo os sinais de seu tempo. Delas/es temos recebido a paixão pela construção do Reino. Compete a nós continuar a revigorar a

nossa vida de Consagradas/os, abertas/os às realidades gritantes de nosso tempo. Como Novas Gerações, desejamos construir novas relações que nos permitam curar nossas chagas, apoiando-nos no amor, no acompanhamento e no apostolado. Sendo sinais de alegria e serenidade para ir ao encontro de outros membros de nossas comunidades e juntos tecer relações ternas, estáveis e harmoniosas, deixando-nos surpreender pelo que o outro é, acolhendo-o com suas misérias e seus talentos, suas esperanças e penas, assim como a Trindade nos convida a termos relações baseadas no amor e na misericórdia, criando vínculos que nos humanizam.

Em meio às tantas cores e sabores, celebramos o dom da nossa convivência, do encontro na riqueza cultural e com a diversidade de carismas em suas diferentes expressões. A exemplo de Maria, que não parou na falta, mas buscou soluções e antecipou a hora, queremos cultivar um olhar atento e solidário diante da nossa realidade pessoal, fraterna e comunitária. Não queremos ser odres velhos com vinhos já avinagrados, mas queremos ser vinho novo, sopro vivo, que plenifica e faz viver. Desejamos apresentar ao Senhor a água que temos: a nossa vida e, com ousadia e obediência fazer tudo o que ele nos disser, bem como primeirear no caminho com

o Povo de Deus, tornando vida as palavras do Papa Francisco: “O vinho novo deve ser derramado em odres novos”.

Expressamos a importância de sermos profetas da esperança, proclamadores do verbo esperar. Levantar-se, juntar-se com as irmãs e os irmãos para fazer de outro modo. É preciso alimentar a esperança. E nós, Novas Gerações, expressamos sinais de esperança que geram uma cultura do bem-viver, de solidariedade e de paz. Recordamos o primeiro sinal de Jesus em Caná: transformar a água em vinho – gerar esperança onde ela estava vazia. Desejamos ser o vinho novo de Jesus de Nazaré. Esperança transformada em sinais – vinho novo em copos cheios de alegria e ousadia!

Que o compromisso de filhas/as amadas/os de Deus que todas/os temos marcado se torne vinho novo em odres novos em nossas Congregações, “porque a festa não pode acabar e a Ruah não se pode apagar!”. Sabemos que vivemos numa realidade complexa, mas nosso coração está aceso; portanto, queremos continuar apaixonadas/os como Maria e embriagados do vinho da alegria conformar, ainda mais, a nossa vida ao Evangelho, e por Ele doar a nossa vida na promoção de outras tantas vidas que são sufocadas pela injustiça e pela falta de amor.

## PROJETO MISSIONÁRIO INTERCONGREGACIONAL NO HAITI

IRMÃ MARIA DE FÁTIMA KAPP, MSSPS<sup>2</sup>

**N**este artigo nos propomos a uma breve retomada histórica e partilha da experiência intercongregacional

<sup>2</sup> Membro da Congregação das Irmãs Missionária Serva do Espírito Santo, Província Brasil Sul, atuou na formação inicial e permanente, por vários anos, como vice-provincial nas gestões de 2000 a 2006 e, como coordenadora provincial de 2006 a 2012. Mestre em Teologia Bíblica, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/RJ, e, especialista em Counseling e Relação de Ajuda, pela Faculdade União, de Ponta Grossa/PR. Atuou na Conferência dos Religiosos do Brasil, Regional de Curitiba/PR nos anos 1993 a 1995 na área da formação e de 1995 a 1997 na CRB Nacional, como assessora Executiva do Setor Missão. Retornou, em 2015, à CRB Nacional, nessa mesma função, na qual, coordena e acompanha os Projetos Missionários Ad Gentes (Comunidade INTER Nazaré - Haiti e Comunidade INTER Salawe/Pemba - Moçambique), a Dimensão Intercongregacional e a Formação Missionária nas Regionais da CRB. Contato: missao@crbnacional.org.br

e missionária, realizada no Haiti, a partir do terremoto acontecido em 2010.

### *Acontecimento que abalou o mundo e mudou o futuro do país*

No dia 12 de janeiro de 2010 o país do Haiti sofreu um terremoto de magnitude 7, por um minuto que causou um tremor em toda ilha. Em seguida, outros oito tremores abalaram a capital, Porto Príncipe, que na época contava com mais de dois milhões de habitantes, devastando-a, como se tivesse ocorrido uma guerra. Até hoje, o número de vítimas não é exato, seriam 200 a 500 mil pessoas.



Diante dessa calamidade, o mundo se comoveu e se solidarizou com a população. A Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional) e a Cáritas Brasileira se mobilizaram para concretizar um gesto de solidariedade com esse povo sofrido.

### ***Compromisso solidário da Igreja do Brasil com a Igreja do Haiti***

Foi organizada uma comunidade religiosa intercongregacional para atuar num projeto por dez

anos. As primeiras missionárias brasileiras partiram para o Haiti no dia 20 de setembro do mesmo ano. Naquela época, as duas conferências (CNBB e CRB) promoveram uma grande coleta nas dioceses e na Vida Religiosa Consagrada.

Esse tempo (2010 a 2020) constituiu um período intenso de labuta missionária e um caminho fecundo de atividades e vivas expressões de compaixão com o povo haitiano. Atualmente, a comunidade está constituída por quatro religiosas de distintas congregações.

## Projeto Missionário Solidariedade em Porto Príncipe

Embora o mundo tenha se voltado para o país do Haiti, se fazia necessário reorganizar a partir daquela situação de sofrimento. As Irmãs, num primeiro momento colocaram-se em atitude de escuta e acolhida. Sempre houve uma psicóloga entre as Irmãs da comunidade. As primeiras ações foram voltadas para o atendimento de pessoas e recuperação de traumas. Aos poucos começaram a organizar pequenos grupos de mães, jovens, adolescentes e crianças, pessoas idosas, para algumas atividades.

Depois foram organizadas atividades voltadas para horta comunitária e familiar, criação de frangos, coelhos e cozinhas comunitárias, para amenizar a fome. Porém, apropriando-se de maior conhecimento da realidade, com apoio da CRB Nacional e CNBB foi compilado o horizonte missionário-teológico-metodológico desse projeto. A atuação se dá por duas vertentes mediadas pela Ação Evangelizadora e Ação Social.

### Centro Social de Evangelização

Sentiu-se a urgência de se construir um pequeno centro para concentrar as atividades sócio-evangelizadoras-pastorais no bairro Coral Cesselesse. Nesse bairro concentram-se a maior parte das

famílias atingidas pelo terremoto. Com a construção do centro Social de Evangelização, a atuação das missionárias ampliou-se para:

- Ações pastorais: momentos de oração, celebrações, visita às famílias, diálogo, escuta.
- Formação cristã e cultivo espiritual: se dá mediante a formação do grupo de Infância e Adolescência Missionária. O atendimento catequético e litúrgico-celebrativo, ênfase nas festas litúrgicas – Natal e Páscoa, tendo como local a capela Santo Tomás, construída e administrada pelos missionários carlistas.
- Momentos de Formação de liderança: para despertar o senso de solidariedade, justiça, partilha e trabalho em conjunto, educação para a não violência e a relação pacífica, o cuidado da natureza e o aproveitamento de materiais recicláveis.
- Artesanatos: bijuteria, bordados, crochê, artesanato com fibras de bananeira e coco, e corte e costura, vassouras de garrafas pets, sandálias de pneu e de couro de cabrito;
- Apadrinhamento e acompanhamento escolar de crianças e adolescentes.
- Arte, música e teatro como forma de desenvolvimento humano. São dezessete oficinas administradas pelas Irmãs.



### **Construção do Centro de Nutrição**

Refletiu-se muito a respeito da possibilidade de construção de um pequeno centro de nutrição, visto que o centro de evangelização não tem espaço para as demandas no atendimento e acompanhamento adequados às mães, crianças e bebês. O diálogo e o discernimento envolveu as Irmãs da comunidade intercongregacional Nazaré e suas respectivas superiores gerais e provinciais, a diretoria da CRB Nacional e assessoria executiva do setor missão. Com a colaboração de congregações foi adquirido um pequeno terreno, próximo ao centro de evangelização.

O desejo da comunidade Intercongregacional e da CRB

Nacional foi de conseguir parcerias. Várias tentativas foram iniciadas, mas por inúmeros motivos, não vingaram. Surgiu, então, a ideia de dialogar com o Pe Jean Pietro, que mantém uma fundação missionária no Haiti, chamada Missão Belém, para se verificar a possibilidade de uma parceria. Em 2019 foi iniciada a construção, com a colaboração da Missão Belém. Porém, teve de ser interrompida devido às manifestações que tomaram conta do país do Haiti, nos meses de setembro a dezembro. Inclusive, o centro de evangelização ficou fechado nesses meses.

A construção e manutenção do projeto de nutrição tem recebido colaboração de instituições, mediante projetos elaborados pela comunidade, com aval da CRB Nacional. As entidades

apoiadoras são: Franziskaner Mission, Comunidade Católica de Expressão Portuguesa, Arquidiocese de Köln, Colonia/Alemanha e Coral Vozes da Paz da Alemanha. Algumas Congregações colaboraram com doações: Irmãs Carmelitas da Divina Providência, Companhia de Santa Teresa, Fraternidade Esperança, Irmãs de São Francisco da Providência de Deus, Missionárias de Jesus Crucificado, Religiosas da Instrução Cristã e Missionárias Servas do Espírito Santo (Brasil Sul). Acreditamos que em breve a obra da construção do centro de nutrição poderá ser retomada.

## **Perspectivas futuras da Missão Intercongregacional**

A atuação das Irmãs Missionárias configurou-se em âmbitos significativos e abrangentes. Ao longo desse tempo (2010-2020), dezessete congregações femininas participaram efetivamente do projeto, cedendo membros de suas Famílias Religiosas, para compor a comunidade Nazaré e atuar na missão.

Vários desafios foram encontrados e, com a graça de Deus, superados. Entre estes, destacamos o FURACÃO MATTHEW, de 240 quilômetros por hora, que

no dia 04 de outubro de 2016, atingiu o país do Haiti. Calcula-se que mais de milhão de pessoas foram atingidas. Cidades inteiras e plantações devastadas. Lágrimas, dores, sofrimentos e desolação por todos os lados. As missionárias e os missionários uniram-se em atendimento dos mais abandonados na tragédia do furacão, mediante clínicas ambulantes e projetos para reconstrução de casas, barcos e apoio a economia familiar.

As conferências CNBB e CRB Nacional se empenharam para levar essa missão à frente e mantê-la. A partir de 2017 foi conseguido manter essa missão, graças à generosidade de congregações que abraçaram essa causa e de projetos para angariar fundos. A comunidade INTER Nazaré tem muitas visitas de colaboradoras/es de diversas instituições.

Como se aproxima o vencimento do convênio entre Igreja do Brasil (CNBB, CRB Nacional e Cáritas Brasileira) e a diocese de Porto Príncipe, intensificou-se o discernimento e a busca de caminhos para a continuidade dessa missão. Para ampliar leque e efetivar esta reflexão foi organizado um encontro para todas as superiores gerais/provinciais, representantes da CNBB e da CRB. O encontro realizou-se

nos dias 18 e 19 de novembro de 2018, em Brasília/DF. Surgiram algumas luzes e propostas:

- Criação de uma Rede Missionária Intercongregacional Ad Gentes;
- Instituição de uma comissão para administrar o Projeto Missionário, no Haiti, a partir de outubro de 2020;
- Indicação de pessoas para compor a comissão, com o objetivo de refletir e elaborar linhas de ação.

A comissão proposta foi constituída e reuniu-se três vezes, no ano de 2019, para traçar metas sobre o projeto sócio-pastoral-jurídico e para o convênio. Está agendada para o dia 20 de setembro, durante o encontro da Comissão do Consep da CNBB, uma celebração eucarística de ação de graças pelo caminho percorrido nessa missão intercongregacional e aliança/parceria entre CNBB, CRB Nacional e Caritas Brasileira. Nessa oportunidade será explicitada a passagem da gestão da missão INTER, no Haiti para a comissão que irá administrar esse projeto. As Conferências da CNBB e CRB Nacional, a partir de então, serão instâncias de apoio e colaborações pontuais ao projeto.

## **A Rede Missionária Intercongregacional Ad Gentes**

A sugestão de instalação dessa rede missionária foi apresentada na 25ª Assembleia Eletiva da CRB Nacional – AGE, realizada em Brasília de 10 a 14 de julho de 2019. Foi refletida, debatida e aprovada. Assim, foi lançada e disponibilizada a rede missionária para adesão de províncias/congregações. As inscrições foram feitas durante a Assembleia. Noventa (90) províncias e instituições aderiram à rede.

Esta proposta, gradativamente, está tomando formas para a sua realização. Há possibilidades diferenciadas de participar e colaborar, entretanto, três formas são principais: rezar e apoiar a comunidade missionária no Haiti, envio de missionárias e contribuição financeira.

## **Instalação de uma Associação Sem Fins Lucrativos**

Outro passo significativo que está sendo gestado é a instalação de uma associação sem fins lucrativos. Pois para receber doações/contribuições das entidades/congregações da rede missionária é imprescindível uma conta bancária.

Na reunião da comissão em novembro de 2019 ficaram definidas



as competências de cada membro da diretoria dessa associação. Os encaminhamentos para a concretização da fundação dessa entidade jurídica está em processo.

### **Seminário Nacional da Intercongregacionalidade**

Segundo o planejamento da CRB Nacional, é organizado um Seminário Nacional sobre a Intercongregacionalidade, a cada dois anos. Neste ano de 2020 o

seminário será voltado para a missão intercongregacional no Haiti. Serão convidados membros das congregações e regionais da CRB que compõe a rede missionária.

O seminário será nos dias 07 a 09 de agosto tendo como local o Centro Cultural Missionário, em Brasília/DF.

Confiantes na graça de Deus Uno e Trino prosseguimos buscando luzes para prosseguir a itinerância missionária no país do Haiti.





## O “BOM SAMARITANO” DO SAMARITANO

FREI LUIZ CARLOS SUSIN OFM<sup>Cap</sup><sup>2</sup>

E quanto ao “bom samaritano”, quem o socorre? Quem o protege

<sup>2</sup> Frei Luiz Carlos Susin. Bacharelou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do RS - Faculdade de Teologia. Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (atual Unijui), Mestre e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica do RS como professor permanente e pesquisador do programa de pós-graduação em Teologia, professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, de Porto Alegre, membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional, Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Foi membro do Comitê de Redação da Revista Internacional de Teologia Concilium. E atua em seu comitê científico. Foi presidente da Associação de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), da qual é cofundador. Foi professor convidado na Universidade Antoniana de Roma, no Instituto de Teologia e Pastoral da Confederação Episcopal da América Latina em Bogotá.

na perigosa saída de seu espaço confinado? Quem cuida da ferida que se abre em suas entranhas diante do outro caído como morto à beira do caminho? Quem o sustenta para que possa operar tanta misericórdia? Ou ele é o “herói” da narrativa de Jesus, que se sai bem até demais? Mas os evangelhos não são narrativas a respeito de heróis, até pelo contrário: seus bons personagens emergem de gente frágil, que pede, que chora, que dá cabeçadas, além de pecadores, doentes, suspeitos de má vida. Enfim, nada de heróis ou heroínas como no mundo grego ou em contos infantís. Nem mesmo Jesus se apresenta como um herói, mas apenas plenamente humano:



com tristeza e entusiasmo, lágrimas e indignações, com afetos e reações sinceramente humanas. Por isso nem suas parábolas, suas pequenas e simples narrativas, são heroicas: o publicano que bate no peito, o servo que tem vergonha de pedir esmola se ficar desempregado, outro servo que recebeu perdão mas não sabe perdoar, um pobre à porta do rico, a pequena multidão de impuros que entra na segunda chamada do banquete, e também um casamento com garantia de bom vinho em Caná, uma pesca com gente rude. Nada, nem suas narrativas, nem as pessoas que o rodeiam e nem ele mesmo são personagens de uma mitologia clássica e grandiosa como a literatura dos gegos.

Vamos nos concentrar, então, na singular figura do samaritano que viaja pelo mesmo caminho de um sacerdote e de um levita, descendo de Jerusalém para Jericó. Segundo a apreciação de quem estuda literatura antiga, é uma das mais simples e belas narrativas populares do Oriente Médio e inclusive do Ocidente em relação ao cumprimento ético da vida humana. Mas vamos devagar, saboreando cada passo e cada personagem, quase psicanaliticamente, abusando com liberdade sobretudo de Lacan e de suas categorias de "falta" (*manque*) e de "desejo" (*désir*). Tomemos a liberdade hermenêutica de nos imaginar andando com o samaritano, encontrando-nos com as outras figuras da pequena parábola de Jesus.

## O desejo de vida eterna e o mandamento que cumpre o desejo

Começamos com o doutor da Lei. Jesus tinha acabado de afirmar que os discípulos podiam se alegrar não simplesmente pelos bons frutos de sua missão mas por seus nomes estão inscritos “nos céus”. E que eram felizes os ouvidos dos seus interlocutores porque ouviam o que os profetas queriam ouvir e não conseguiram. E neste instante o doutor da Lei, que ouvia Jesus mas não parecia muito feliz - parecia, pela sequencia, que duvidava do que Jesus tinha afirmado, sobretudo isso de terem os discípulos já conquistado um nome “nos céus” - se levanta com a astúcia de uma pergunta que, na verdade, era uma armadilha, uma pergunta a partir de seu próprio domínio de conhecimento, pois é um doutor da Lei e sabe muito bem o que está escrito na Lei. Aparentemente é um justo desejo, um desejo essencial, pois faz uma pergunta sobre o absolutamente essencial, o único realmente necessário, justamente sobre “os céus”: “Mestre que devo fazer para possuir vida eterna?” Este não é um desejo pequeno, é imenso, infinito. E audaz: quem somos nós para desejar vida eterna? Donde provém tal desproporcional

desejo ao examinarmos a nossa condição tão efêmera, tão frágil e passageira por este mundo? Que enorme vazio, qual falta se abre em nós, que fome tão sentida, para que ousemos um desejo de eternidade, de “céus”?

A nossa cultura hegemônica de mercado e consumo faz um esforço enorme, contínuo, desgastante, para se contentar com a finitude a fim de garantir a satisfação completa do nosso desejo, sem perguntar por algo que, já de saída, não podemos alcançar com nossos esforços e méritos. Em nossa sociedade de consumo, o conselho que se pode receber para saciar o desejo, constatado com dolorosa ironia por Isaias ao reparar como buscavam satisfação os empoderados de Jerusalém - e depois citado por Paulo repreendendo os que não têm esperança é este conselho consumista: “comamos e bebamos que amanhã morreremos” (Is 22, 13; 1Cr 15, 32).

Mas nem tudo é assim, mesmo em meio a uma cultura de embriaguez consumista: a amizade e o amor sinceros, a alegria de um amanhecer com sol na janela, uma boa sopa em família na noite fria, a chuva benfazeja com a doçura de sua melodia à tarde, tudo canta e embala o desejo de uma felicidade que ressoa eternidade. Com a comunhão e a paz desses instantes, atinge-se

algo de eterno no efêmero. Mas o mistério obscuro da finitude alcança os melhores momentos: tudo novamente se dissipa como a neblina da manhã, nada resiste ao tempo. E assim andamos de coração inquieto, como Santo Agostinho. Apesar de sua própria astúcia, também o doutor da Lei diante de Jesus é tocado pelo vazio que lhe dói na fuga das pequenas felicidades terrenas: "que devo fazer para viver eternamente?".

O desejo emerge da falta, esta é uma lição de Jacques Lacan, o psicanalista que reinventou Freud na França. É a falta que, vagueando sem contornos, se metamorfoseia em desejo diante do "outro" e da inquietude e promessa que o outro significa: na aparição de outro a falta pode tomar o brilho do fascínio e da paixão. Mas a falta sem repouso, ainda sem objeto de promessa, levanta perguntas que não são acadêmicas, perguntas existenciais, inquietas. A falta, o vazio, e a pergunta do doutor da Lei a Jesus é, no fundo, uma confissão de sua carência, de sua inquietude, que se transforma em palavra e vai ao encontro do Mestre, ainda que meio torta por sua ironia na forma de uma armadilha.

No entanto, apesar dele mesmo, podemos dar algum crédito à sinceridade e à seriedade de sua pergunta para além de sua

malícia: Jesus poderia ser para ele o "outro" inquietante que se apieda da sua falta e sossega o seu desejo? De fato, Jesus o leva a sério, acolhe sua pergunta, seu desejo de infinito, sem julgá-lo. Não lhe nega uma palavra que pode ir ao encontro de sua inquietude. E utiliza o método típico do mestre maiêutico, que consiste em formular nova pergunta para que o interlocutor possa "beber no próprio poço", encontrando naquilo que lhe é familiar, dentro de si, a satisfação do desejo. Este método dá crédito ao interlocutor, valoriza-o, eleva-o à altura do mestre, integra-o num diálogo em busca da verdade. E se tratando de um bom conhecedor da Lei, Jesus lhe abre a oportunidade de ensinar o próprio Jesus ao lhe perguntar por sua vez: o que diz a Lei a respeito disso? O que ela manda fazer para alcançar vida eterna? Como em muitas narrativas de Jesus no texto de Lucas, há uma inversão, se levarmos a sério cada frase: agora é Jesus que desvenda

A falta, o vazio, e a pergunta do doutor da Lei a Jesus é, no fundo, uma confissão de sua carência, de sua inquietude, que se transforma em palavra e vai ao encontro do Mestre, ainda que meio torta por sua ironia na forma de uma armadilha.

sua falta transformada em desejo diante do outro, o doutor da Lei, a autoridade que pode desvendar a promessa de vida eterna ensinando a Jesus o que está na Lei para a satisfação de tão grande desejo, brotado de tão grande vazio. Jesus mostra toda sua humanidade na sinceridade da pergunta. O que lhe dirá o doutor?

Era hábito dos rabinos desafiar seus discípulos a recitarem toda a Lei permanecendo de pé apoiados sobre uma só perna. Ou seja, no entrevero de tantas leis, mandamentos e deveres, era necessário um rápido resumo, alguma lei que pudesse concentrar todas as demais e ser proferida em menos de meio minuto. Eram 613 leis e mandamentos no tempo de Jesus, o que, aliás, permanece até nossos dias. Qual, então a lei essencial? Qual o resumo de toda a lei? O doutor saberia. Ainda mais se tratando de algo tão grave, a vida eterna. E o doutor se saiu bem, juntando dois versículos de dois diferentes livros da Lei (se ficou de pé se apoiando em uma só perna não sabemos, mas dava para tanto): *Amar a Deus de todo coração e ao próximo como a si mesmo* (Cf. Dt 6,5; Lv 19, 18b). Jesus reconhece cordialmente: a resposta é muito boa! E acrescenta por sua vez o que está escrito na Lei de Santidade voltando à pergunta inicial do doutor da Lei: “Faze isso e viverás” (cf. Lv

18,5). De alguma forma Jesus - chamado de mestre - e o mestre da Lei entram em certa sintonia e se põem num caminho comum, com possibilidade de debate e de confirmações entre mestres.

Assim o debate e a busca continuam. Ou seja, o desejo – com a malícia e a armadilha? - permanece inquieto e aberto a nova pergunta e a possível novo ensinamento: esse resumo da Lei não é geral demais, muito amplo e justamente por isso muito abstrato? Para o doutor da Lei parece que amar a Deus “com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças” é mandamento claro e compreensivo. Definitivamente Deus não é o problema para alcançar vida eterna, Deus é a solução da inquietude, pois Deus é, ele mesmo, o Eterno, o Vivente, logo *vida eterna e amor de todo coração a Deus* casam bem, garantem vida eterna. Aliás, nem é difícil amar a Deus, invisível e inefável. A inquietude, o problema, a imprecisão, *é amar o próximo como a ti mesmo*: que tipo de próximo, que humanidade pode preencher o seu desejo de vida eterna? Pois há muitos tipos humanos, na diversidade de estratos, de modos de ser, de crenças e costumes. Pior: há seres humanos detestáveis, odiosos, cheios de defeitos, de desejos e ambições

Definitivamente Deus não é o problema para alcançar vida eterna, Deus é a solução da inquietude, pois Deus é, ele mesmo, o Eterno, o Vivente, logo vida eterna e amor de todo coração a Deus casam bem, garantem vida eterna. Aliás, nem é difícil amar a Deus, invisível e inefável.

desmedidas, perigosos e violentos, há sobretudo humanos que não se importam conosco, que nos fazem mal, conspiradores que atentam contra nossas vidas, são inimigos, definitivamente não amáveis, não são sequer desejáveis como próximos. Não fazem falta, melhor que não existam. Por isso a Lei desobriga de amar certos tipos de gente (Cf Lv 19, 18; Dt 23, 4.7) Ao contrário, convém que sejam odiados, ou seja, lançados para longe, nada de proximidade. Então o doutor da Lei detalha a pergunta: "Quem é meu próximo?"

## Quem é meu próximo?

### A religião e suas medidas

Se o desejo e a sua inquietude de fundo, a falta, se tornaram

uma questão crucial, sagrada - o que está em jogo é "vida eterna" - então se trata eminentemente de uma questão religiosa. Religião, etimologicamente não significa apenas *re-ligare*, reunir na comunhão e na graça divina o ser humano que rompeu esta relação pelo pecado, uma forma de definir a religião que remonta a Santo Agostinho. Pois não se trata de algo que dependeria apenas do pecado, submetendo o maior ato moral, de consciência e liberdade humana, o "ato de religião", à desordem do pecado. Duns Scotus, o mais franciscano dos teólogos, chamaria a isso de "insensatez" teológica, submissão do maior ao menor.

Mais originalmente *religião*, segundo os estudos cuidadosos de Paul Ricoeur, um grande intérprete da linguagem bíblica e teológica, provém do latim e do grego *re-legere*, literalmente "re-leitura", ou melhor dizendo, "leitura em profundidade". Só se consegue a leitura profunda, que ultrapassa o nosso atual conhecimento, se nos deixarmos guiar por uma boa interpretação, ou seja, pela mediação de quem provém dessa profundidade luminosa e nos traga luz e compreensão.

Para os gregos, Hermes era a divindade interpretadora, hermenêuta de Zeus, a divindade suprema. O que para os romanos era

Mercúrio, intérprete de Júpiter. Assim os mistérios divinos e a vontade transcendente eram reconhecidos na linguagem humana. Por isso tanto Hermes como Mercúrio eram companheiros dos peregrinos e bons condutores ao lar hospitaleiro de Héstia (para a crença grega) ou Vesta (para os romanos, cujas vestais mantinham o fogo do lar).

Nos evangelhos, porém, tudo é muito humano: Jesus é o companheiro dos peregrinos tristes no caminho de Emaús, e torna-se hospedeiro de seus hóspedes ao abençoar e repartir o pão. E em nosso trecho, é o intérprete da vida eterna no diálogo de faltas e desejos por mais que se seja doutor.

Em conclusão, a religião é este movimento de aprofundamento da compreensão das realidades que ficariam superficiais sem religião. Pois sem religião, sem uma compreensão aprofundada, há dispersão pelo caminho sem o sossego do lar. Em outro aspecto, religião tem algo que se exige em artes plásticas: há o “segundo olhar”, de aprofundamento da compreensão da obra. Ou em música: há a “segunda escuta”, que vai mais fundo e mais longe nas ondas inspiradoras. Assim é também o olhar sobre uma paisagem ou sobre um rosto, ou a escuta de um clamor: a atenção nos leva a um segundo olhar, a uma segunda escuta - a religião é



isso, é ir às raízes, à fonte, e então encontrar o repouso.

Sendo assim, as formalidades religiosas são um caminho, uma mediação, exercícios hermenêuticos, para ir às raízes, à profundidade, à fonte viva. A lei, o mandamento, o ritual, a doutrina, o aparato hierárquico, tudo o que é formalidade religiosa, tem uma dimensão sacramental na medida em que são sinais eficazes, uma ajuda no caminho para a profundidade e para a altura até o infinito e o eterno. Se, ao invés de serem caminho, meios

eficazes, se tornam um fascínio e uma obsessão - se os meios se tornam fins em si mesmos - então estamos diante da idolatria. É possível decair na idolatria litúrgica, na idolatria da ortodoxia doutrinária, na idolatria das leis, da tradição, da hierarquia (o já famoso clericalismo). Seria muita religião que ao invés de conduzir à fonte, à vida eterna, produz morte. Os profetas desnudam a estrutura da idolatria quando a comparam à pornografia e quando acusam Jerusalém, cuja vocação está em abrigar a santidade do templo e, portanto, coração e fonte da santidade da própria cidade, como sendo uma prostituta, uma religião deformada: o templo e a cidade se tornaram manipulação, domínio e exploração, ambição e rivalidades, crueldade e injustiça ao invés de ser santuário, habitação do Altíssimo e casa de oração.

Como se dá esta perversão da religião, do ato humano por excelência? A ficar com a primeira carta de João, a questão não está na relação com Deus, mas na relação com o próximo:

*Se alguém disser: "amo a Deus", mas odeia o seu irmão, é um mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê (...) aquele que ama a Deus, ame também seu irmão (Jo 4, 20-21). Nós sabemos que passamos da morte para a vida,*

*porque amamos os irmãos (...)  
Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida e sabeis que nenhum homicida tem vida eterna (...) Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê seu irmão na necessidade e lhe fecha as entranhas, (desviando-se dele) como permanecerá nele o amor de Deus? (Jo 3, 14-15; 17).*

João culmina a sua exortação lembrando a possibilidade do Anticristo, não alguém que combate o Cristo ou Deus, mas que subverte, substitui, se coloca no lugar de Cristo, com a pretensão de ser servido ao invés de servir. A religião que salva, que conduz à vida eterna, não diz respeito somente a Deus, mas ao próximo. A religião não é somente metafísica ou estética, mas é ética e inclusive política como amor e serviço. A originalidade bíblica, profética, é a elevação do mandamento de amor ao próximo à mesma altura do mandamento de amor a Deus. Não há uma sem a outra. É inútil, é já manipulação e auto-defesa contra o Deus Vivo e Fonte de toda vida, hierarquizar os viventes - Deus em primeiro lugar, Deus acima, etc. Pergunte-se a uma mãe se ela vem em primeiro lugar ou vale mais que seu filho... seria uma pergunta absurda, que só causaria estranheza ou até indignação em uma mãe saudável, não narcisista.

Mas pode-se tentar toda sorte de manipulações diante da radicalidade do amor ao próximo elevado à altura de Deus: pode-se circunscrever e colocar uma linha, uma trincheira de distinção entre quem seja o meu próximo – o “irmão” segundo a linguagem joanina – e quem não entra e nem deve entrar neste círculo. Isso é típico de comunidades fechadas sobre si mesmas. A passagem de sociedades fechadas, tribais, étnicas, para sociedades abertas, pluralistas, universais, estava ainda se movendo depois de séculos em toda a vasta área indo-europeia, incluída a China. Confúcio, quinhentos anos antes de Cristo, tinha formulado a Regra de Ouro desta abertura universal – “Não faças a outro o que não queres que te faça” – que o ensinamento de Jesus tornou positivo e um resumo da Lei (e que é possível recitar sobre uma só perna): “Tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7, 12). Na parábola de Jesus ganhamos uma forma viva, delicada, comovente e concreta, da Regra de Ouro. Mas ela vem precedida de nova pergunta do doutor da Lei, “querendo se justificar, disse a Jesus: “Quem é meu próximo”? –, ou seja, até onde vai o mandamento, onde está o seu limite, a fronteira? – ainda uma armadilha? Ou resistência? Ou sincero desejo de

aprender? Não importa a Jesus, que novamente acolhe a pergunta assim como lhe é posta, como um desejo de conseguir vida eterna, e em resposta conta uma pérola do evangelho neste diálogo de mestres. Deveríamos agradecer o doutor da Lei por esta insistência, pois nos deu a ocasião de colhermos com ele a preciosa pérola de vida eterna contada em cinco versículos (Cf Lc 10, 30-35):

Um homem descia de Jerusalém a Jericó, as duas cidades mais judaicas da época, a capital do poder religioso e político na região mais alta e a outra no vale mais produtivo da região, portanto cidade do poder econômico, a do rico Zaqueu. Pode-se bem supor, assim, que se trata de um judeu de boa cepa. E eis que o homem foi assaltado, despojado, espancado, deixado meio morto (como morto). Coincidentemente descia pelo mesmo caminho o sacerdote e depois o levita, e ambos viram o possível compatriota parecendo morto, passaram ao largo, seguiram adiante. Por quê? Ora, eles eram pessoas consagradas ao templo, de linhagem sacerdotal e levítica, e a Lei de Santidade, ao estabelecer a santidade sacerdotal, tem como primeiro mandamento o cuidado da própria pureza diante de um cadáver (e o caído parecia estar morto): “Fala aos sacerdotes, filhos de Aarão; tu

lhes dirás: Nenhum deles se tornará impuro aproximando-se do cadáver de alguém do seu povo" (Lv 21, 1). Não se aproximando e seguindo adiante o sacerdote e o levita cumprem cuidadosamente a Lei, e têm consciência de sua retidão. Poderiam até desejar que outros cuidassem do assaltado e espancado jazendo por terra, mas eles zelaram por sua pureza, pela dignidade de seu serviço ao templo.

Assim, ao contrário do que exorta João no final da citação acima, eles "fecham as *entranhas*", se resguardam de alguma aproximação, de abrir uma ferida e um desejo em si mesmos, ou seja, de estremecer de demasiada compaixão. E nem poderiam, em consequência, praticar nenhum ato de misericórdia, não podem tocar aquele que caiu em desgraça. A santidade do templo, do sacerdócio, da religião enfim, está acima. Esta é a religião sob medida, que tem fronteira, protegida pela Lei. E ai dos que caem fora das medidas. Nenhuma mediação, sobretudo a mais religiosa, do templo e do sacerdócio, os socorre. Assim, consuma-se a sua desgraça. Esta é a religião que mata porque deixa morrer sem problemas de consciência. Do ponto de vista judaico é a idolatria do templo, e do ponto de vista cristão é o Anticristo do qual nos adverte a primeira carta

de João. Nos seus praticantes não há entranhas de compaixão, não há proximidade com os mais frágeis, não há feridas e não se cria a falta que deseja um mundo de fraternidade sem dores e lágrimas. Há o endurecimento da lei, o rigor das normas por cima das pessoas, o sentimento de triunfo e a separação dos que são "do bem" acima da massa dos caídos. Mas é para esses que Paulo afirma: Todos pecaram, todos precisam de redenção (Cf. Rm 3, 23-24), e esses mais do que os outros, porque "a Letra mata" (2Cr 3, 6).

### **De quem sou próximo? A desmedida religiosa e as medidas da misericórdia.**

Continuando a narrativa em cinco versículos, Jesus abre diante do doutor da Lei uma nova cena com uma "conjunção adverbial adversativa", portanto um contraste: "Porém...", um "porém" que é um "não da mesma forma", mudando assim a cena com um contraste frontal: "Um samaritano, *porém*, que andava de viagem, chegou perto dele, e assim que o viu, *sentiu um estremecimento nas entranhas (esplanghnísthe) e, se aproximando (proselthón)*, enfaixou suas feridas (*traúmata*), derramando sobre elas óleo e

vinho” (Lc 10, 33-34a). Estamos diante de um sujeito e de verbos que são o coração do evangelho. Vejamos cada um na sequência. O doutor da Lei talvez tenha coçado a cabeça ao ouvir que Jesus introduzia na cena um samaritano, justamente o vizinho a quem os judeus mais detestavam, segundo diversos outros episódios do evangelho. Samaritanos eram impuros. Seu sangue era misturado com o de povos pagãos, suas escrituras eram incompletas, eles tinham um templo que era um arremedo do templo santo de Jerusalém, seus costumes eram estranhos. Eram hostis a qualquer judeu, e justo no capítulo anterior à parábola do Bom Samaritano, uma aldeia inteira da Samaria não quis receber Jesus e seus discípulos (Cf. Lc 9, 52-53). Enfim, era o vizinho que se tornou uma pedra no sapato, o “inimigo doméstico” – uma expressão de São Francisco para exortar ao amor que se deve ao irmão que mais incomoda, o “irmão-inimigo”. E, para culminância de um ódio justificado, os samaritanos eram considerados blasfemos e possessos do demônio, e acusaram o próprio Jesus de ser um samaritano e ter um demônio (Cf. Jo 8, 48).

Aqui, porém, o samaritano, nas palavras de Jesus, não ia simplesmente entre as duas cidades mais judaicas do poder e da prosperidade, ele andava em viagem, portanto fora de seu

espaço próprio, um estrangeiro perigoso cruzando a terra dos que o odiavam. Com um pouco mais de fantasia se pode imaginar justamente o trote apressado, a discrição necessária, enfim a preocupação com a própria pele. O que desejava ele, o que lhe faltava, que assunto iria cumprir a sua agenda de viagem com tal risco? O que sabemos é que não passou pelo outro lado da estrada, mas veio perigosamente para perto do caído como morto, perto do que podia ser considerado impuro por parecer um cadáver – ele, afinal, também era considerado impuro aos ouvidos do doutor da Lei, e justamente por isso sua condição humilhante lhe dava condições de não se defender da impureza do caído - e então teve um “estremecimento em suas entranhas”, “moveu-se em compaixão” – o que não aconteceu ao sacerdote e ao levita zelosos por sua pureza e pelo templo.

A compaixão é esse estremecimento do seio, a contração e a dor do seio materno que acompanham o gemido e o sofrimento de quem está nascendo, dor de parto, dor para a vida, que faz viver. É também o estremecimento de quem é impulsionado a socorrer, fazer viver. Em hebraico bíblico é *rahamim*, traduzido por misericórdia, que provém de *rekhen*, o ventre materno. E por isso mesmo é um dos nomes do Deus Vivo,

Deus da vida, que faz viver, que ressuscita os mortos – *Rahum*. Que Deus seja Onipotente, Onisciente, Onipresente, esta totalidade poderosa e soberana, só pode ser entendida bíblicamente se for interpretada pela ótica dos três atributos bíblicos que são essenciais ao nome de Deus na revelação divina: Misericordioso, Compassivo, Piedoso (Cf. Ex 34,6). Mas para ter piedade, compaixão e misericórdia, é necessário se deixar tocar pela ferida, pela miséria e pelo clamor de outro. E assim deixar que o outro ferido abra uma ferida, um vazio e uma inquietação que arde de desejo de ir ao encontro, de socorrer e fazer viver. Até para Deus, desde que ouviu o clamor de Abel e do povo oprimido no Egito: Ele é todo Compaixão, Misericórdia, Piedade. No caso do samaritano, sem as feridas e a dor do outro caído à beira do caminho como morto não haveria no samaritano o estremecimento que lhe toca as entranhas, que o fere a ele mesmo e o esvazia de qualquer outra preocupação e agenda de viagem, e o faz se aproximar e derramar generosamente o óleo e o vinho para as feridas do desconhecido mas já amado e já querido, enfaixando seu corpo machucado e diminuindo sua dor, sem se importar por quanta impureza ainda lhe seria imputada.

O samaritano desta narrativa de Jesus nos lembra do “curador

ferido” da tradição grega. *Quíron* era, na mitologia, o feio centauro, meio divino e meio animal, abandonado por seus pais mas educado por uma divindade. Tornando-se mestre justo e bondoso, acabou por ser ferido por um de seus discípulos, Aquiles. Mas de sua ferida tomava recurso para curar os outros, e sua compaixão o levou finalmente a aceitar a mortalidade sacrificando-se no lugar de Prometeu, livrando a este do seu eterno castigo. Hoje a figura do curador ferido é percebida na psicanálise como figura de cura nas relações terapêuticas: o terapeuta ajuda o paciente quando o próprio terapeuta aceita acessar suas próprias feridas tocado pelas feridas de seu paciente, sintonizando com a dor do paciente. No entanto, é assim também na intercessão dos santos: os mais populares são justamente os que portam alguma ferida ou algum sinal do seu sofrimento e do seu martírio.

Em nosso caso, tão singelo, há uma clareza e uma sobriedade nas palavras e nos personagens de Jesus que vão direto ao ponto. O samaritano, como Abraão acolhendo em seu seio o pobre Lázaro, não “fechou as entranhas” (Cf. Jo 3, 17), não se desviou, ao contrário: as entranhas estremecidas, feridas, abertas, se tornaram o começo da cura e da vida nova para ele tanto quanto para o caído. Ele, o samaritano

desprezado e impuro, tornou-se através desse ferimento, um cuidador, um benfeitor. O vazio de si – que uma tradução espanhola expressa na forma de ternura: “assim que o viu, seu coração ficou enternecido” - causado pelo ferimento que a visão do caído lhe provocou o leva a se aproximar, num ímpeto do desejo de acolher, de abraçar, de cuidar, de fazer tudo o que lhe está ao alcance para conseguir a cura completa do desconhecido, tornando-o próximo, filho das suas entranhas. Assim ele mesmo ganha humanidade, dignidade, superando toda humilhação e impureza, ao ir ao encontro do caído: para o samaritano, o “bom samaritano”, que socorreu sua condição de desprezo aos olhos dos judeus, foi o homem caído, justamente seu potencial inimigo agora em situação dramática. A necessidade e o clamor da condição de caído e ferido por terra deu ao samaritano a possibilidade de redenção, de bondade. Porque até o samaritano precisava de um “bom samaritano” para sua falta e sua dor, para a inquietude de seu desejo ainda sem objeto. Agora o bom samaritano sabia o que queria, e, de fato, continua Jesus, ele “fez misericórdia”.

A compaixão, a ferida e o desejo de cura, uniram os dois homens, o caído e o samaritano, num mesmo destino. Ambos,

suspensos pelo acontecimento da violência e da dor, ficam suspensos para uma nova necessária ação: o samaritano coloca o caído sobre sua própria montaria – assim o inimigo judeu agora ferido substitui o samaritano, ocupa seu lugar, enquanto o samaritano o guia a pé, uma cena de inversão - e leva-o a uma hospedaria para tratamento. Ele associa um terceiro, o hospedeiro, ao seu ato de misericórdia, mas sem obriga-lo à mesma compaixão nem à mesma generosidade e misericórdia, pois investe dinheiro, faz um contrato, responsabiliza-se e dá garantia de futuro tanto ao que precisa de cuidados como ao cuidador, pois na volta de sua viagem acertará o que restar. Assim a misericórdia é uma ação – uma obra de misericórdia – que se torna racional, planejada, processual, até ser completa. Se é bem verdade que uma das reações possíveis diante da dor e da miséria é a defesa de si mesmo contra a compaixão - pois compaixão significa sofrimento -, também é verdade que é possível uma autocomplacência que se consome satisfeita de si na compaixão. Mas na parábola de Jesus o que começou no choque da visão e do estremecimento, na aproximação compassiva e na ferida que atinge e abre uma falta e um desejo, se torna ação e perseverança na ação, projeto de vida e fidelidade. E para isso

o samaritano interrompe a sua viagem, planeja sua volta, ainda irá investir, pois encontrou o seu "bom samaritano". É a sua religião, o seu rito de oferenda e sacrifício, o seu templo, a sua glória, assim como "a glória de Deus é que o homem viva" (Santo Irineu). Jesus, precedido por Abraão e pelos profetas, definitivamente inverte a religião: o esvaziamento, a falta, o desejo, passam pela cruz – dos outros – e pela hospedagem da dor dos outros. Pois, como diz lapidarmente Dietrich Bonhoeffer, um dos mártires do nazismo: muitos morrem na cruz, cristão é quem permanece junto à cruz. É o escândalo e a loucura no coração da revelação, da fé e da salvação cristã (Cf. 1Cr 1, 18-25).

### ***A vida eterna: "Vai, e também tu, faze o mesmo"***

Voltemos agora para o final do diálogo dos dois mestres, o da Lei e o do Evangelho. A pergunta de Jesus, ao final, não é mais sobre "quem é o meu próximo", mas sobre quem realmente "se aproximou", quem se "tornou próximo" do caído. Já era difícil encarregar-se do próximo, se examinamos o capítulo do Levítico onde está este

mandamento central (Lv 19, 18), pois no capítulo inteiro o mandamento é cuidar da justiça e do socorro ao outro, nada para si. De tal forma que, segundo uma lição do filósofo judeu Emmanuel Levinas, o "como" não significa comparação que poderia ser traduzido em dever "amar o próximo tanto quanto ou da mesma forma que eu amo a mim mesmo". Pois não há nada de amar a mim mesmo no contexto do capítulo, e portanto a tradução justa é a de identificação, como quando se diz, por exemplo: "vamos cantar um hino como oração final". Nesse caso, o hino e a oração são a mesma coisa. Assim também "amar o próximo como (sendo) si mesmo": eu sou o amor que devoto ao próximo, e isso é tudo, é o que me torno, é o que serei mesmo depois da morte. "Caixão não tem gaveta" diz a sabedoria popular, mas a bondade e a misericórdia são eternas e a morte não toca, "no entardecer da vida seremos julgados pelo amor" (são João da Cruz).

Pior ainda: em hebraico a palavra "próximo" e a palavra "mal" tem uma raiz comum: próximo é o que me faz sofrer, é um peso eu devo carregar em meu seio, em meu colo, e dar de mamar dos meus seios e do meu leite, é

o que, depois de ter aberto um vazio em meu ventre, pesa sobre meus ombros, enfim é a quem eu devo maternidade, de quem eu não posso desistir, ainda que continuamente, em todos os níveis, até no morrer, provoca nova ferida, novo vazio, novo desejo, nova inquietude, novas ações – de misericórdia. É Moisés confessando a Deus “Fui eu porventura, que concebi todo este povo? Fui eu que o dei à luz, para que me digas: “Leva-o em teu regaço, como a ama leva a criança no colo”?” (Nm 11, 12). Por isso, no relacionamento sem fronteiras, diante das surpresas sem limites, sem poder circunscrever com muralhas e argumentos “quem é meu próximo”, o próximo por excelência, a outra face da moeda do mandamento do amor ao próximo, é o amor ao inimigo: amar o inimigo, abençoar sem amaldiçoar, fazer o bem não só a quem me faz o bem, desmesura sem reciprocidade, amar a fundo perdido, é a radicalidade do amor ao próximo.

É possível viver continuamente a vertigem eticamente transcendente desta religião radical? Um pouco de Lei não protege de tal abismo que acaba sendo desumano por pretender ser heroico, afinal? Na narrativa de Jesus não há nada de mitológico

nem de grandioso, é uma narração de gente comum, de carne e osso, coisas bem conhecidas do doutor da Lei, gente posta diante de um fato frequente que está no cotidiano do doutor. Mas quando olhamos melhor a profundidade do que acontece entre o samaritano e o caído, desde onde se atinge vida eterna, ou seja, a vida com o Deus Eterno, então algo tão simples e cotidiano ganha imensa seriedade. O resto – sacerdócio, templo, tudo o que há de mais sagrado neste mundo - não alcança vida eterna, só o gesto do samaritano, só o relacionamento ocasionado pela ferida e pela compaixão. Mas há muitos caídos ao longo da vida: como é possível dar conta sem se afogar num oceano de feridas e clamores? Por isso a racionalidade da ação misericordiosa, a associação com contratos e dinheiro, e inclusive a oração e o templo, a instituição e as normas, tudo ganha sentido, perspectiva, razão de ser, mas sob a luz da experiência radical da ferida e da compaixão que portam da “falta” e do “desejo” à mística e ao êxtase – das cruzes à ressurreição.

“Vai, e também tu, faz o mesmo”, responde Jesus ao doutor que tinha concluído com honestidade: próximo “foi o que usou de misericórdia”. “Faze isso e

viverás", tinha dito Jesus quando o desejo do mestre da Lei era conseguir vida eterna. Fazer como o samaritano no estremeamento da aproximação, é também reconhecer com humildade que o "bom samaritano" do samaritano é o outro, o caído quase morto e suas feridas, o que me oferta a

ocasião de curar a minha ferida por excelência, o meu cuidado mais transcendente: a falta e o desejo e o cuidado de vida eterna. É a aproximação o cuidado compassivo em relação à dor do outro que cumpre o cuidado mais alto do desejo maior nascido da falta mais profunda: vida eterna.

# VIDA RELIGIOSA FEMININA NA AMAZÔNIA:

## Contribuições para uma Ecologia Integral

IVONEIDE VIANA DE QUEIROZ<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar como a vida religiosa feminina na Amazônia contribui com uma ecologia integral a partir da sua missão em defesa da floresta com toda a sua biodiversidade, bem como em defesa dos povos originários com suas culturas e espiritualidades. Iniciaremos com uma reflexão

sobre a ecologia integral, tendo como referencial teórico a encíclica *Laudato si'* na qual o Papa Francisco busca “refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais”, superando os limites de uma ecologia ambiental. Em seguida apresentaremos uma síntese sobre a atuação missionária da vida religiosa feminina na Amazônia, presente desde 1877. Após o Concílio Vaticano II muitas congregações “armaram suas tendas na Amazônia” onde procuram colocar em prática

2 Religiosa da Congregação Franciscana de Maristella. Foi Superiora Provincial, Formadora e Conselheira Geral da Congregação. Fez parte da Diretoria Nacional da CRB de 2010 a 2014. Atualmente mora em Santarém-PA, mas está liberada para o Doutorado em Teologia (Missiologia) pela PUCPR em Curitiba. E-mail: ivoneideq@hotmail.com

a “encarnação na realidade” e a “evangelização libertadora” como orienta o Documento de Santarém. Por fim, apresentaremos algumas experiências concretas da missão de religiosas naquele chão sagrado, onde são capazes de dar a própria vida em defesa dos mais frágeis e indefesos. Desta forma, a vida religiosa feminina contribui para uma ecologia integral onde as questões ambientais e justiça social estão intimamente interligadas.

*Palavras-chave:*

*Vida Religiosa feminina.*

*Amazônia. Ecologia integral.*

## Introdução

O Papa Francisco, em sua Encíclica “Laudato Si’ (LS, 2015), propõe uma ecologia integral em vez de continuar falando apenas de uma ecologia ambiental. Todas as coisas, instâncias e saberes estão interligados, por isto ele afirma: “*Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza*” (LS, 2015 p. 108).

Segundo o Documento Preparatório para o Sínodo

Panamazônico<sup>3</sup>, “em sua história missionária, a Amazônia tem sido lugar de testemunho concreto de estar na cruz, inclusive, muitas vezes, lugar de martírio”<sup>4</sup>. Nestes 400 anos de Evangelização na Amazônia, um bom caminho já foi percorrido. É necessário perceber de que forma a Igreja na Amazônia tem se empenhado no sentido de promover uma Ecologia Integral como propõe o Papa Francisco. A Vida Religiosa Feminina também está nesta caminhada a serviço da Vida neste chão sagrado, considerado pelo Papa Francisco “teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileira”<sup>5</sup>.

Neste artigo mostraremos como a Vida Religiosa Feminina na Amazônia contribui para uma Ecologia Integral a partir da sua presença missionária colocando em prática a “Encarnação na Realidade” e a “Evangelização Libertadora” como orienta o Documento de Santarém<sup>6</sup>, referência para a Missão na Amazônia.

Este artigo está estruturado em três pontos: uma reflexão sobre a

3 Sínodo acontecido em Roma no período de 06 a 27 de outubro de 2019 com o tema: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”

4 RÉPAM BRASIL. CNBB – 2018 p. 17

5 Disse o Papa Francisco aos Bispos do Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em 2013.

6 O Documento de Santarém, elaborado em 1972 é oficialmente chamado de Linhas Prioritárias da Pastoral da Amazônia. Encontra-se na Coletânea Desafio Missionário - Documentos da Igreja na Amazônia. (p. 09-28).

Segundo o Documento Preparatório para o Sínodo Panamazônico, “em sua história missionária, a Amazônia tem sido lugar de testemunho concreto de estar na cruz, inclusive, muitas vezes, lugar de martírio.

Ecologia Integral; um resumo sobre a presença da Vida Religiosa feminina na Amazônia e experiências concretas da missão de Religiosas na Amazônia.

## Referencial Teórico

Pretendemos refletir sobre as contribuições da Vida Religiosa feminina na Amazônia no que diz respeito à ecologia integral. É referência para este trabalho, entre outros, os seguintes textos de P. da MATA: “Caminhos de evangelização na Amazônia” e “A Igreja Católica na Amazônia da atualidade”. Este último faz parte da clássica obra organizada por E. HOORNAERT: “História da Igreja na Amazônia”. A Encíclica *Laudato Si*, do Papa FRANCISCO é também referencial importante, pois traz os elementos de uma ecologia integral que inclui os povos no conceito de ecologia e nos faz o apelo para o cuidado com a casa comum. MAÇANEIRO,

em seu texto “Ecologia, fé e justiça social: Para uma recepção da Encíclica *Laudato Si*’ do Papa Francisco”, nos traz a compreensão de que o Ensino Social da Igreja, desde os anos 60, inclui as questões ambientais e, portanto, ecologia e justiça social estão interligadas. É referencial ainda, a coletânea “Desafio Missionário – Documentos da Igreja na Amazônia (CNBB, 2014) que reúne vários documentos da Igreja na Região, inclusive o célebre Documento de Santarém.

## Metodologia

O método usado nesta pesquisa será dedutivo-indutivo, pois além da pesquisa bibliográfica, será empregada também a pesquisa de campo, uma vez que serão inseridos alguns depoimentos de religiosas da Diocese de Óbidos sobre suas experiências missionárias.

## Resultados e Discussão

### Uma reflexão sobre

### Ecologia Integral:

O Papa Francisco diz em sua Encíclica “*Laudato Si*”, que pretende “refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que incluía claramente as dimensões humanas e sociais”

(LS 137). Desta forma, a Ecologia Integral diz respeito não apenas à “ecologia verde”, mas também à humana, econômica, social, cultural e à ecologia da vida cotidiana.

A partir disso compreendemos que Ecologia e justiça social andam juntas, por isso Marcial Maçaneiro diz que o Papa Francisco insere oficialmente a ecologia no Ensino Social da Igreja.

*Focada no cuidado da nossa casa comum - a Terra em que habitamos - a encíclica Laudato si' (LS 2015) é o primeiro documento pontifício totalmente dedicado à questão ecológica. Assim Papa Francisco insere oficialmente os temas do meio-ambiente, sustentabilidade e cuidado da natureza no Ensino Social da Igreja, coroando um percurso que vinha desde João XXIII com Mater et Magistra até Bento XVI com Caritas in Veritate (cf. LS 15). (MAÇANEIRO, 2015, p.437).*

Assim, não há como separar uma reflexão sobre o meio ambiente da reflexão sobre os direitos humanos. Diz o Papa Francisco: “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, n.49). A exploração do meio ambiente por parte do ser humano acontece há muito tempo, mas, nada

se compara ao que se vê depois que entrou em vigor o sistema capitalista. É preciso, portando, no dizer de Leonardo Boff, ouvir “o grito da terra e o grito dos pobres”, pois o mesmo sistema que oprime e explora o pobre também oprime e explora a terra. Ele diz:

*A Amazônia é o lugar onde Gaia mostra a luxuriante riqueza de seu corpo. E é também o lugar onde ela mais sofre violência. Se quisermos ver a face brutal do sistema capitalista/industrialista, então visitemos a Amazônia brasileira. Aí se perpetraram todos os pecados capitais (pecados mortais e pecados do capital). Aí emergem sem rebuços o gigantismo do espírito da modernidade, o racionalizado do racional e a lógica cristalina do sistema. (BOFF, 1995)*

Sobre esses “pecados capitais” o Papa Francisco faz sérias denúncias em sua Encíclica. O modelo de desenvolvimento em vigor, não contribui para a preservação da natureza, nem para a vida das pessoas que estão à margem do tal ‘progresso’. Para embasar suas denúncias, Papa Francisco fala dos abusos do agro e do hidronegócio. O modelo capitalista não considera as populações tradicionais, não pensa nos pobres, nos mais frágeis, se preocupa apenas com o lucro e o progresso para uma minoria privilegiada. Isso é muito claro na Amazônia Brasileira.

Entre outros exemplos, o papa cita: “a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada” (LS, 48). Outro fator que contribui para a degradação ambiental e que preocupa o Papa Francisco é o estilo de vida que supervaloriza o consumismo, por isto ele nos convoca para repensarmos sobre tudo isto e aponta que a preservação dos recursos naturais e a soberania dos povos só virá a partir do momento em que pararmos para aprender com o modo de vida das comunidades tradicionais. E por isto nos diz Dom Cláudio Humes: A crise ambiental grave que hoje afeta a humanidade necessita, portanto, de uma “conversão ecológica” das sociedades humanas e das pessoas que as compõem. É preciso mudar de direção (HUMES, 2019, p. 43).

Francisco de Assis, patrono da Ecologia, nos ensina que a conversão ecológica acontece na medida em que estabelecemos uma relação harmoniosa com todo o cosmos. É preciso se comportar como irmão ou irmã de todas as criaturas, respeitando, admirando e amando a tudo e a todos. E assim poder louvar ao Criador: “Louvador sejas, meu Senhor, por todas as suas criaturas!”. O Papa Francisco na *Laudato Si'* refere-se a São Francisco como o exemplo por excelência do

cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. “Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (LS 10).

### **Presença da Vida Religiosa Feminina na Amazônia:**

Muito se tem falado ou escrito sobre a Amazônia! Mas o que é a Amazônia? Dada à complexidade da bela, vasta e ameaçada Região é necessário expor uma definição para sabermos por onde estamos caminhando. A Amazônia Continental ou Internacional, também chamada de Pan-Amazônia, é uma região na América do Sul, definida pela bacia do Rio Amazonas e coberta em grande parte por floresta tropical (que também é chamada Floresta Equatorial da Amazônia ou Hiléia Amazônica). A floresta estende-se por nove países: Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e o Suriname.

No Brasil, para efeitos de governo e economia, a Amazônia é

delimitada por uma área chamada Amazônia Legal que abrange nove Estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e parte dos estados de Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. É desta Amazônia brasileira que falaremos neste artigo.

A realidade amazônica tem despertado a sensibilidade, a solidariedade e o profetismo em muitas pessoas e grupos. Muitas Congregações Religiosas Femininas estão presentes nesta área de especial missão, desde o final do século XX junto aos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos na defesa do território e da biodiversidade. No entanto, quando buscamos registros destas presenças, ou seja, quando tentamos “recolher” o que já se tem descoberto e produzido sobre este tema, nos deparamos com as lacunas, com o silêncio e invisibilidade. Existe no Brasil uma vasta bibliografia sobre a Vida Religiosa de modo geral; sobre a Vida Religiosa Feminina, a quantidade de escritos diminui e quando se trata da Vida Religiosa Feminina na Amazônia, é quase nula, a não ser sobre uma ou outra Religiosa quando a vida lhe é ceifada. Será exagero dizer isto? Sobre a Vida Religiosa Feminina no Brasil, Caroline Jaques Cubas apresenta as principais bibliografias e confirma que os escritos são na maior parte, do período colonial, sendo pouco numerosos

os trabalhos dedicados à Vida Religiosa Feminina na segunda metade do século XX. (CUBAS, 2014, p. 146)

Conforme Possidônio da Mata, as primeiras Congregações Femininas que chegaram à Região Amazônica foram as Dorotéias em 1877 e as Filhas de Sant’Ana em 1884. Depois chegaram outras: Irmãs Terciárias Capuchinhas em 1899, Irmãs Dominicanas em 1902, Irmãs de Santa Catarina de Sena em 1903 e em 1911 as Irmãs Franciscanas Missionárias de Mary Hill. Ele nomeia também as Comunidades religiosas fundadas na Amazônia neste período: em 1903, as Terceiras Regulares Capuchinhas; em 1910, as Missionárias da Imaculada Conceição; em 1916, as Filhas do Coração Imaculado de Maria e em 1954, as Missionárias de Santa Terezinha; em 1947, as Legionárias N. S. Rainha dos Corações e em 1966, as Missionárias do Coração Eucarístico. (MATA, 2008, p. 62)

Muitas Congregações Religiosas Femininas estão presentes nesta área de especial missão, desde o final do século XX junto aos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos na defesa do território e da biodiversidade.

Em seu livro “História da Igreja na Amazônia – Vida Religiosa Consagrada no Noroeste Amazônico”, Antônio Sebastião FERRARINI escreve sobre a Vida Religiosa Feminina. Ele diz: “É importante destacar que como a Santa Sé confiava as novas Prelazias a um Instituto Religioso, este em geral, se estabelecia trazendo consigo o ramo feminino. Assim, aconteceu em Humaitá e Porto Velho com os (as) Salesianos (as); no Alto Acre e Purus com os (as) Servitas; em Lábrea com os (as) Agostinianos (as)”. (FERRARINI, 2006, p.50).

Carla Onofre Ramalho e Paulina Onofre Ramalho no artigo intitulado “A atuação das Religiosas Católicas em Roraima”<sup>7</sup> relatam sobre a presença das Irmãs Missionárias Beneditinas e missionárias da Consolata que assumiram funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, como a saúde e educação, com a fundação de inúmeras escolas, asilos, orfanatos e hospitais.

Mas, como sabemos, a Vida Religiosa feminina, depois do Concílio Vaticano II e do novo jeito de ser Igreja na América Latina, assumiu a caminhada ao lado dos pobres e marginalizados. Embora não tenha visibilidade, a Vida Religiosa feminina

assumiu sua dimensão profética e missionária lançando-se no serviço aos mais necessitados, nas regiões de fronteira e em muitas regiões deste imenso país. Maria José Rosado Nunes, referindo-se às CEBs - Comunidades Eclesiais de Base, diz que as religiosas foram não somente as mais numerosas (...), “mas também, a qualquer outro fator que se possa compará-las, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades” (NUNES, 1997, p. 504).

Trazendo esta realidade para a Amazônia, Ir. Agnese Costalunga em seu artigo “Amazônia - Narrando os acontecimentos do caminho para Jerusalém e como o reconheceram na fração do pão” nos diz: “A história testemunha que, não raras vezes, as comunidades de Vida Religiosa Apostólica, particularmente as femininas, encontram-se na vanguarda da missão, a afrontar os maiores riscos e a vida dos seus membros. (COSTALUNGA, 2013, p.253).

### **Experiências concretas de Religiosas na Amazônia**

Muitas Irmãs já doaram suas vidas em favor dos povos da Amazônia e do meio ambiente. Possidônio da Mata, ao falar da repercussão do Documento de Santarém, escreve que parte da Igreja passou a solidarizar-se com os mais pobres e oprimidos:

<sup>7</sup> Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos) Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

índios, posseiros, sem-terra, migrantes, desempregados, etc., rompendo os vínculos históricos tradicionais e por isso sofreu as retaliações dos poderosos: prisões, ameaças de morte, assassinatos, passaram a fazer parte da vida da Igreja na Amazônia. E ao citar vários mártires da Igreja na Amazônia, também cita três Religiosas: Ir. Adelaide Molinari, da Congregação Filhas do Amor Divino, a Ir. Cleusa Carolina Rody Coelho, Missionária Agostiniana Recoleta (ambas assassinadas em 1985) e Ir. Dorothy Stang, que pertencia às Irmãs de Nossa Senhora de Namur, assassinada em 2005. (MATA, 2008, p.73). Entre outras publicações sobre Ir. Dorothy, citamos a obra “Mártir da Criação - Dorothy Stang”. (SALVOLDI, 2012).

O compromisso das Irmãs com os povos indígenas, não apenas na convivência do dia-a-dia, mas também em instâncias maiores, como é o caso da própria organização do CIMI em 1972, merece destaque. “O grupo fundador era heterogêneo, incluía bispos e missionários com várias visões e posturas. Entre eles: Irmã Silvia Wewering, das Servas do Espírito Santo”. (PREZIA, 2003, p.60).

As Irmãs estão presentes nas Missões indígenas, desde muito cedo, mesmo quando ainda não se tinha conhecimento da presença de Religiosas. A missão entre os Munduruku foi a primeira

Missão aberta no Pará no século XX pelos franciscanos da Diocese de Santarém em 1908 e as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição chegaram em 1912. (RUFFALDI, 2002, p. 20)

E o que dizer das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo Tapirapé no Mato Grosso? Merece destaque a Ir. Genoveva Helena (Ir. Veva) que chegou em 1952, aos 28 anos de idade, quando os Tapirapé estavam em via de extinção. Ir. Veva permaneceu junto a este povo até o dia de sua morte, em setembro de 2013, aos 90 anos. Hoje os Tapirapé estão organizados em oito aldeias com aproximadamente mil indígenas. Da presença missionária das Irmãs nasceu o livro: “Parteiras de um Povo – 65 anos de presença das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo Apyãwa-Tapirapé”. (REMY, 2018)<sup>8</sup>.

Na Diocese de Óbidos-PA, estão presentes várias Congregações femininas, entre elas a Congregação Franciscana de Maristella desde 1970. Hoje, estão apenas em Juruti Velho (Vila Muirapinima) e em Curuá, mas já estiveram também em Juruti, Terra Santa, Óbidos e Tiriyo (Parque do Tumucumaque).

Em seu artigo na Revista *Convergência*, intitulado “O

8 A vida e profetismo de Genoveva Helena, Odila de Jesus e suas irmãs de fraternidade é contado na obra escrita por Eliane Remy, prima de Genoveva, originalmente em francês.

Despojamento como Elemento essencial na Missão”, Ivoneide Queiroz insere depoimentos de algumas Irmãs Franciscanas de Maristella na Diocese de Óbidos-PA onde atuam em realidades distintas: nas cidades, Vilas e Aldeias com forte atuação contra madeireiros e mineradoras e na defesa dos povos indígenas. A “Encarnação na Realidade”, como primeira Diretriz do Documento é algo muito importante na missão das Irmãs Franciscanas de Maristella. Como está no Documento, as Irmãs também desejam “um total entrosamento com a realidade concreta do homem e do lugar pelo conhecimento e pela convivência com o povo, na simplicidade e na amizade do dia-a-dia”. Um exemplo concreto se dá na missão nas comunidades indígenas. Vejamos o que diz Ir. Nilma quando estava entre os povos indígenas na Missão Tiriyo:

*Em 2009, fui para a região de Itaituba viver uma experiência de convivência com os parentes Munduruku no Alto Tapajós e no rio Cururu, permanecendo com estes por dois anos (2009 e 2010) e atuando como missionária e enfermeira. Fazer esta experiência foi a realização de um sonho na minha vida. Hoje estou na Missão Tiriyo que pertence à Diocese de Óbidos. A partir do momento em que nos permitimos nos esvaziar de nossa cultura, costumes,*

*religião, ideias, conhecimentos, daquilo que nos é próprio para nos deixar preencher e enriquecer do outro, vivenciamos completa e plenamente o despojamento em nossa missão. (QUEIROZ, 2014, p.72).*

No que se refere à “Evangelificação libertadora”, a atuação das Irmãs tem sido na linha de colaborar com o povo nas comunidades, nos grupos e nos organismos sociais pela prática de uma vivência de “fé e vida”, ou seja, de um agir enraizado numa prática de fé que tem como base a defesa da vida. Assim diz Ir. Fátima:

Tenho consciência de que contribuir nesta região tão rica e vasta e, ao mesmo tempo tão ameaçada, saqueada, abandonada, desrespeitada (...) é compromisso sagrado para a vida religiosa consagrada que se diz seguidora do Projeto de Jesus Cristo. Aqui a luta pelo direito de permanecer na terra, pela preservação da natureza com sua rica biodiversidade e para garantir que as chamadas políticas públicas cheguem aos que dela necessitam, tornou-se parte da missão. (QUEIROZ, 2014, p. 74).

Em sua tese de Doutorado, Lindomar Silva diz: “Em Juruti, as Irmãs Franciscanas adotaram a pedagogia popular e a Teologia da Libertação e desenvolveram o trabalho junto à comunidade, com a realização de vários cursos,

seminários, fóruns e intercâmbio com outras comunidades, o qual tinha como perspectiva a formação de uma consciência política, assim como estabelecer cooperação visando desenvolver e transformar a realidade social, econômica e política, e também criar consciência política dos líderes”. (SILVA, 2015. P. 184). E ainda: “Ao indagar as lideranças a respeito de como poderiam classificar a importância da Igreja Católica no processo de organização e incidência junto a ALCOA, a resposta de todos é: ‘Fundamental’. Acredita-se que a resposta é decorrente da história, do incentivo e da participação das Franciscanas nas lutas coletivas travadas pelas comunidades”. (SILVA, 2015, p.192).

O Sínodo da Amazônia contou com a presença recorde de 35 mulheres, mais da metade eram religiosas. Conforme Márcia Maria de Oliveira, uma das peritas no Sínodo, em artigo publicado no site da REPAM<sup>9</sup> com o título: “O protagonismo das mulheres no Sínodo da Amazônia”, a Assembleia Sinodal reconhece o protagonismo das mulheres nas comunidades, pastorais, movimentos sociais e em todo conjunto da missão da Igreja na Pan-Amazônia. A participação das mulheres, segundo o artigo, tem grande relevância pela qualidade do conteúdo que

levaram para debater, com destaque para a Ecologia Integral.<sup>5</sup> Considerações Finais

A Vida Religiosa Feminina tem se colocado a caminho, enfrentando as estradas e os rios, em direção às aldeias e quilombos, nos interiores e nas periferias desta imensa Amazônia, com o firme desejo de contribuir com uma Ecologia Integral, ou seja, com o firme desejo de contribuir com a VIDA onde ela se encontra ameaçada, seja a vida dos povos ou da floresta com toda sua biodiversidade. Acredita-se também que, de fato, “tudo

O Sínodo da Amazônia contou com a presença recorde de 35 mulheres, mais da metade eram religiosas. Conforme Márcia Maria de Oliveira, uma das peritas no Sínodo, em artigo publicado no site da REPAM com o título: “O protagonismo das mulheres no Sínodo da Amazônia”, a Assembleia Sinodal reconhece o protagonismo das mulheres nas comunidades, pastorais, movimentos sociais e em todo conjunto da missão da Igreja na Pan-Amazônia.

9 Rede Eclesial Pan-Amazônica

está interligado”, a destruição da natureza é a destruição do ser humano. É urgente uma conversão ecológica que leve o ser humano a uma convivência harmoniosa com o cosmos. O Capítulo IV do Documento Final do Sínodo da Amazônia propõe “novos caminhos de conversão ecológica”. Diante de uma crise socioambiental sem precedentes, necessitamos uma conversão ecológica para responder adequadamente. Portanto, como Igreja Amazônica, diante da agressão cada vez maior contra nosso bioma ameaçado de desaparecer, com tremendas consequências para nosso planeta, nos colocamos em caminho inspirados pela proposta da ecologia integral. Reconhecemos as feridas causadas pelo ser humano em nosso território, queremos aprender de nossos irmãos e irmãs dos povos originários, num diálogo de saberes, o desafio de dar novas respostas buscando, modelos de desenvolvimento justo e solidário (n. 65).

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. ECOLOGIA – Grito da Terra, Grito dos Pobres. Editora Ática 1995. São Paulo.
- CNBB. Desafio Missionário - Documentos da Igreja na Amazônia - Coletânea. 1ª Edição – Brasília: 2014 – Edições CNBB
- COSTALUNGA, Agnese. Amazônia-Narrando os acontecimentos do caminho para Jerusalém e como o reconhecemos na fração do pão (cf. Lc 24,33-35). *Convergência*. Rio de Janeiro, Ano XLVIII, n. 461, p. 252-262, mai. 2013.
- CUBAS, Caroline Jaques. A Vida Religiosa Feminina durante a segunda metade do século XX: Um Olhar Historiográfico. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia* V. 5, N.2, julho-Dezembro de 2014
- FERRARINI, Sebastião Antônio. História da Igreja na Amazônia – Vida Religiosa Consagrada no Noroeste Amazônico. Porto Velho: Editora, 2006.
- HUMES, Cláudio. O Sínodo para a Amazônia. Vozes. São Paulo. 2019.
- MAÇANEIRO, M. Ecologia, fé e justiça social: Para uma recepção da Encíclica Laudato Sí do Papa Francisco. In: *Revista Medellín* n. 163, septiembrediciembre 2015, CELAM Bogotá, p. 435-460.
- MATA, Raimundo Possidônio. Caminhos de evangelização na Amazônia. In: LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joachim.

- Caminhos para a missão: fazendo missiologia contextual. Brasília: abc BSB Editora, 2008.
- MATA, Raimundo Possidônio. "A Igreja Católica na Amazônia da atualidade". In: HOO-RNAERT, Eduardo; CEHILA. História da Igreja na Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1992.
- NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 1997. p.482-509.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015
- PREZIA, Benedito (Org.). Caminhando na luta e na esperança: Retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI. São Paulo: Loyola, 2003.
- QUEIROZ, Ivoneide. O Despojamento como elemento essencial na Missão. Convergência. Brasília, Ano XLIX, n. 468, p. 63-78, jan./fev. 2014.
- REMY, Eliane. Parteiras de um povo – 65 anos de presença das Irmãs de Jesus junto ao povo Apyãwa-Tapirapé. Scala Editora, 2018
- Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM BRASIL. Comissão Especial para Amazônia. Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento Preparatório. Brasília: CNBB, 2018
- RUFFALDI, Nello. O desafio da Missão. CIMI - Conselho Indigenista Missionário. Regional Norte II (PA- AP) – janeiro de 2002. Editora: Mensageiro Belém-PA – 2002.
- SALVOLDI, Valentino. Mártir da criação. Dorothy Stang. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1912.
- SILVA, L. J. S. Natureza capitalista versus natureza orgânica: o advento da ALCOA e a mobilização e organização das comunidades de Juruti no Baixo-Amazonas paraense. Tese de Doutorado – UFPA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2014.
- ZONTA, J. Ricardo. Trinta anos da morte de Irmã Cleuza, missionária agostiniana "Sua entrega, um jeito contundente de testemunhar a fé cristã-católica!" Convergência – Ano L – Nº 486 – novembro 2015 (p. 750-767)

# HOMO VIATOR, GRAÇA E DIVINIZAÇÃO NO POEMA “OUTRAS COPLAS AO DIVINO”, DE SÃO JOÃO DA CRUZ

FREI JONAS MATHEUS SOUSA DA SILVA, OFM<sup>cap</sup>

## RESUMO

Elabora hermenêutica do poema “Outras coplas ao Divino”, de São João da Cruz, em diálogo com perspectivas filosóficas e teológicas, tais qual o conceito de “Homo Viator” de Gabriel Marcel, Heidegger e o pensamento contemporâneo, o desejo de Deus em Santo Agostinho e

em comentários ao Cântico dos Cânticos por Orígenes e Santa Teresa de Jesus, a irrupção da Graça de Deus e a divinização do batizado como transfiguração da pessoa, conforme o pensamento de H. Urs Von Balthasar e uma comparação da experiência do Doutor Místico com a experiência do seguimento de Cristo em São Francisco de Assis.

**Palavras-chave:** *São-João-da-Cruz. Homo-Viator. Divinização.*

São João da Cruz, Juan de Yepes y Álvarez, (1542-1591) viveu onde hoje está a Espanha, aderiu à reforma descalça do Carmelo,

---

1 Frade Capuchinho da Província Nossa Senhora do Carmo(MA/PA/AP). Presbítero. Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão e cursou Teologia pela Arquidiocese de Belém. Mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Pará. Publicou livros de gêneros poético, catequético e monográfico em Belém-PA, disponíveis na plataforma virtual: clube de autores.com.

cooperando com Santa Teresa de Jesus (1515-1582). Vivenciou a ascese mística, passando por várias tribulações, inclusive por perseguições, cárcere e disciplinas por seus irmãos de hábito do Carmelo calçado. Percorreu a via da mística sponsal, refletida em suas poesias e obras sempre com grande densidade espiritual: entre outras, obras como: “Subida ao Monte Carmelo”, “Chama Viva de Amor”, “Noite Escura” e “Cântico Espiritual”. Foi canonizado em 1726, e declarado doutor da Igreja (“Doutor Místico”) em 1926 pelo papa Pio XI.

Dentre os seus poemas, tomamos de suas “Coplas ao Divino”, aquele que a edição lusitana (Aveiro, 1977) dos seus escritos intitula “Outras coplas ao divino”, apresentando-o como o décimo dos poemas.

Faz-se neste trabalho, um comentário hermenêutico-teológico, ao texto deste poema místico.

Desse modo, enfatizaremos os tópicos:

- \*O poema;
- \*Homo Viator;
- \*Luz e Verdade
- \*Kénosis e graça; e
- \*A esperança se torna Amor.

## O POEMA

O texto reflete sua busca ascética de Deus, anelando pela união

com o Senhor, numa subida de ser humano que finda por se alçado pelo próprio Deus à divina união com Ele.

Assim, temos o poema:

*Atrás de amoroso lance,  
Que não de esperança falto,  
Voei tão alto, tão alto,  
Que, à caça, lhe dei alcance.*

### I

*Para que eu alcance desse  
Àquele lance divino,  
voar tanto foi preciso  
que de vista me perdesse;  
e, contudo, neste transe  
a meio do voo quedei falto;  
mas o amor foi tão alto,  
que lhe dei, à caça, alcance.*

### II

*Quando mais alto subia  
Deslumbrou-se-me a visão,  
E a mais forte conquista  
Se fazia em escuridão;  
Mas por ser de amor o lance,  
dei um cego e escuro salto,  
E fui tão alto, tão alto,  
Que lhe dei, à caça, alcance.*

### III

*Quanto mais alto chegava  
Deste lance tão subido,  
Tanto mais baixo e rendido  
E abatido me encontrava;  
Disse: Não haverá quem alcance;  
E abati-me tanto, tanto,  
Que fui tão alto, tão alto,  
Que lhe dei, à caça, alcance.*

## IV

*Por uma estranha maneira  
Mil voos passei de um só voo,  
Porque a esperança do céu  
Tanto alcança quanto espera;  
Esperei só este lance  
E em esperar não fui falto,  
Pois fui tão alto, tão alto,  
Que, à caça, lhe dei alcance*

(João da Cruz, 1977, pp. 1060-1)

Como se nota, o texto é composto por 36 versos, distribuídos em um quarteto introdutório, seguido de quatro oitavas. Repetem-se ao final das estrofes a ideia: “que à caça, lhe dei alcance” ou “que lhe dei, à caça, alcance”; compassando o poema espiritual e chamando atenção para a reflexão do ser humano desejoso, que busca ao Ser Divino e, na sua busca, é alcançado pela graça divina.

Nesse ínterim, daremos ênfase aos temas presentes nas estrofes, através da nossa hermenêutica filosófico-teológica.

## HOMO VIATOR

Homo viator, é termo filosófico que expressa o ser humano como um viandante de desejo e busca (cf: MARCEL, 2005).

O ser humano, criado à imagem e semelhança (Cf. Gn 1,26) daquele que é a própria imagem

de Deus invisível (Cf. Col 1,15); portanto, “filho no Filho” (Cf. Gaudium et Spes 22); tem no seu ser como que a inscrição do Logos ou “DNA” fundamental que constitui sua humanidade de modo genuíno, no próprio Filho eterno do Pai que, na plenitude dos tempos, realiza a Sua encarnação, no seio da Virgem Maria. Mediante a ação do Espírito Santo, realizou o divino esponsal entre Deus e humanidade, consumado no tálamo da cruz e elevado à glória na ressurreição.

Assim, o ser humano, capaz de Deus (Cf. Catecismo 27-43) é um ser sempre em busca da plena realização, que só acontece de fato, mediante a ação do Filho de Deus e do Seu Espírito que leva a pessoa humana a participar da vida de Deus (grego: Theósis; Theopoiesis), à amizade com Deus (Cf. II Pd 1,4).

Nesse sentido, os versos finais das estrofes, insistindo na mesma ideia de busca de Deus e de ser alcançado por Ele, estão em conexão com os Salmos: 42-43 (41-42); 63 (62); o mesmo tema refletido por Santo Agostinho (354-430) na obra “Confissões” (Liv. I,1)

*“Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado.” “É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria.” O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; — o homem que*

*publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós”.*

Trata-se de viver a busca na fé, na espera e no amor. Bem como o tema bíblico da noiva que busca o seu esposo no Cântico dos Cânticos. Quanto a isso, Orígenes (185-253), comentou:

A esposa pede encarecidamente ao seu esposo que lhe indique o lugar do seu retiro e descanso, já que, impaciente de amor, anseia por escutar o esposo também no meio-dia, sobretudo nesse momento em que a luz é mais clara e o brilho do dia é perfeito e puro, para estar ao seu lado enquanto apascenta as ovelhas ou leva-as a se refrescarem. E, com empenho, quer saber a via que deve seguir até ele” (2007, p.141 – tradução nossa).

Também Santa Teresa de Jesus, ao escrever sobre esse livro do Antigo Testamento, exclamou:

Oh! Amor forte de Deus! E como lhe parece que não há de haver coisa impossível a quem ama! Oh! Ditosa alma que chegou a alcançar essa paz de seu Deus, que se assenhoreou de todos os trabalhos e perigos do mundo! A

nenhum teme a troca de servir a tão bom Esposo e Senhor, e com mais razão, que a que tem este parente e amigo que temos dito! (1978, p.605)

A pessoa humana, quando compreende a necessidade de busca do sentido inscrita no seu ser como sede vital de união íntima com o transcendente, com Deus que é comunidade relacional de Amor, deseja as luz e verdade que advém dessa fonte divinizante, como única possibilidade da própria redenção dada na fé, no amor a Deus e na acolhida humilde de Sua graça.

## LUZ E VERDADE

Com a ênfase nas palavras: “lance”, “à caça” e “alcance”, percebe-se o jogo livre da relação do homo viator e Deus que lhe pode fazer realizado pela participação na Sua vida, chamada, em linguagem bíblico-teológica, por “visão beatífica”.

Essa feliz contemplação de Deus é plena relação de amizade com Ele, possibilitada pelas ações do Filho e do Espírito na História da Salvação, em virtude da morte e ressurreição do Verbo encarnado, através da fé e do Batismo conferido pela Igreja. Pela participação no corpo eclesial do Senhor, através da comunhão com o seu corpo eucarístico, sacramento da

Sua morte e ressurreição, a pessoa é configurada cotidianamente ao Seu mistério Pascal até passar totalmente do mundo para o Pai, no Amor (Cf. Jo 13,1).

Aparece, nisso, a angústia do discípulo de Cristo, chamado a cada dia, na história pessoal, a correr para o divino mediante a Páscoa da cruz e da Glória do Amor absoluto que é Deus. Conforme o teólogo suíço Hans Urs Von Balthasar (1905 -1988), no escrito “O cristão e a angústia”:

*Toda a graça provém da Cruz. Toda alegria é alegria da Cruz. E cruz significa também angústia. Se é certo que o homem foi libertado radicalmente de toda a forma de angústia do pecado, mais, que lhe foi proibido experimentá-la – e isto compreende tudo o que o recalca em si mesmo e o fecha, o angustia, torna infecundo e frustra -, a cruz abre-lhe, todavia, uma perspectiva absolutamente nova, isto é: a graça e a permissão de se angustiar na angústia de Cristo, na medida em que a graça lho concede [...] é um alargamento, uma dilatatio do amor na cruz que, como tal, não pode deixar de produzir uma nova dilatação em quem dela foi perfeito participante (2004, p.46).*

Na busca da visão, da iluminação de Cristo, dissipando as trevas do ego, na ação redentora do Filho de Deus encarnado, sobretudo na Sua Cruz, manifesta-se

a verdade, a beleza e a glória do Amor divino que misericordiosamente revela o ser humano ao ser humano, remindo esse que se tornou presa do pecado e da morte, libertando-o ao se de deixar interpelar pelo Verbo encarnado, suspenso no madeiro, Servo do Senhor (Cf. Is 52,13-53,12), glorificado (Cf. Fl 2,9ss).

Para o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 - 1976), a verdade (do grego: aletheia) é desvelamento do ser, perante o qual a atitude mais justa é a da admiração, acolhida e escuta, deixar-se interpelar como seu interlocutor. Pois,

*o que há de mais elevado entre todas as coisas, de cujo homem é senhor, é dizer o desvelado, e, juntamente com isso, agir Kata Phísín; isto é, inserir-se e apresentar-se no interior da vigência total e do destino do mundo em geral. O agir Kata Phísín efetiva-se de uma tal maneira que aquele que se exprime deste modo direciona a sua escuta para as coisas (HEIDEGGER, 2015,p.38).*

Desse modo, perante o Verbo de Deus crucificado e glorificado, o discípulo é chamado a ser ouvinte da Palavra (Cf. Karl Rahner) que lhe envolve e transforma. Mostrando a forma do Amor divino que reúne em si o que o pecado, fragmentou da beleza original da criação, ao carregar as consequências dos nossos pecados, no sagrado lenho que se

torna árvore da vida. Conforme Von Balthasar (2008, p.108):

*Cristo assume uma existência humana para a oferecer em sacrifício a Deus, por todos os homens e pelo mundo inteiro, para, nesta liquefação de si mesmo, unir Deus e o mundo e, na ressurreição, receber da mão do Pai, eternizada, a sua própria natureza sacrificada (e com ela o mundo); ao mesmo tempo, para colocar esta mesma natureza (e com ela o mundo) eternamente na mão do Pai.*

Aqui se dá “a mais forte conquista” de Deus, que acolhe o ser humano em busca, mais titubeante no lusco-fusco de sua angústia diante do chamado de também passar com Cristo pelo mistério pascal, crucificando a própria carne-ego (Cf. Gl 2,20).

Quanto a isso, São João da Cruz, na obra “Subida do Monte Carmelo”, especifica a necessidade ascética, conduzida pela graça de Deus, do duplo acrisolamento perpassado na “noite dos sentidos” e na “noite do espírito”, para ser envolvido, ao cimo do monte, pela união divina.

## KENOSIS E GRAÇA

O filósofo cristão Søren Kierkegaard (1813-1855), impostou a necessidade do ser humano, na busca existencial, ao passar das fases estética (belo) e ética (bom) para a religiosa

(verdadeiro), através do salto confiante da racionalidade para o Lógos da fé; de fato,

*a dialética da fé é a mais sutil e notável de todas; tem uma sublimidade de que posso ter uma ideia, mas não mais que isso. Posso muito bem executar o salto de trampolim no infinito [...], amar a Deus sem fé é refletir-se sobre si mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir-se no próprio Deus (KIERKEGAARD, 1979, p. 129).*

O mesmo pensador, na sua reflexão sobre tal salto da beleza e da bondade para a verdade da fé, na decisão de Abraão de oferecer o seu único filho Isaac, em holocausto a Deus, sobre o monte Moriá (Cf. Gn 22,1-18; Hb 11,17-19), mas confiando em Deus, autor da vida, ressalta que: “se vê que Abraão pode ser compreendido, mas somente como se compreende o paradoxo. [...] Mas não houve quem compreendesse Abraão. No entanto, o que conseguiu ele? Permanecer fiel ao seu amor” (KIERKEGAARD, 1979, p. 129).

Trata-se, sempre, de uma kenosis (esvaziamento; sair de si para encontrar o outro), a exemplo do Filho de Deus encarnado e crucificado (Cf. Fl 2), morrer com Cristo, a fim de ressuscitar com Ele e ser preenchido (pleroma) da Sua Glória em Deus. Desde já, uma morte do ego, para que o Filho ressuscitado viva, pelo Seu Espírito, em nós (Cf. Gl 2,20).

Também São Francisco de Assis (1182-1226), nos últimos anos de sua história, ao ser rejeitado pelos novos membros da ordem que iniciara, ao subir para a quadra de São Miguel, ao Monte Alverne, buscando a união total com Cristo, foi alcançado pelo mistério do Filho encarnado e glorificado e se tornou, também no seu corpo, outro Cristo, um só com Cristo, homem espiritual transpassado em sua carne pelas chagas do crucificado-ressuscitado, cooperando para completar a Paixão do Senhor para o bem de Seu corpo místico, a Igreja (Cf. Cl 1,24). Sobre isso, escreveu Tomás de Celano (2008, p. 259):

*Na verdade, a vida gloriosa dele ilumina com luz mais clara a perfeição dos primeiros santos; a paixão de Jesus Cristo o prova, e a cruz de Cristo o manifesta de maneira mais plena. Na realidade, o venerável pai foi marcado em cinco partes do corpo com o sinal da paixão e da cruz, como se tivesse pendido na cruz com o Filho de Deus. Este mistério é grande (cf. Ef 5,32) e indica a grandeza da prerrogativa do amor.*

São Francisco de Assis, assim como São João da Cruz e vários homens e mulheres que buscaram encarnar o Evangelho nas suas existências, obtendo bom êxito no seguimento de Cristo, pôde passar pelo esvaziamento

do próprio ego, da ilusão de onipotência, e “lavando e alvejando suas vestes no sangue do Cordeiro” (cf. Ap 7,13s), tornou-se, pela abertura pessoal à ação da graça divina, transparente e vazio de si, apto para receber em si a própria presença de Deus, que lhe engrandecia na esperança e no Amor, não obstante as provas existenciais que lhe desafiara a integridade da própria fé.

## A ATIVA ESPERANÇA SE TORNA AMOR

A “estranha maneira” da lógica divina, alcançando e envolvendo o ser humano, mediante a cruz e ressurreição no Espírito, mostra a graça de Deus aperfeiçoando e plenificando os méritos da pessoa que na fé e na esperança busca o Amor que é Deus. Certamente, a graça divina toma a semente do esforço humano na ascese e no amor, fazendo-o passar “mil voos em um só voo” e, tornando-se a árvore frutífera que está arraigada à beira do rio da vida, produzindo seus frutos a seu tempo (Cf. Sl 1).

Sobre esta esperança na qual fomos salvos (Cf. Rm 8,24), escreveu o Papa Bento XVI (2007, p.3): “a ‘redenção é-nos oferecida no sentido de que nos foi dada a esperança, uma esperança

fidedigna, graças à qual podemos enfrentar nosso tempo presente”.

O que pode ser sintetizado no pensamento do Doutor místico:

*Deus sabe o que nos convém  
e ordena tudo para o nosso bem.  
Não pense outra coisa  
senão que tudo é ordenado  
por Deus.  
E onde não há amor,  
ponha amor, e colherá amor.  
(Ep. 47)*

(João da Cruz apud  
SCIADINI, 1992, p.148)

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col: Os Pensadores).
- BALTHASAR, Hans Urs Von. O cristão e a angústia. São Paulo: Fonte editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. Só o Amor é digno de Fé. Viseu: Assirio e Alvin, 2008.
- BENTO XVI, Papa. Spe Salvi: Carta encíclica sobre a esperança cristã. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2004.
- CELANO, Frei Tomás de. Primeira vida de São Francisco. In: TEIXEIRA, Frei Celso Márcio [Org.]. Fontes Franciscanas e Clarianas. 2.ed. Petrópolis: Vozes; FFB, 2008 .pp.197-299.
- DIBERARDINO, Pedro Paulo. São João da Cruz: doutor do “Tudo e Nada”. São Paulo: Paulus, 1992.
- GARRIDO, Javier. Releitura de São João da Cruz. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. Os conceitos fundamentais de Metafísica: mundo-finitude-solidão.2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- JOÃO DA CRUZ, São. In: CARMELO de s. José – Fátima. Obras completas do doutor místico São João da Cruz.4.ed. Aveiro: Edições Carmelo,1977.
- KIERKEGAARD, Søren A. Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col: Os Pensadores).
- MARCEL, Gabriel. Homo Viator: prolegômenos a uma metafísica de la esperanza. Salamanca: Ed. Sigueme, 2005.
- ORÍGENES. Comentario al cantar de los cantares.3.ed. Madrid: Ciudad Nueva, 2007.
- PEREIRA, Silvio do S. de Almeida. La divinizzazione come criterio ermeneutico

della soteriologia drammatica di Hans Urs Von Balthasar: dissertatio ad Doctoratum. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2014.

RAHNER, Karl. Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

SCIADINI, Frei Patrício. Nunca caminhe sozinho: experiência de Deus em João da Cruz. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1992.

TERESA DE JESUS, Santa. In: CARMELO de s. José – Fátima. Obras completas de Santa Teresa de Jesus. 2.ed. Aveiro: Edições Carmelo, 1978.

# A DEVOÇÃO MARIANA NO CARISMA SALESIANO: UMA NARRATIVA EXPERIENCIAL

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB<sup>1</sup>

## Resumo

A experiência mariana está na base do carisma salesiano. Desde os inícios do trabalho com os jovens, 08/12/1841, Dom Bosco não

teve dúvida de que era ela a mãe cuidadora da sua obra. Com este artigo desejo apresentar o amadurecimento vocacional, tanto em Dom Bosco, como na minha experiência, como presença de Maria que cuida. Apresento também a arte como expressão da devoção a Maria e como ela se integra no seguimento de Jesus. Por fim, proponho a visibilidade mariana que caracteriza o carisma salesiano.

*Palavras-chave: carisma, fundador, experiência, mística.*

## Introdução

O carisma do fundador é sempre um poço de fecundas intuições e provocações. Dele podemos

1 Pe. João Mendonça, é salesiano de Dom Bosco desde 1982. Pertence a Província Salesiana São Domingos Sávio, com sede em Manaus/AM. É bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Xaveriana de Bogotá/Colômbia; licenciado em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Lorena/SP; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma – UPS, com especialização em metodologia para a formação presbiteral e para a vida religiosa; com pós-graduado em Comunicação pelo SEPAC e PUC/SP e, em Educação sexual pela UNISAL/SP. Escritor com 20 livros editados por várias editoras do Brasil, pregador de retiros espirituais, formador e pároco durante vários anos e, atualmente, assessor da CRB Nacional para a revista Convergência.

experimentar sempre o Vinho Bom e aprofundar nossa relação de fé, na força do Evangelho e no dom recebido pelo fundador(a). Neste intuito, organizei algumas reflexões sobre a presença mariana no núcleo do carisma salesiano, a partir de Dom Bosco e, como eu, herdeiro do carisma, vivo esta experiência no cotidiano da mística-sapiencial.

O artigo está desenvolvido em três partes: 1ª A presença mariana no amadurecimento vocacional de Dom Bosco e minha relação espiritual com Maria; 2ª O monumento de Pedra em homenagem a Virgem de Dom Bosco e a beleza do sagrado na minha vida; 3ª O monumento vivo das Filhas de Maria Auxiliadora e o compromisso com a visibilidade carismática salesiana.

Não é minha pretensão, digo logo desde o início, elaborar ou criar argumentos teológicos marianos. Não tenho a intenção de elaborar um tratado. Aliás, quem espera mais um tratado mariano ficará decepcionado. Aqui manifesto minha interioridade e o que sinto, de fato, como devoto, como filho e como salesiano em relação espiritual com a mãe Auxiliadora dos cristãos.

## 1) A presença mariana no amadurecimento vocacional de Dom Bosco e minha relação espiritual com Maria.

É bom começar pelo fim. Era o dia 16 de maio de 1887. Dom Bosco estava em Roma, dois dias antes, 14/05, o cardeal Lúcio Maria Parochi, consagrou a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, construída por Dom Bosco a pedido do papa Leão XIII. Devido ao estado de saúde precário: Dom Bosco estava meio cego, coxo, mudo e suas mãos tremiam sem forças até para escrever tinha dificuldade, ele não participou da cerimônia. Sentia que estava próximo de seu fim. No dia 16, após a grande festa, ele conseguiu presidir a missa no altar de Nossa Senhora Auxiliadora. Chorou convulsivamente durante toda a celebração. Quando retornou à sacristia revelou aos salesianos que um filme tinha passado por sua mente. As palavras de Maria, no sonho dos 9/10 anos de 1825, que se repetiu 18 vezes ao longo de sua vida, era uma realidade. No sonho, ela dizia: Torna-te humilde, forte, robusto...a seu tempo tudo compreenderás. De fato, agora era o tempo.

Desde menino, João estava venerava a Mãe de Deus com

a palavra SENHORA, mãe grávida, muito comum na região de Morialdo, chamada também a Senhora do Castelo, A virgem do Rosário, Nossa Senhora das Graças, Virgem das Dores, Virgem da Consolata, Imaculada, enfim, a Auxiliadora dos Cristãos. Esta presença materna de Maria plasmou o coração do pastor dos Becchi piemontês do norte da Itália. Sua convicção profunda era que Maria tudo fez e faz na Congregação. Dom Bosco teve todos os sinais visíveis de que o carisma recebido e a Congregação salesiana era um milagre da intercessão de Maria. Aquela mão que, no sonho dos 9/10 anos, pousou sobre sua cabeça, permaneceu durante toda a sua vida e permanecerá em cada membro da sua Congregação.

Essa experiência da presença da Senhora eu também sinto hoje na minha vida salesiana. Um fato pode ajudar a entender melhor. Quando revelei aos meus pais o desejo de ser padre salesiano a reação foi divergente. Meu pai, militar, não aceitou. Ele bebia e usou da bebida para me intimidar. Minha mãe e minhas irmãs nunca se opuseram. Quando entrei no noviciado, levei no coração e na mente o peso da negativa do meu pai. Chegou até a dizer se caso eu deixasse tudo, não poderia mais voltar para casa. Na capela do noviciado tinha uma bela imagem de Nossa

Senhora Auxiliadora. Eu me ajoelhei diante dela e pedi um sinal. Pedi que ela deveria dar um jeito na situação e fiz dois pedidos: que meu pai deixasse de beber e aceitasse a minha vocação. Anos depois, 1994, eu com dois anos de padre, estudante em Roma, perdi meu pai. Voltei ao Brasil para o funeral. Dias depois, com minha mãe e irmãs, começamos a rever vários documentos do meu pai e encontrei um álbum. Em cada página uma lembrança desde a minha saída de casa até minha ordenação. Fotos, cartas, santinhos, tudo carinhosamente guardado por ele. Minha mãe não sabia da existência daquele álbum. Ele organizava tudo em segredo. Diante daquilo, eu perguntei se o motivo da morte tinha sido a bebida e, para minha surpresa, minha mãe revelou que desde fevereiro de 1982, ano do meu noviciado até a morte, papai deixou radicalmente de

Dom Bosco teve todos os sinais visíveis de que o carisma recebido e a Congregação salesiana era um milagre da intercessão de Maria. Aquela mão que, no sonho dos 9/10 anos, pousou sobre sua cabeça, permaneceu durante toda a sua vida e permanecerá em cada membro da sua Congregação.

beber. Depois perguntei sobre a aceitação da minha vocação e ela me disse: “seu pai era mais contente do que você. Ele tinha grande orgulho de ter um filho padre”. Não consegui segurar as lágrimas. Imediatamente recordei aquele pedido a Maria. Ela me atendeu. Como não reconhecer neste sinal, nem vou mencionar outros, a vontade de Deus que se revelou a mim pelo carinho materno da mãe Auxiliadora?

Assim foi sendo configurada uma intimidade filial entre um filho, às vezes até rebelde, e uma mãe solícita que, com sinais muito íntimos me ensinou a despertar para a generosidade da resposta vocacional. Ela estava sempre ali, atenta, como nas bodas de Caná, e sempre me recordou que é preciso fazer tudo o que Jesus manda fazer. Aos poucos, aprendi que era necessário encher sempre as talhas de água, abastecer a lamparina com o combustível da escuta atenta, da paciência, da humildade, da busca constante da Palavra, do serviço responsável ao povo de Deus, do sim cotidiano consciente e sem medo, confiando sempre em suas palavras: “Faça-se em mim segundo a tua Palavra”.

Maria é a Senhora de muitos nomes e raças. Isto me faz recordar uma famosa homilia do padre Antônio Vieira sobre o nascimento de Maria:

*Quereis saber quão feliz, quão alto é e quão digno de ser festejado o Nascimento de Maria? Vede o para que nasceu. Nasceu para que dela nascesse Deus.*

*(...) Perguntai aos enfermos para que nasce esta celestial Menina, dir-vos-ão que nasce para Senhora da Saúde; perguntai aos pobres, dirão que nasce para Senhora dos Remédios; perguntai aos desamparados, dirão que nasce para Senhora do Amparo; perguntai aos desconsolados, dirão que nasce para Senhora da Consolação; perguntai aos tristes, dirão que nasce para Senhora dos Prazeres; perguntai aos desesperados, dirão que nasce para Senhora da Esperança.*

*Os cegos dirão que nasce para Senhora da Luz; os discordes, para Senhora da Paz; os desencaminhados, para Senhora da Guia; os cativos, para Senhora do Livramento; os cercados, para Senhora da Vitória.*

*Dirão os pleiteantes que nasce para Senhora do Bom Despacho; os navegantes, para Senhora da Boa Viagem; os temerosos da sua fortuna, para Senhora do Bom Sucesso; os desconfiados da vida, para Senhora da Boa Morte; os pecadores todos, para Senhora da Graça; e todos os seus devotos, para Senhora da Glória.*

*E se todas estas vozes se unirem em uma só voz, dirão que nasce para ser Maria e Mãe de Jesus”.*

(*Sermão do Nascimento da Mãe de Deus*, [https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0006-02946.html](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02946.html), acesso 23/09/2019).

Aproprio-me desta reflexão para manifestar minha gratidão e minha experiência com esta Mãe de tantos nomes e de todos os momentos.

## 2) O monumento de Pedra em homenagem a Virgem de Dom Bosco e a beleza do sagrado na minha vida.

Entre os anos de 1864 a 1868, Dom Bosco construiu a Basílica de Maria Auxiliadora com a ajuda de numerosos benfeitores e superou graves problemas econômicos, a tal ponto que um crítico da época, contrário a Dom Bosco, padre Luís Biginelli, escreveu um artigo em 1883 num jornal de Turim e, entre críticas e reconhecimentos afirmava: “cada pedra do edifício é um sinal visível da caridade e do poder da Auxiliadora”. Esta frase entrou na nossa tradição como se fosse de Dom Bosco, mas não corresponde a verdade. A pergunta é: por que Dom Bosco gastou tanta energia e dinheiro para construir um monumento de pedra à Auxiliadora? Em

1844, com o Oratório migrante, Dom Bosco sonha e, no sonho, a própria pastora aparece e indica a igreja e o local:

*Neste lugar onde os gloriosos mártires de Furius, Aventor, Otávio sofreram o seu mistério, sobre esta terra que foi molhada e santificada pelo seu sangue, eu quero que Deus seja honrado de uma maneira toda especial. Assim falando, avança um pé indicando o lugar onde se deu o martírio e indicou-o com precisão. Eu queria colocar aí algum sinal para identificá-lo quando tivesse voltado naquele lugar, mas nada encontrei, nem uma estaca e nem uma pedra, todavia guardei bem na memória. corresponde exatamente ao ângulo inteiro da capela dos SS. Mártires antes chamada de S. Ana, do lado do evangelho na Igreja de Maria Auxiliadora.*

O motivo era mais que óbvio. A Basílica surgiu como expressão do amor incondicional de Dom Bosco à Virgem Maria e foi consagrado no dia 09 de junho de 1868. Interessante é que dentro da Basílica predomina acima do altar-mor o quadro gigantesco da Auxiliadora que Dom Bosco, em 1865, encarregou o pintor Tomás Lorenzone (1824-1902) de pintar. Nossa Senhora está rodeada pelo coro dos anjos, apóstolos, mártires, profetas, virgens, confessores e algumas

cenar das grandes vitórias alcançadas com a ajuda de Nossa Senhora Auxiliadora. O quadro apresenta os apóstolos, os evangelistas, e um grupo de anjinhos. Embaixo, aparece o Oratório de Turim e ao fundo a Basílica da Superga. Entre São Paulo, com a espada, e São Pedro, com a chave, representada no alto, entre as nuvens, está Maria, a Rainha do céu, com o cetro na mão, símbolo do poder. Ao seu lado estão São Tiago Maior, São Matias, Santo André e São Filipe; à esquerda, São Bartolomeu, São Simão, São Judas Tadeu, São Tomé. Abaixo de São Filipe, está São Tiago Menor. Sobre a cabeça de Maria está a pomba com as asas estendidas, mais acima, o olho de Deus Pai, que ilumina tudo. Maria está rodeada de anjos. Na mão esquerda ela segura o Menino Jesus, que tem os braços abertos, oferecendo suas graças a quem confia em sua mãe. Na cabeça de Maria uma coroa de doze estrelas. À direita está São Lucas, sentado sobre um touro; São Mateus, coberto com manto branco tem nos braços o menino Jesus em forma de anjo; São Marcos está sentado sobre o leão, ele é o evangelista que brada anunciando o Salvador; por fim, São João aparece com uma águia, significando seu Evangelho que voa até os altos céus. A pintura do quadro durou três anos e foi levado e pendurado na Basílica



de Maria Auxiliadora. Ainda no interior da Basílica, os altares, santos e a cúpula com a representação do céu estão todos voltados para o quadro, e, na cúpula está escrita a frase que, no sonho, Dom Bosco escutou de Maria “daqui sairá a minha glória”. Para completar a obra, no alto da Basílica, está a imagem da Imaculada Conceição. Assim, Dom Bosco expressa a síntese de sua confiança na intercessão da Mãe de Deus em toda a sua obra.

Toda a beleza da Basílica faz pensar no significado profundo e afetivo de Maria Auxiliadora na história da Igreja e na religiosidade de Dom Bosco. É fascinante imaginar que o carisma salesiano está permeado da realidade

maternal mariana que constitui nossa identidade mística, profética e sapiencial. Não dá para entender o carisma salesiano e o ser salesiano sem este imaginário religioso que toca a profundidade da natureza do nosso ser e agir salesiano.

O imaginário religioso presente na devoção mariana, que se expressa na arte, é importante para despertar a contemplação. Contemplar é uma nova maneira de vislumbrar o que não podemos ver com os olhos, é o invisível na visibilidade da arte. No caso dos ambientes marianos, por exemplo, o Santuário da Virgem do Rosário de Fátima, em Portugal, é um espaço místico que fala por si mesmo. Minha primeira experiência em Fátima foi de deslumbre total, contemplação. Eu fiquei no meio da praça, olhando ao redor aquele ambiente repleto de peregrinos, depois a missa na capelinha das aparições. A sensação de estar ali foi inexplicável. Na seqüência, conheci a localidade onde moravam os três pastores. Cada lugar tem um símbolo, uma recordação, uma mensagem de paz. Tudo aquilo despertou em mim a contemplação. Não precisava muitas falas, explicações e correrias para ver coisas estranhas, apenas o desejo de ver e sentir a mensagem que cada espaço sagrado me transmitia. Na mesma linha, porém,

com sensações diferentes, é o Santuário de Aparecida, em São Paulo. Em Aparecida predomina a grandiosidade do espaço sagrado, parece que os construtores quiseram manifestar que a gradeza de Deus e seu mistério pairam sobre Aparecida. Para mim, o lugar mais significativo é o nicho da imagem, ali as pessoas param, rezam, choram, cantam, porém, eu descobri outra realidade artística de Aparecida que pode passar despercebida para muitos romeiros, trata-se da arte desenvolvida nos desenhos e na pintura que, desde a parte externa até o interior da Basílica, narram a história da aparição. O rio Paraíba conduz o romeiro a descobrir não a imagem da Aparecida, mas a pessoa de Jesus, Ele é o centro daquela grandiosidade, Ele é o Senhor.

Nessa perspectiva, é fácil entender a contemplação da Basílica de Maria Auxiliadora, diferente de Fátima e Aparecida, não há um espaço externo grandioso, nem é tão grande, mas a beleza de cada altar, cada imagem, o maravilhoso quadro da Auxiliadora é todo um espaço de fé que libera sentimentos de oração, súplica, louvor e agradecimento. Um detalhe importante é a disposição das imagens no interior da Basílica, todas estão direcionadas para o quadro, isto também me levou a contemplar o valor do olhar de devoto para a

mãe. Contudo, ao olhar para ela, vemos o Filho de braços abertos em seus braços, acolhendo o peregrino, é uma sensação de abandono e confiança.

### **3) O monumento vivo das Filhas de Maria Auxiliadora e o compromisso com a visibilidade carismática salesiana.**

Num passeio de verão de 1864, Dom Bosco foi com um grupo de meninos à cidade de Mornese, na região do Piemonte. Na pequena vila existia um grupo de jovens, todas meninas pobres. O pároco, conhecido de Dom Bosco, era Domingos Pestarino (1817-1874) que, em 1855, começou com as jovens a Sociedade das Filhas da Imaculada. Não sabemos se Dom Bosco convervou com o grupo, mas elas ficaram tocadas pela missão e pela presença daquele padre simples que liderava muitos meninos e tinha em Turim um grande oratório que acolhia jovens, sobretudo os mais pobres. É fato, porém, que o grupo de Mornese não passou despercebido aos olhos de Dom Bosco, ele já estava pensando numa congregação feminina que acolhesse meninas pobres e fizesse o mesmo trabalho que ele realizava em Turim. Aquele grupo poderia ser um

bom começo, porém, ele nada manifestou de princípio.

Os anos passaram, Dom Bosco organizou um grupo de cristãos leigos para zelar e divulgar a devoção à Auxiliadora, 1869, as Devotas de Maria Auxiliadora, hoje conhecidas como Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), foi mais uma forma de perpetuar sua devoção e reconhecimento por tudo que Maria fez na Congregação.

Neste ínterim, padre Pestarino visitou algumas vezes o oratório de Valdocco até pedir e ser aceito para ser salesiano, mesmo permanecendo em Mornese. Este contato entre Dom Bosco e Pestarino foi a ponte para a fundação da congregação feminina. Depois de um período de discernimento, em 1872, Dom Bosco organizou e fundou as irmãs, chamando-as de Filhas de Maria Auxiliadora. Na votação entre as irmãs Maria Domingas Mazzarello (1837-1881), líder nata, foi eleita primeira superiora geral. Com medo, mas no espírito de obediência a Dom Bosco, ela aceitou. O Instituto nascia como um monumento vivo de agradecimento à Virgem Auxiliadora. Já existia o monumento de pedra em Turim, agora, com as irmãs, a homenagem de dom Bosco tornava-se algo vivo, presente na vida da Igreja. Em 1877, as seis primeiras FMA – Ir. Angela Vallese,

23 anos; Ir. Giovanna Borgna, 17 anos; Ir. Angela Cassulo, 25 anos; Ir. Angela Denegri, 17 anos; Ir. Teresa Gedda, 24 anos; e Ir. Teresa Mazzarello, 17 anos – cruzaram o oceano e chegaram ao desconhecido, “Novo Mundo”, América latina, Argentina, onde começaram a dispensar alegria e esperança a uma multidão de crianças, jovens, homens, mulheres, famílias. Assim, Dom Bosco e Mazzarello estendiam os braços da missão salesiana fora da Europa com a presença de irmãs missionárias.

É bom entender como todo este processo mariano na vida de Dom Bosco foi sendo tecido e como ele concretizou materialmente sua gratidão à pastora dos Becchi, termo íntimo como Dom Bosco se referia também a Auxiliadora. Aquela pastora era a guia da vontade de Deus.

Neste sentido, é que entendo minha vocação religiosa salesiana. Vontade de Deus, que passa pelas mãos da pastora, da Auxiliadora, que de fato auxilia no discernimento, no saber superar os limites humanos, nas horas de fracasso e de sucesso, nos momentos de proações e realizações. Ela está presente, atenta repetindo sempre as sábias palavras do Evangelho de João: Faça TUDO que Jesus disse (Jo 2,5). É importante entender esse tudo porque não é possível fazer

a vontade de Deus pela metade, à meia boca, somente nas horas em que tudo parece tão evidente e normal. TUDO é, de fato, fazer sem rodeios, sem queixas, sem medos, sem remendos, sem fugas. É saber adentrar no deserto para descobrir a fonte que jorra das pedras, do anjo presente que protege, do pão que alimenta a caminhada, da renúncia aos deuses que tentam para a infidelidade e saber enfrentar o mar caminhando em meio as águas até que se perca o chão e, somente nele, encontrar a verdadeira segurança. Caso contrário, é possível ceder à tentação de voltar as cebolas e as carnes do Egito, aos ídolos, lutar contra si mesmo, suicidando-se ou até aprender a matar para se defender dos próprios fantasmas. TUDO é aprender a sentir a gratuidade do Pai, a generosidade do Filho e a unidade na diversidade dos dons do Espírito.

### *À guisa de conclusão*

Concluir é algo muito difícil. Apenas quero fechar este portal para não deixá-lo aberto e vazio. Quero dizer, ao final deste artigo, que a presença da Auxiliadora na minha vida salesiana não é um penduricalho em meio a tantos outros, é a essência da minha vida e dos meus sentimentos

mais profundos. Ele perpassa o carisma, suas expressões e o sentido da fidelidade criativa.

Aprendi a reconhecer a presença da Auxiliadora com o passar do tempo, nas casas salesianas por onde passei, com os formadores, com o projeto salesiano de vida e, sobretudo, procurando entender o quanto foi para Dom Bosco a efetiva e eficaz presença de Maria em todo o projeto da Congregação. Encontrei ali o gancho hermenêutico da minha vocação salesiana e do ministério presbiteral que hoje exerço. Nunca tive problema com os demais títulos marianos, que embelezam este mosaico devocional,

que mexem com o coração de todos nós católicos. Eu me sinto perfeitamente em sintonia com a MãE diante da imagem de Fátima, da Aparecida, Das Graças, de Nazaré e tantos outros nomes e raças. É sempre ela, é sempre a presença daquela que TUDO fez e deixou que a Palavra se tornasse nela carne e osso. É a Mariama de tantos nomes.

No entanto, no título de Maria Imaculada Auxiliadora dos Cristãos, eu sintetizo toda a graça de sua presença materna e seu pastoril ao repetir sempre, como no sonho de Dom Bosco: Vamos, não desanime, ânimo, caminhe.

### Para refletir:

1. A presença de Maria na VRC é poliédrica: Como você vive a devoção mariana a partir do carisma fundacional?
2. Em dias de tantas orfandades, como resgatar a presença viva de Maria na fraternidade consagrada?

## MIGRAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UM OLHAR PROFÉTICO

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo representa uma contribuição ao Seminário do SPM, no Regional Norte I da CNBB (Manaus, agosto/2019). Nele algumas palavras chaves, recolhidas durante a apresentação dos participantes, servem de ponto de partida para a reflexão. As palavras escolhidas foram: *caminho, lamento, parente, pátrias e protagonismo*. Estas, na condição de conceitos instrumentais, procuram estabelecer uma ponte entre o movimento profético no Antigo Testamento e o Livro dos Atos dos Apóstolos, iluminando

a prática sociopastoral no contexto da mobilidade humana. Ao mesmo tempo, tentam sublinhar algumas indicações concretas para a construção de políticas públicas, no conjunto da Pastoral dos Migrantes.

*Palavra chaves: caminho, lamento, parente, pátrias, protagonismo.*

Tomo emprestado o olhar dos profetas do Antigo Testamento e o olhar do profeta itinerante de Nazaré para ler o Livro dos Atos dos Apóstolos, de um lado, e, de outro, para tentar acender algumas luzes sobre os rostos e as rotas dos migrantes apresentado nesta manhã. Luzes que no decorrer dos debates poderão transformar-se em elementos para pensar políticas públicas

1 Pe. Alfredo Gonçalves. Teólogo e pertence à Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos).

adequadas à realidade da mobilidade humana. De forma mais ou menos livre, pretendo fazer uma espécie de poema em cinco palavras – palavras que, para o vasto fenômeno migratório, representam conceitos relevantes.

## Caminho

A primeira palavra é *Caminho*. O movimento profético no Antigo Testamento (doravante AT) nasce a partir do campo, do caminho e do exílio. Desenvolve-se num contexto de tensão entre os *sacerdotes*, como funcionários do templo, do palácio e da ordem estabelecida, e os *profetas* que se insurgem contra a opressão, as injustiças e a violação dos direitos humanos. A voz desses últimos vem de fora, da periferia, do deserto, das fronteiras. Mas vem sobretudo da memória do Deus que os libertou do Egito e os conduziu a uma terra prometida. Daí que, no pano de fundo de toda a profecia, se oculte um “lembra-te”.

Um “lembra-te” cuja origem está nos chamados livros da Lei, especialmente nas páginas do Deuteronômio: Lembra-te que foste escravo no Egito, e por isso não podes escravizar teu próprio irmão, e tampouco o estrangeiro que habita contigo na terra da

promessa. “Por isso, quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo (...), quando vindimares a tua vinha, não voltes a rebuscá-la, não repasses os ramos. O resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva” (Dt 24,17-19). A memória do Deus da vida, que é o Deus do caminho, peregrino com o povo na história, amplia para todos o horizonte de novas oportunidades, sem excluir outros povos e nações. Antes, são privilegiadas as categorias do “órfão, da viúva e do estrangeiro”, por serem as mais marginalizadas e vulneráveis. O Deus da tenda prevalece sobre o Deus estabelecido no templo.

No Evangelho, lê-se que Jesus “percorria cidades e aldeias”. Nelas, encontrava as multidões cansadas e abatidas, como ovelhas

A memória do Deus da vida, que é o Deus do caminho, peregrino com o povo na história, amplia para todos o horizonte de novas oportunidades, sem excluir outros povos e nações. Antes, são privilegiadas as categorias do “órfão, da viúva e do estrangeiro”, por serem as mais marginalizadas e vulneráveis. O Deus da tenda prevalece sobre o Deus estabelecido no templo.

que não têm pastor”. E, diante dos pobres e excluídos, “suas entranhas estremeciam de compaixão” (Mt 9,35-38). Inspirando-se no Livro do Profeta Isaías, o profeta itinerante de Nazaré traça seu programa de “anunciar uma Boa Nova para os pobres” (Lc 4, 16-20). Deparamo-nos novamente com a tensão, marcada por vários atritos, entre o Mestre que, por um lado, “percorre” os caminhos onde o povo se encontra; e, por outro lado, os saduceus, escribas e sacerdotes, os quais, preocupados com o templo, não se detêm para socorrer o “caído” na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37).

O mesmo olhar iluminará a segunda obra de Lucas, o Livro dos Atos dos Apóstolos. Tanto que os cristãos das primeiras comunidades, nos séculos iniciais de nossa era, consideravam-se o povo do “caminho”. Peregrino como o fora o próprio Jesus pelas estradas da Galileia, da Judeia, até chegar a Jerusalém. Aqui também começa a desenvolver-se uma tensão entre cristãos e judeus: enquanto estes últimos têm como referência a sinagoga, aqueles criam uma rede capilar de núcleos comunitários ligados sobretudo à casa (*oikos* em grego), como se verá, por exemplo, na Primeira Carta de Pedro. Logo, com a conversão e as intensas viagens do apóstolo Paulo, o cristianismo cresce

a partir das encruzilhadas da rota comercial. Encruzilhadas que, através do intercâmbio das mercadorias, engendram verdadeiros núcleos urbanos: Éfeso, Corinto, Felipo, Galácia, Tessalônica – até chegar a Roma.

Vale acrescentar uma observação que veio à tona durante o debate. Lucas se propõe narrar não as palavras, nem os ensinamentos ou preceitos dos apóstolos, mas seus *atos*. E logo na abertura do livro remete o leitor à sua primeira obra, o Evangelho, onde diz ter “falado de tudo aquilo que Jesus fez e ensinou” (At 1,1). A atividade de ensinar pressupõe o *fazer*, da mesma forma que agora, os ensinamentos pressupõem os *atos* dos apóstolos.

Não é diferente com os rostos e rotas de migrantes que desfilarão diante de nossos olhos nesta manhã. Em seus relatos às vezes trágicos, sente-se igualmente a presença de Deus a caminho, em meio às turbulências e adversidades da travessia. Como ocorreu com o povo de Israel no AT, os migrantes vindos particularmente da Venezuela e do Haiti (mas aqui poderíamos incluir os exilados de todo o mundo) encontram-se na rua, na floresta, nas estradas. Outros enfrentam as areias do deserto, as águas do mar, a precariedade dos

acampamentos. Todos conhecem na carne e na alma o que significa o exílio, a diáspora e a dispersão. Diante de tantas pessoas e famílias em movimento, conclui-se que, de fato, “não se trata apenas de migrantes” – como diz a mensagem do Papa Francisco – mas de traduzir a dimensão profética para o contexto e os desafios migratórios dos tempos atuais, em vista de uma nova sociedade.

## Lamento

A segunda palavra é o *Lamento*. Iniciamos este Seminário com o canto de lamentação de nossos irmãos indígenas. Que é o lamento? Lamento reflete dor e sofrimento: dor de dente, de cabeça, de estômago, de coluna!... Mas reflete também a dor oculta e silenciosa da fome, da miséria e da pobreza. Tanto mais estridente quanto mais silenciosa e silenciada! Dor da falta de trabalho, de ter dois braços fortes para qualquer tipo de serviço e não poder colocar o pão na mesa da família, de condições precárias de alimentação, moradia, saúde, transporte, vestiário, segurança!... A solidão de que padecem tantos migrantes solitários, sem qualquer grupo de referência e de proteção!... Dor da violência, especialmente contra as crianças e as mulheres, que não raro obriga-as

a esconder dos entes mais queridos os próprios hematomas e as lágrimas amargas, para não piorar as coisas!... Dor da exploração das pessoas mais frágeis e vulneráveis, dos direitos básicos violados, da dignidade humana pisoteada, do abandono forçado da terra onde sepultamos nossos ancestrais, da separação da família e de seus membros dispersos, da fragmentação e perda dos valores culturais, religiosos!... Dor de uma vida de andarilho, sem endereço físico e fixo, longe da pátria!...

Os profetas do AT tinham a missão de trazer à tona, à luz do dia, essa dor oculta e silenciada. Escancará-la diante do rei, da corte, do templo e do palácio. Eles mesmos encarnavam o sofrimento do povo, como vemos em Jeremias e Oseias. Daí a perseguição e às vezes o martírio dessas vozes solitárias. Emerge com força outro aspecto da profecia: a *denúncia*. Denúncia contra a opressão, as injustiças e o desrespeito ao direito, Exemplos disso são as duras palavras de Amós contra quem “vende o pobre por um par de sandálias” (Am 8,4-6) e o capítulo três de Miqueias, ao se levantar contra “os sacerdotes e dirigentes de Israel que ignoram o direito e a justiça” (Mq 3,1-2). Isaías e Amós, por sua vez, erguem a voz contra todo tipo de exploração, bem contra os ataques dos impérios vizinhos.

Nos Atos dos Apóstolos, dores e sofrimentos estão ligados à opressão do Império Romano. As perseguições contra os cristãos já começam a se fazerem sentir. Da mesma forma que o Livro do Apocalipse, de João, Lucas escreve para nutrir e sustentar a fé e a esperança dos cristãos em meio a um contexto adverso e hostil. Vale lembrar que, no ano 70 de nossa era, a cidade de Jerusalém sofreu uma derrota para o exército romano, com a destruição do templo. A violência se abate não só sobre o judaísmo, mas também sobre o cristianismo nascente. De outro lado, Lucas narra o sofrimento das viúvas, esquecidas à mesa, o que leva à eleição dos diáconos e da *diakonia*, enquanto serviço aos pequenos e indefesos.

As comunidades lembram que a caravana de Jesus jamais atropelava uma dor, um grito, um pedido de socorro. Diante do sofrimento, Mestre sempre se detêm para escutar, curar, confortar e levantar os “caídos”. Um bom exemplo é o da mulher que sofria de hemorragia e, em vão, havia gasto tudo com os médicos (Lc 8,46-56). “Alguém me tocou”, diz Jesus. Não, tem tanta gente que vai e vem, a confusão é geral. Os discípulos tentam dissuadi-lo. Mas Jesus insiste: “Alguém me tocou”! Alguém cuja vida está ameaçada a grita num silêncio desesperado. A sensibilidade e

solidariedade do Mestre não se limitam apenas aos seus seguidores. Abrem-se para fora dos muros, de todos os muros.

Uma vez mais, “Não se trata apenas de migrantes”, mas de colocar a profecia a serviço de todas as dores, de todo sofrimento. A denúncia, tanto nas páginas da profecia do AT quanto na prática de Jesus e nos Atos dos Apóstolos, alerta para os projetos humanos que contrariam a vontade de Deus. E não raro

Dor da violência, especialmente contra as crianças e as mulheres, que não raro obriga-as a esconder dos entes mais queridos os próprios hematomas e as lágrimas amargas, para não piorar as coisas!... Dor da exploração das pessoas mais frágeis e vulneráveis, dos direitos básicos violados, da dignidade humana pisoteada, do abandono forçado da terra onde sepultamos nossos ancestrais, da separação da família e de seus membros dispersos, da fragmentação e perda dos valores culturais, religiosos!... Dor de uma vida de andarilho, sem endereço físico e fixo, longe da pátria!...

pode levar ao martírio, como se verá diante dos animais ferozes nas arenas de Roma e nos dias de hoje para os defensores dos direitos humanos.

## Parente

A terceira palavra é *Parente*. Estamos diante de um conceito extremamente rico, recorrente e significativo entre os povos indígenas. Conceito que, para os povos da floresta, equivale ao de “irmãos e irmãs” para o cristianismo e outros credos. Com efeito, parente é quem nasce do solo, mergulha as raízes no ventre da terra, cresce com e como as árvores, satisfaz a fome e a sede nos bens da floresta e das águas. Parente em referência às pessoas da mesma tribo, mas também em referência aos indígenas de outras tribos; parente da fauna e da flora, do planeta Terra, da “nossa casa comum”. Parentes são aqueles e aquelas que conhecem de perto o convívio com as riquezas que a criação e a natureza coloca à disposição da vida. Não só da vida humana, e sim da vida em todas as suas formas – da biodiversidade. De todas as pessoas que descobriram que o *viver bem* da cultura produtivista e consumista deve ser substituído pelo *bem viver* de uma cultura social e ecologicamente sustentável.

No AT em geral, e no movimento profético em particular, parentes são os representantes do povo que se deixa guiar por Javé. Diferentemente dos povos vizinhos, para Israel, o parentesco está ligado ao Deus criador e libertador, que tirou o povo da escravidão do Egito e o conduziu a uma terra “onde corre leite e mel”, como lemos no chamado credo histórico (Dt 26,5-10). Os profetas se levantam não tanto como figuras inovadoras, mas como mensageiros que relembram ao povo a natureza de um Deus peregrino, que caminha com ele pelo deserto, rumo à terra de Canaã. O Deus que não apenas “vê a aflição do povo escravo, ouve seu clamor e conhece seu sofrimento”, mas também “desce para libertá-lo e conduzi-lo” a uma terra livre e farta (Ex 3,7-10). Disso resulta a dimensão profética do *anúncio* e do messianismo. Anúncio do “Dia do Senhor”, como o dia de uma nova e definitiva libertação.

Nos Atos dos Apóstolos, particularmente a partir da ação apostólica de Paulo, parentes serão todos os povos e nações, sem distinção de raça, cultura ou sexo. Convém não esquecer que Paulo será o apóstolo das nações. “Não há mais judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, porque todos são iguais em Cristo” (Gl 3,28). A fé no Ressuscitado quebra todas a

barreiras e fronteiras: o conceito de parentesco ganha um horizonte aberto, plural e universal. Prova disso serão os dois retratos das primeiras comunidades cristãs, respectivamente nos capítulos 2 e 4 dos Atos dos Apóstolos. A proclamação da Boa Nova de Jesus une a todos na mesma fé, esperança e caridade.

Para nós cabe a pergunta: o que nos une como parentes neste Seminário sobre Migração e Políticas Públicas? O mundo da mobilidade humana, a causa dos migrantes, a defesa de seus direitos fundamentais, a dignidade humana de toda pessoa, grupo ou nação. Trata-se da tradução atualizada da “Jerusalém Celeste” do profeta Isaías (Is 65,17ss), retomada pelos “novos céus e nova terra”, no capítulo 21 do Livro do Apocalipse. A

A fé no Ressuscitado quebra todas as barreiras e fronteiras: o conceito de parentesco ganha um horizonte aberto, plural e universal. Prova disso serão os dois retratos das primeiras comunidades cristãs, respectivamente nos capítulos 2 e 4 dos Atos dos Apóstolos. A proclamação da Boa Nova de Jesus une a todos na mesma fé, esperança e caridade.

utopia do Reino, anunciada pelo próprio Jesus, depois difundida pelas primeiras comunidades cristãs, ganha hoje em dia nova roupagem. Trata-se da cidadania universal, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, do cuidado com as diversas formas de vida ou biodiversidade.

O olhar profético sobre a narrativa dos Atos dos Apóstolos ilumina o rosto e as rotas, os sonhos e lutas, o sofrimento e a esperança, “as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias” (*Gaudium et Spes*) dos migrantes que se encontram em nosso regional e em nossas dioceses, em nossas paróquias e comunidades. E unifica o empenho e os esforços de todos os movimentos, pastorais, entidades, associações, organizações populares engajadas na mesma luta. A interpelação dos migrantes nos identifica e nos torna a todos verdadeiramente parentes. Parentes na análise do fenômeno migratório, parentes no confronto com a Palavra de Deus e parentes nas ações a serem desenvolvidas de forma “orgânica e de conjunto”.

## Pátria

A quarta palavra é **PÁTRIA**. No AT, o conceito de pátria comporta duas dimensões essenciais: a posse da terra e “um povo tão

numeroso como as estrelas do céu ou as areias da praia”, como vemos na vocação de Abraão, capítulo 15 do livro do Gênesis. Conceito ligado à emancipação quanto às garras do Faraó, de um lado, e à conquista da Terra Prometida, de outro. Mas, já de posse da terra, o povo se divide em dois reinos: Israel e Judá. Mais grave ainda, os irmãos passam a explorar os próprios irmãos. O povo cai nas mãos do império Assírio, depois Grego e por fim Romano. Boa parte dos israelitas são deportados para o exílio, vivendo em diáspora. Desse contexto nasce a ideia de reconquista da terra, da cidade de Jerusalém e do templo. Mas, através dos profetas mais recentes, renasce ainda mais forte o *anúncio* messiânico do reencontro de Israel. Deus há de enviar o Messias, filho de David, para restaurar Israel. E João Batista, ‘últimos dos profetas do AT, se declarará seu precursor, “aquele que prepara os caminhos do Senhor”, como se lê no capítulo 3 do Evangelho de Mateus.

Para as primeiras comunidades cristãs dos Atos dos Apóstolos, Jesus de Nazaré, o crucificado, é o Messias anunciado. Ressuscitou de entre os mortos e está vivo entre nós: caminha conosco nos embates e combates da história. Esse anúncio separa os primeiros cristãos da trajetória do judaísmo. Maria, Pedro,

Paulo, os demais apóstolos e o conjunto das comunidades não se cansarão de repetir: o Ressuscitado, após ter vencido a morte, virá novamente para instaurar o Reino de Deus. Pátria neste caso será a Boa Nova de Jesus Cristo. Dessa esperança, nasce a consciência de que todos somos peregrinos sobre a face da terra, num vaivém sempre inquieto e irrequieto, até retornar à casa de Deus, de onde saímos, e nela repousar, como pátria definitiva, de acordo com aquilo que dirá mais tarde Santo Agostinho.

Para o profeta itinerante de Nazaré, como a água na fonte, as coisas são ainda mais cristalinas e transparentes. Duas centralidades são inegociáveis em seus discursos e parábolas: no coração da mensagem de Jesus, encontra-se o Reino de Deus; no coração do Reino de Deus, encontram-se os pobres. Pequenos, marginalizados, indefesos, pecadores,

Dessa esperança, nasce a consciência de que todos somos peregrinos sobre a face da terra, num vaivém sempre inquieto e irrequieto, até retornar à casa de Deus, de onde saímos, e nela repousar, como pátria definitiva, de acordo com aquilo que dirá mais tarde Santo Agostinho.

leprosos, doentes, excluídos, crianças, mulheres sem voz, poderíamos acrescentar migrantes – eis os protagonistas da Boa Nova. “Eles vos precederão no Reino de meu Pai” (Mt 21,31). Mais ainda, nossa atitude frente aos pobres será o critério de salvação. Qual das duas sentenças prevalecerá: “era migrante e me acolheste” (Mt 25,35), ou era migrante e não me acolheste” (Mt 25,43)?

Neste Seminário nos deparamos com milhares de migrantes – uma multidão “sem raiz, sem pátria e sem destino”. O solo pátrio lhes foi negado. Puseram-se à estrada, com a “fé e a coragem”. Hoje sofrem uma “dupla ausência”, na expressão o nigeriano radicado na França Abdelmalek Sayad. Fora de casa, são chamados de estrangeiros; quando retornam, são tidos como estranhos. Onde está a pátria? Para trás ficaram a crise, as ruínas e o pesadelo; à frente estão a fé e a esperança. Aqui entra em cena a noção de J. B. Scalabrini, “pai e apóstolo dos migrantes”, segundo o qual “a pátria é a terra que nos dá o pão”. Ou ainda, “a migração amplia para nós o conceito de pátria”.

Voltamos à Exortação Apostólica *Laudato Si'*, publicada pelo Papa Francisco, em 2015. O planeta Terra é “nossa casa comum”, vale dizer nossa pátria comum. Disso

deriva a contínua responsabilidade de todos, e de cada um, pela elaboração de Políticas Públicas em vista do bem-estar de todos. Não somente políticas privadas ou corporativistas, mas sobretudo políticas que possam envolver o bem comum, na linguagem do ensino social da Igreja. Três coisas não podem faltar em tais esforços conjuntos de orientação sociopolítica: o uso correto dos bens que a natureza colocou à nossa disposição, a preocupação com as gerações futuras e a participação popular. Vale lembrar que a aliança de Deus com Noé (Gn 9, 12-15) não implica somente um pacto com os seres humanos, mas com “todos os seres que vivem sobre a face da terra” e com “todas as gerações vindouras”. Para além do serviço aos migrantes, está a salvação deles juntamente com todo o universo habitado. Por isso “não se trata só de migrantes”!...

## Protagonismo

A quinta e última palavra é **PROTAGONISMO**. Os profetas do AT conheciam o protagonismo de Moisés e Aarão no processo de libertação do Egito. Sabiam também que os dois líderes não haviam agido isoladamente. Por trás deles, uma multidão organizada constituía o verdadeiro protagonismo desse evento fundante. Mas, entre os líderes

e a multidão, o Espírito de Deus deixava suas digitais na História da Salvação.

Jesus de Nazaré, por seu lado, reúne um grupo de doze e um grupo mais ampliado para ajudá-lo na divulgação da Boa Nova do Reino. Esses apóstolos e discípulos, mesmo traumatizados pela paixão e morte do líder na cruz, renovam seu ardor após a ressurreição do Senhor. A partir desse vigor renovado, começam a proliferar as primeiras comunidades cristãs. As páginas dos Atos dos Apóstolos mostram o crescimento da Igreja nascente, desde o Oriente Médio, até a capital do Império Romano, passando pelo norte da África e pela Ásia ocidental.

Vemos aí o protagonismo de Pedro, João, Paulo, Barnabé, André!... Mas igualmente o protagonismo de numerosas mulheres. Lucas, no livro dos Atos, e Paulo, em suas cartas, não deixam de acenar para as mulheres que acompanham os evangelizadores, que os hospedam em suas casas e que colaboram para o seu sustento. Já no decorrer da vida pública de Jesus, deparamos com Marta e Maria, Madalena, Salomé e tantas outras. Não obstante o contexto da sociedade patriarcal, o papel das mulheres na evangelização incipiente sobressai nos escritos neotestamentários. Uma

vez mais, o Espírito de Deus age em meio a todos e todas.

Uma atividade semelhante podemos ver hoje em dia entre os migrantes. Vale destacar três tipos de protagonismo: movimento involuntário, rede de solidariedade e gestos dardosos. O primeiro tipo emerge a olho nu. Os trabalhadores e trabalhadoras, pelo simples fato e coragem de migrar, exercem já um protagonismo, seja esse consciente ou inconsciente. Ao deixar a terra e se colocar a caminho, fazem marchar a própria sociedade – governos, entidades, movimentos, igrejas pastorais, organizações populares, enfim, cada um de nós aqui presente. Quem se move, faz mover a história. Daí que os migrantes em seu conjunto sejam, de uma forma ou de outra, profetas e protagonistas do futuro. Na origem, denunciam os países que lhes negam a pátria; no destino, exigem mudanças substanciais nas relações humanas.

Em segundo lugar, em suas idas e vindas os migrantes costumam organizar uma rede solidária: sistema familiar, de parentesco ou de conhecimento. Essa rede costuma oferecer os primeiros serviços de que o migrante tem necessidade, tanto na saída quanto na chegada. Não raro, serve para reunir a família fragmentada e dispersa,

ou manter a coesão de um grupo mais amplo. Ou então funciona como uma porta de entrada no novo lugar de destino. A mesma rede muitas vezes constitui o modelo e a base para ampliar a rede pastoral e social que o sustentará na integração e inserção com a nova sociedade.

Mas aqui, em terceiro lugar, é preciso muita atenção. Em casos pontuais e extremos, a chamada rede de solidariedade serve também para explorar os recém-chegados. Exploração que pode ser efetuada pelos migrantes mais antigos, até mesmo parentes ou familiares. Deve-se esclarecer que não se trata sempre de má fé, mas por vezes de uma pretensa “ajuda” inicial. Esta espécie de paternalismo, a médio e longo prazo, deixa o migrante preso a uma ratoeira de dependência pessoal (e até de dívidas) em relação a quem, por primeiro, lhe estendeu a mão. Tal mecanismo esconde gestos danosos para o

Quem se move, faz mover a história. Daí que os migrantes em seu conjunto sejam, de uma forma ou de outra, profetas e protagonistas do futuro. Na origem, denunciam os países que lhes negam a pátria; no destino, exigem mudanças substanciais nas relações humanas.

recém-chegado. Tende a gerar uma espécie de minoridade nociva mórbida e permanente do migrante, tornando-o impossibilitando de realizar livremente seus sonhos e potencialidades.

Entretanto, “não se trata só de migrantes”! O protagonismo no campo da mobilidade humana se une a um protagonismo que inclui outros atores e agentes sociais. As tarefas pontuais, locais e regionais se inserem na rede mundial da luta pela transformação da ordem vigente. O grande desafio – segundo o Papa Francisco – permanece o de superar a “globalização da indiferença” pela cultura do encontro, do diálogo e da solidariedade.

## Conclusão

Uma outra imagem tipicamente amazônica poderia servir de conclusão. Cada ação que levamos a cabo, cada atividade que desenvolvemos; cada gesto, empenho ou luta em prol dos migrantes, por menor que seja, é como se fosse um pequeno igarapé. Mas quando reunimos todos esses esforços num trabalho conjunto e orgânico, eles formam um pequeno igarapé. E mais ainda, quando procuramos fazer parcerias com todos os agentes envolvidos – igrejas, movimentos, academia, organizações não governamentais, associações, mobilizações populares, campanhas,



seminários, debates, etc. – os diversos igarapés formam um grande rio, como o Solimões e o Negro, e muito mais o Amazonas.

Se é verdade que as pequenas ações nutrem os igarapés, e se os igarapés alimentam a força dos rios, também é certo que estes últimos caminham para “a terra sem males”, como ensinava a sabedoria de nossos parentes mais antigos. E neste ponto, as

imagens se fundem e ganham maior significação: a metáfora da “Jerusalém celeste” e do “Dia do Senhor” nos profetas do AT, com a prática de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, transformam-se no Reino de Deus. Já para os primeiros habitantes desta grande região amazônica, a metáfora da luz e da paz definitivas tem a ver com “a terra sem males”.



## IGREJA SANTA E PECADORA: OS ESCÂNDALOS NA IGREJA

JOSÉ TRASFERETTI<sup>1</sup>

*“Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmo se afligem com múltiplos tormentos” (1Tm 6,10).*

### Resumo:

O artigo apresenta como a Teologia Moral equilibra o ideal

da vida cristã, sobretudo nas expressões visíveis da Igreja, e as limitações humanas, quer dizer, de todo o Povo de Deus. É, exatamente, na concretude da vida que os escândalos surgem, porém, quando muitos membros da hierarquia, chamada a ser testemunha de pobreza, castidade e obediência ao projeto do Reino, se corrompe é preciso apontar para o caminho da ressurreição, o repouso em Deus, depois de superar os tormentos da terra. Neste sentido, a Igreja é santa e pecadora, sempre guiada pelo espírito Santo.

*Palavras-chave: pecado, santidade, mundanismo, profetismo.*

1 Jose Trasferetti. Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 1990) e, Filosofia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1994). Bolsista do CNPq na Europa (1989/1990). Professor Titular da PUC-Campinas desde 1984. Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral – SBTM (2003/2009). Coordenador do Programa de Pós-graduação “*Stricto Sensu!*” em Filosofia: PUC-Campinas (2004/2007). Diretor da Faculdade De Filosofia da PUC-Campinas (2006-2010). Editor da revista *Phrónesis*, (2004/2007). É avaliador do INEP/MEC desde 2006. Atualmente é Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral - SBTM (2014/2020). Publicou livros e artigos científicos em jornais e revistas. Pároco da Paróquia de São Pedro Apostolo, na Chácara da Barra, em Campinas, desde 2013.

## Introdução

A Teologia Moral é uma ciência prática preocupada com o engajamento dos cristãos no mundo. Trata-se da resposta que a Igreja, inserida na realidade social, apresenta de modo concreto aos homens e mulheres concretos do nosso tempo. Não existe Igreja fora do mundo real. Afirma o Concílio Vaticano II, por meio do documento *Gaudium et Spes*: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco em seu coração”<sup>2</sup>. Os cristãos estão no mundo, não para se conformarem ele, mas para transformá-lo por meio da conscientização e da prática dos valores morais oriundos do evangelho de Jesus Cristo. Nesse sentido, a profecia faz parte intrínseca da missão evangelizadora da Igreja.

Na verdade, a realidade social é fragmentada. Encontramos experiências de santidade e mundanidade. Essas experiências estão misturadas no cotidiano da vida. Em todos os ambientes

<sup>2</sup> CONCILIO VATICANO II. GAUDIUM ET SPES. N.1

de vida por onde passei até os dias de hoje, encontrei pessoas e situações de todos os estilos de vida. Vi, conheci e tenho convivido com pessoas santas e também com pessoas pecadoras, maldosas, ou mesmo vítimas da maldade humana. Tudo misturado, convivendo lado a lado. Não podemos esperar uma realidade só de santidade. Santidade e mundanidade convivem lado a lado. A história da Igreja está repleta de exemplos de santidade e interesses mundanos.

A Teologia Moral apresenta um ideal de vida, porém vivendo no real com limitações e fragilidades próprios do ser humano. O ideal prático proposto pela Igreja através da tradição e do magistério se dá no contexto da vida real de homens e mulheres concretos vivendo em situações reais de vulnerabilidades culturais e sociais. Quando falamos “Igreja” não estamos pensando somente na hierarquia. Na verdade, Igreja somos todos, Povo de Deus congregado e reunido no Espírito Santo de Deus. Desse modo, os escândalos podem se dar no terreno da concretude

A Teologia Moral apresenta um ideal de vida, porém vivendo no real com limitações e fragilidades próprios do ser humano.

no qual os cristãos vivem no âmbito da economia, da política, do mundo, da cultura. Os maus exemplos de corrupção e outros desmandos estão em todo lugar. Entretanto, quando pensamos na hierarquia que assume o compromisso moral de viver a pobreza, obediência, castidade e os valores morais oriundos do evangelho, no seguimento de Jesus, então, a radicalidade da vida exposta assume novos contornos.

A atitude das instituições eclesiais está no combate sempre atento, mais é preciso mais. É necessário cuidar da formação inicial e permanente dos religiosos, como ensinam os documentos do magistério.<sup>3</sup> Vivemos numa cultura terrível, cujas influências no comportamento das pessoas tem destruído tudo, por sua violência e singularidade existencial. Não se trata de um mundo fácil. Estar no mundo e não ser do mundo não é tarefa fácil. Muitos realmente sucumbem. Pessoas ruins e mal-amadas usam os meios de comunicação de massa para divulgar meias verdades e perturbar o ambiente eclesial com ameaças e denúncias falsas ou vazias. É preciso

<sup>3</sup> Congregação para o Clero. O dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental institutionis Sacerdotalis. Brasília, DF: CNBB, 2017. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília, DF, 2019.

muito cuidado. As pessoas estão assustadas, sobretudo, com certos “youtubers” ou “influenciadores digitais” que produzem textos e vídeos enganosos. Infelizmente muitos desses atingem um grande público. A conjuntura mudou e muito. Não estamos vivendo num mundo fácil. Estamos imbuídos de uma cultura destrutiva e violenta que mata tudo, depreda a natureza e transforma todos em consumidores associados ao mercado e ao lucro descabido.

## Igreja Santa

José Comblin, teólogo belga radicado no Brasil, ensina que a santidade não está no templo de Jerusalém, nos ritos dos sacerdotes vendidos ao mercado, nos sacrifícios falsos e interesseiros dos fariseus. Ele afirma que Deus é outro e que sua santidade se encontra em suas obras de amor e compaixão. Para Comblin, Jesus é santo não para ser objeto sagrado, mas porque suas obras revelam um coração generoso que enfrentou com coração as mazelas do mundo<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Para Comblin: “os profetas e Jesus ensinam que a verdadeira santidade é outra porque Deus é outro. A santidade está na justiça, no perdão, na misericórdia, na compaixão. O próprio Jesus manifesta em sua vida e em suas obras o que é santidade. Jesus é o santo, não como objeto sagrado, mas por sua vida e por suas ações. O próprio Deus é santo não por ser objeto sagrado por excelência, mas porque é autor da justiça e da misericórdia,

Comblin explicita que o Espírito Santo de Jesus derrama sobre todos os nós a santidade buscada e perseguida. Está no coração daqueles que amam o Senhor e promovem seus valores e virtudes por meio da vida prática. O Espírito Santo emerge como energia, como força e como luz para a conquista da justiça, em terrenos transitórios e difíceis. Está presente em todas as manifestações que expressam bondade e generosidade no ambiente social e eclesial<sup>5</sup>.

O Espírito Santo emerge como energia, como força e como luz para a conquista da justiça, em terrenos transitórios e difíceis.

Ronaldo Zacharias e Maria Ines Castro Millen, organizaram um livro intitulado “Ética Teológica e Direitos Humanos”, mostrando a relevância das atividades sociais que muitos cristãos

porque tem compaixão dos pobres e dos oprimidos”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 108/109.

- 5 Afirma Comblin: O Espírito é santo por ser a força de santidade verdadeira, por ser a fonte da justiça, da misericórdia, da caridade. A igreja é santa porque é o corpo de Cristo, e, portanto, está ligada a santidade de Cristo e recebe dele permanentemente influências e estímulos, que a chamam a imitá-lo a ser santa como ele foi e é santo. A Igreja é santa porque recebe a noção permanente do Espírito Santo”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 109

realizam em seus locais de evangelização. A defesa e promoção dos direitos fundamentais dos empobrecidos e vulnerabilizados pelo sistema capitalista torna a Igreja e os cristãos mais santos porque promovem a justiça e combatem a violência e o desprezo, sobretudo em áreas conflituosas do planeta onde habitamos<sup>6</sup>.

Comblin, esclarece que a Igreja está no mundo, vive do mundo e congrega todos os povos da terra. As pessoas se convertem a Cristo e mudam o seu comportamento procurando o justo caminho, a justa via cristã<sup>7</sup>.

Na verdade, na Igreja vivemos a realidade do pecado e da santidade. Estas realidades se mesclam no interior da vida cristã de modo notável, pois os homens são também produto

6 Para aprofundar esta temática consultar o livro: ZACHARIAS, R., CASTRO MILLEN, M.I., *Ética Teológica e Direitos Humanos*. Aparecida: Santuário, 2018.

7 Afrima, Comblin: “no entanto, a Igreja que vive na terra e é feita de homens de todos os povos da terra, não nasce só do Espírito e de Cristo; ela nasce também dos povos humanos. Ela recebe a herança de todos os pecados da humanidade. Os homens que se convertem a Cristo e constituem a Igreja, ainda não foram “santificados” completamente. Eles vivem num debate constante que só termina com o término da vida nesta terra, um debate entre santidade e pecado. O pecado procede do mundo que todos os cristãos pertencem, e a santidade procede de Deus que enviou o seu Filho e seu Espírito Santo”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 109

do seu tempo e da sua cultura<sup>8</sup>. Entretanto, Comblin aponta que a Igreja caminha para a ressurreição. Sua meta, seu ideal é a vida nova que Cristo veio oferecer. Todos somos chamados a uma vida que repousa em Deus após os tormentos da terra<sup>9</sup>.

As obras de santidade nem sempre são reconhecidas, pois são realizadas de modo sincero e discreto. Mas elas existem

8 Assim diz Comblin: “Na Igreja vive-se o combate entre o pecado do mundo e a santidade. Por isso, a própria Igreja é santa por meio de um processo permanente de conversão, “sempre reformada, e sempre para ser reformada”. Nunca alcança um estado definitivo de santidade. Ela é santa pelo caminho que está chamada a seguir e por todos os passos dados neste caminho. Não obstante, santos e pecadores pertencem a igreja. A Igreja não é dos puros santos. Se assim fosse, não haveria ninguém na Igreja, pois todos pertencem em parte aos santos e em parte aos pecadores. A santidade é um processo de conversão. Os cristãos são pessoa em processo de conversão do pecado para a santidade”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 109

9 Para Comblin: “A Igreja caminha para a ressurreição. Na terra estão os últimos que entraram no caminho. Milhões dos que entraram antes deles já passaram deste mundo para o outro e já pertencem ao mundo novo. Eles são os Santos no sentido completo da palavra. Chegaram à perfeição a que Deus os havia chamado. Os Santos pertencem de certa maneira à Igreja porque não perderam o contato. Entre a igreja e eles a comunhão continua. Eles agem por sua intercessão e a Igreja da terra comunica-se com eles por meio da invocação a eles dirigida. Pela força do Espírito e pela unidade do corpo de Cristo se mantém a unidade entre os que alcançaram a santidade e os que ainda a buscam”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 110.

e estão espalhadas por toda a parte, sobretudo, em áreas de periferia do mundo<sup>10</sup>.

O teólogo Ney de Souza, em artigo sobre as raízes da Doutrina Social da Igreja, apresenta a relevante contribuição da Igreja no campo social. Desde os documentos do magistério que insistem no compromisso e no engajamento dos cristãos até as obras de caridade que permeiam a vida e a obra de muitos santos. Trata-se evidentemente de um compromisso que se faz presente em muitas realidades sociais do mundo inteiro. Estas obras evidenciam o compromisso institucional com a promoção humana, na assistência técnica por meio de escolas, hospitais, ONGs a serviço dos mais pobres.<sup>11</sup>

10 Afirma Comblin: “Também não sabemos a maioria das obras de santidade porque os verdadeiros santos fazem suas obras na maior discrição e sem chamar a atenção. Os frutos de santidade são vividos na obscuridade: são obras realizadas por pessoas pobres e simples, que não contam com nenhuma publicidade. A história da Igreja não publica o essencial do que foi vivido. Só relata o que deixou marcas e monumentos, e a verdadeira santidade tenta apagar as pegadas ou simplesmente as pegadas são tão humildes que desaparecem logo. Acontece com a santidade o que aconteceu com as cidades antigas. Só subsistem os monumentos dos poderosos, ou seja, as marcas da dominação. Das habitações humildes dos pobres nada ficou. Suas pegadas desapareceram. Não estão escritas no livro da vida”. COMBLIN, J., *A Igreja e sua Missão*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 110

11 SOUZA, N., Aspectos das raízes da doutrina social da igreja, 33-49. In ZACHARIAS,

Para Comblin, no interior da Igreja que se faz nas pequenas comunidades espalhadas pelo mundo afora, estão as sementes da santidade como expressão maior do amor de Deus, pois ela se dá nas pequenas coisas e nos pequenos gestos<sup>12</sup>.

O teólogo Comblin nos mostra, ainda, que a prova maior de santidade é o martírio, que acontece não por vontade própria, mas por uma determinação do comportamento social que luta por justiça e assume até as últimas consequências as dores dos pobres e oprimidos. Assim se expressa:

*Por fim, o caminho infalível para a santidade é o martírio. Mas ninguém pode ter a presunção de buscar o martírio. Só se pode aceitar o momento em que é inevitável para ser fiel ao evangelho*<sup>13</sup>

R., MANZINI, R., Magistério e Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2016.

12 Assim diz Comblin: “na vida humana existem caminhos de santidade que são condições que oferecem meios para se chegar à santidade. Pois não basta a pura intenção nem a pura vontade. A vontade nada produz por si mesma. Ela precisa recorrer aos meios, ou seja, aos caminhos que levam a santidade. Não é que haja caminhos que levem automaticamente à perfeição. Mas, antes, há caminhos que oferecem permanentes desafios, estímulos, chamados que, se são fielmente seguidos, obrigam a pessoa a superar-se a si mesma e chegar à santidade”. COMBLIN, J., A Igreja e sua Missão. São Paulo: Paulinas, 1985, p.111

13 COMBLIN, J., A Igreja e sua Missão. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 111

O teólogo Fernando Altemeyer Junior, em artigo sobre o desafio do compromisso dos cristãos no mundo da política, afirma que o martírio está presente na vida dos cristãos na história da América Latina. Os mártires se fazem presentes desde a origem do cristianismo até os dias de hoje. São homens e mulheres de bem, que deram suas vidas por causa do seu compromisso com uma sociedade melhor. A cruz marcou suas vidas não porque quiseram, mas porque foram vítimas da injustiça humana. A luta contra as injustiças, contra este mundo que se corrompe e quer corromper a todos, levou essas pessoas a derramarem o seu sangue como testemunho e memória. No final do seu artigo o professor Fernando coloca, ainda, um apêndice com uma lista nominal dos mártires latino-americanos após o Concílio Vaticano II. São na verdade,

Os mártires se fazem presentes desde a origem do cristianismo até os dias de hoje. São homens e mulheres de bem, que deram suas vidas por causa do seu compromisso com uma sociedade melhor.

muitos e muitos os mártires do nosso continente. Testemunhas mais genuínas da verdadeira santidade.<sup>14</sup>

## Igreja Pecadora

O pecado da Igreja está no mundo. Como Igreja inserida no mundo, essa participa de todas as mazelas deste mundo, recebe as influencias e condicionamentos da cultura que permeia o mundo atual. O Papa Francisco, na exortação apostólica *A Alegria do Evangelho*, em seus números 76 a 109, fala sobre as tentações dos agentes de pastorais. Ele apresenta uma lista grande que encontra eco na acédia egoísta, no mundanismo espiritual e outros tantos males. Ele afirma que “como filhos dessa época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual, que, sem deixar de apresentar valores e possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e até mesmo combalir-nos”<sup>15</sup>. O professor William Cesar Castilho Pereira, em seu livro “Sofrimento psíquico dos presbíteros”, no

14 ALTEMEYER JUNIOR, F. O desafio do compromisso dos cristãos no mundo da política: testemunho e santidade, pp. 93-123. In: ZACHARIAS, R., MANZINI, R., Magistério e Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2016.

15 PAPA FRANCISCO. *A Alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus&Loyola, 2013, n. 77.

capítulo terceiro aponta os impactos da pós-modernidade na vida psíquica dos presbíteros e religiosos. Sua análise é profunda e cristalina. A cultura pós-moderna penetra na vida produzindo uma série de sintomas que se refletem no sofrimento cotidiano e incomparável<sup>16</sup>.

Não podemos desmerecer toda complexidade da violência histórica dos abusos sexuais contra menores, praticados pela alta hierarquia da Igreja e que tem sido objeto de muitos encontros e eventos do Papa Francisco<sup>17</sup>.

Jung Mo Sung e Hugo Assmann, nos mostram a perversidade da cultura dominante caracterizada pelo seu predomínio fetichista de mercado<sup>18</sup>. Para esses autores a

16 CASTILHO PEREIRA, W.C., *Sofrimento Psíquico dos Prestíberos*. Petrópolis: vozes, 2012

17 Para aprofundar esse tema, pode-se ler os seguintes livros: KÜNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* [2011], trad. por Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012. MARTEL, Frédéric. *Sodoma. Enquête au coeur du Vatican*. Paris: Robert Laffont, 2019 e minha resenha em *esprit.presse.fr*. F. - MARGRON, Véronique. *Un moment de vérité. Abus sexuels dans l'Église. Une théologienne s'engage*. Paris: Michel Albin, 2019.

18 Afirgam Assmann e Mo Sung: “a construção arbitrária do mito do crescimento econômico – como premissa e panaceia, como base para todas as postergações de mudanças substantivas – tem muito a ver com esses níveis fetichizados da confiança. Trata-se de uma ingente indústria de distorção dos nossos desejos relacionais. Praticamente todos os critérios macroeconômicos (estabilidade da moeda, controle da inflação e do déficit público, taxa de juros, direcionamento das ajudas financeiras, etc.) levam embutidas

cultura atual invade o coração do ser humano de uma tal forma que ele fica completamente perdido e descontraído afetando o seu caráter ético. Trata-se de uma cultura complexa que destrói o ser em sua base ontológica<sup>19</sup>.

Jung Mo Sung e Hugo Assmann esclarecem que hoje ocorre uma verdadeira idolatria do mercado, colocando todos os homens como seus adoradores. Trata-se de algo sutil e inteligente, pois manipulam o desejo de forma inteligente e ainda colocam os interesses no amor ao dinheiro como forma sub-reptícia de amor aos irmãos<sup>20</sup>.

doses cavalares de simulação da confiabilidade'.... ASSMANN, H., MO SUNG, J., Competência e Sensibilidade Solidária. Petrópolis: Vozes, 2000, p.196.

19 Hugo Assmann e Jung Mo Sung afirmam: "a pergunta veneno é a seguinte: será que Marx nunca pensou que a forma-mercadoria só poderia ser forma-origina de vastos processos de relações sociais se fosse, primordialmente, a expressão concreta de uma prática histórica desejante? Se a forma origina coincide com a forma desejante e efetivamente nela se constitui, e se não se trata de um ponto, mas de um campo, a pergunta analítica se transformaria fantásticamente em algo parecido à seguinte formulação: quais foram e são os complexos campos de desejos humanos que encontraram na forma mercantil das relações capitalistas um caminho de desencadeamento e ampliação jamais oferecido por outras formas de organização social? Esse "conjunto versátil" de necessidades e desejos humanos é, sem dúvida, extremamente complexo, mutante, aberto a constantes transformações e exposto a inevitáveis manipulações". ASSMANN, H., MO SUNG, J., Competência e Sensibilidade Solidária. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 185.

20 Assim dizem Assmann e Mo Sung: "o capitalismo elaborou o paradigma do "interesse

Na verdade, podemos afirmar que o amor ao dinheiro penetrou o coração de todos e tornou-se um deus invertido. Esse deus que faz o mal, que prejudica, que destrói e mata tudo o que encontra pela frente. Este amor ao dinheiro também penetra no coração dos religiosos. Quando estes não conseguem uma espiritualidade forte que os distancia desse mundo eles também acabam sucumbindo ao seu poder depredador.

Na verdade, a Igreja é santa e pecadora em processo dialético de ser e de estar no mundo, de viver a concretude da vida e ao mesmo tempo buscar o ideal perfeito que somente Deus oferece.

próprio" – radicalizado com o neoliberalismo –, que oferece uma solução feliz, sem negar o aspecto negativo do mito do pecado original. Assmann chama a atenção para o fato de que o lado sombrio do pecado original se torna, ao mesmo, também o lado brilhante e benéfico que solucionaria os problemas da sociedade. Com a noção de que o sistema de mercado é um sistema autoregulador que transforma o jogo dos interesses próprios em um resultado benéfico para toda a sociedade, gerando riqueza e bem-estar para a coletividade, o capitalismo propõe que o resultado sombrio do pecado original, o egoísmo, é, ao mesmo tempo, o caminho da salvação da sociedade. Enquanto Paulo contrapunha ao amor ao próximo o "amor ao dinheiro", que "é a raiz de todos os males" (1º TM 6,10), no capitalismo aparece uma inversão: o amor ao dinheiro passa a ser considerado o caminho para o amor ao próximo. Surge assim o novo redentor da sociedade, o sujeito transcendental capaz de realizar a libertação dos seres humanos da sua condição: o sistema de livre mercado. E, com isso, a idolatria do mercado". ASSMANN, H., MO SUNG, J., Deus em nós. São Paulo: Paulus, 2010, p. 161.

Na sociedade atual, local e global se sobressaem os “escândalos” praticados por membros da hierarquia da Igreja de forma contínua e fugaz. Os meios de comunicação de massa escritos e digitais divulgam com grande voracidade qualquer suspeita, insinuação ou manifestação que possam prejudicar a imagem da Igreja. Muitas vezes situações menores e fragilizadas se tornam “escândalos” maiores por causa da insistência no sensacionalismo e publicidade que fazem vender jornais e revistas.

A imagem da Igreja está sendo bombardeada todos os dias. Verdade ou mentira, nunca se sabe ao certo, apesar de todas as atitudes de rigor que as instituições de controle moral exercem na vida dos membros da Igreja. O ideal de vida cristã, amparado na busca pela perfeição está sendo manchado pelas profundas, amplas e sucessivas acusações e denúncias contra membros da mais alta hierarquia da Igreja católica. É preciso reconhecer que o pecado existe, que as falhas existem, que a humanidade se sobressai sobre a santidade em muitos casos e situações da vida real.

Durante muito tempo procurou-se “esconder”, “colocar debaixo do tapete”, não falar, esperar que o tempo apagasse as situações reais de pecado. A partir do Papa Francisco a situação mudou. É

preciso falar, investigar, analisar, julgar e condenar as práticas reais que prejudicam o ser humano.

A cultura dominante favorece as situações de vida que levam aos escândalos. É preciso redobrar a atenção em todos os espaços. Os bispos, os formadores, os responsáveis pelo clero, precisam estar mais atentos à vida concreta e real dos presbíteros que compõem o campo da evangelização da Igreja.

O pecado está presente na vida real de pessoas encarnadas que vivem no meio do povo. Entretanto, as práticas de santidades exigem renúncia e desapego. Não é tarefa fácil, pois os condicionamentos sociais na sociedade atual são de tal ordem que subvertem as relações. O desejo é criado, produzido e manipulado. O interesse por dinheiro, sexo e levar vantagens em muitas situações da vida, abusando do poder de sacerdote (clericalismo) é uma chaga em nosso tempo. Um tempo perdido, sem luzes ou arestas. Somos chamados todo dia a cultivar as coisas do mundo de uma forma grosseira e bizarra. A sociedade está perdida, os presbíteros vivem na sociedade, respiram o seu cheiro, mas não poderiam deixar-se de contaminar. Entretanto, os condicionamentos são subliminares, elementares, fluídos e agem de forma inteligente manipulando o cérebro das pessoas.

É preciso refletir sobre os condicionamentos sociais que fragilizam o ser humano. Somos pessoa e sociedade ao mesmo tempo e sempre em processo dialético. Estamos na sociedade e a sociedade está em nós. Na sociedade atual os condicionamentos sociais são subliminares, entram goela adentro de forma

Na verdade, a Igreja é santa e pecadora em processo dialético de ser e de estar no mundo, de viver a concretude da vida e ao mesmo tempo buscar o ideal perfeito que somente Deus oferece. Na sociedade atual, local e global se sobressaem os “escândalos” praticados por membros da hierarquia da Igreja de forma contínua e fugaz. Os meios de comunicação de massa escritos e digitais divulgam com grande voracidade qualquer suspeita, insinuação ou manifestação que possam prejudicar a imagem da Igreja. Muitas vezes situações menores e fragilizadas se tornam “escândalos” maiores por causa da insistência no sensacionalismo e publicidade que fazem vender jornais e revistas.

sutil e traiçoeira. Os cristãos que por vocação buscam a santidade nem sempre conseguem romper com este círculo. Os bispos, presbíteros, diáconos, e outros membros da hierarquia podem também ser contaminados por esse mal e fazer do clericalismo uma ponte para o enriquecimento ilícito e o prazer descomunal. O capitalismo manipula o desejo e penetra no inconsciente.

As circunstâncias mudaram muito no Brasil e no mundo. Na sociedade pós-moderna com a forte presença dos meios de comunicação de massa, com os celulares qualificados, com internet à disposição total, tudo é transformado em notícias rapidamente e em tempo real. Qualquer desvio, qualquer atitude suspeita pode virar notícia e transformar a vida de qualquer pessoa, para o bem e para o mal. É preciso muita atenção. O discernimento moral se faz presente no mundo atual como forma de escapar do senso comum e do sensacionalismo das notícias. Estar vigilante sempre, para que nossa presença seja ativa e atuante. Muitas informações podem ser fake News, ou seja, mentiras ou meias verdades<sup>21</sup>.

Nesse tempo caracterizado pelas relações fluídas e passageiras,

21 Sobre este assunto consultar o artigo: TRASFERETTI, J.A., LUIZ CORDEIRO, V., Ética Teológica, direitos humanos e fake News, pp. 139-170. In: ZACHARIAS, R., CASTRO MILLIN, M.I., Ética Teológica e Direitos Humanos. Aparecida, 2018.

Qualquer desvio, qualquer atitude suspeita pode virar notícia e transformar a vida de qualquer pessoa, para o bem e para o mal. É preciso muita atenção.

quando não existem mais verdades objetivas, tudo passa pelas interpretações de momento. Não se trata somente de fake News, mas de campanhas orquestradas sistematicamente por instituições sociais (revistas, jornais, sites, influenciadores digitais, pensadores com influência social) contra a Igreja, que se compromete com os pobres e oprimidos. Trata-se de uma realidade complexa e de difícil discernimento. É preciso aprender a conviver com este mundo, trabalhar sério e estar preparado para injustiças e violências que podem ocorrer de maneira peremptória.

### **“Não vos conformeis com o mundo...”**

Trata-se de estar no mundo, viver no mundo, mas não ser do mundo, não incorporar cegamente e ingenuamente todos as vicissitudes que o mundo apresenta. Nossa presença deve ser transformadora, profética em todos os sentidos.

Apesar da forte presença da cultura do abuso e da desordem é preciso agir e encontrar formas para enfrentar esta violência que invade lares e destrói famílias inteiras. O capitalismo transforma a todos em seus assalariados e consumidores. Todos os profissionais se rendem ao seu poder sedutor. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta eles fez todos seus servidores. A espiritualidade praticada pelos atores que se fazem presentes nos veículos de comunicação social televisão não respondem as necessidades de santidade do nosso tempo. Pelo contrário, estimulam o mercado, participam dos seus interesses, produzem negócios, business, vendem objetos sagrados com o puro interesse de angariar dinheiro. Usam roupas e discursos travestidos de cordialidade amena, mas seu objeto de fundo é ganhar dinheiro. Isso estimula mais ainda os presbíteros que encontram nessas praticas uma forma de se sobressair.

O mundanismo existe até no ambiente espiritual. O Papa Francisco faz este alerta e esta denúncia de forma fenomenal. A mundanidade material aparece muitas vezes travestida de uma espiritualidade amena e bizarra. É preciso muita atenção em todos os aspectos .<sup>22</sup>

22 O Papa Francisco alerta: “o mundanismo espiritual que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o

Papa Francisco escrevendo sobre os 160 anos de comemoração do Cura D'ars, afirma que é preciso uma mudança de comportamento em relação a postura diante dos que cometem erros graves. Suas palavras e seus gestos têm sido fortes, necessários e, proféticos<sup>23</sup>.

O Papa Francisco tem feito a sua parte, convocou um sínodo que discutiu e tomou decisões práticas importantes para combater o abuso sexual contra menores em todos os ambientes

---

bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: “como vos é possível acreditar, se andais a procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único? (Jo 5,44). É uma maneira sutil de procurar “os próprios interesses não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2,21). Reveste-se de muitas formas, de acordo com o tipo de pessoa e situações em que penetra. Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. No entanto, se invadissem a Igreja, “seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral”. PAPA FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013, n. 93.

23 O Papa Francisco em carta encaminhada aos presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D'ars, afirma: “como sabeis, estamos firmemente empenhados na atuação as reformas necessárias para promover, a partir da raiz, uma cultura baseada no cuidado pastoral, de tal forma que a cultura do abuso não consiga encontrar espaço para desenvolver-se e, menos ainda, perpetuar-se. Não é tarefa fácil nem de curto prazo; requer o empenho de todos. Se, no passado, a omissão pode transformar-se numa resposta, hoje queremos que a conversão, a transparência, a sinceridade e a solidariedade com as vítimas se tornem na nossa maneira de fazer a história e nos ajudem a estar mais atentos a todos os sofrimentos humanos”.

eclesiais. É preciso agir, e agir com firmeza, para que uma nova cultura seja produzida, uma cultura que privilegie o cuidado e puna o abuso em todas as suas manifestações. Os teólogos moralistas também estão agindo, promovendo debates, reuniões e publicações importantes<sup>24</sup>. Por meio do sínodo dos bispos existe um renovado empenho para que todos os setores da Igreja encontrem formas de agir que promovam a prevenção e punam os responsáveis de forma exemplar. A Igreja não está estagnada: existem ações, intervenções, suspensões, bispos que se tornaram eméritos, outros que renunciaram, livros publicados, congressos organizados e tantas outras formas de ação que objetivam o controle sobre os comportamentos dos que assumem posições de destaque na Igreja. Entretanto, é bom ressaltar que é preciso cuidado com denúncias vazias, equivocadas ou injustas. Estas ações práticas evidentemente produzirão uma nova cultura. Uma cultura que não mais encoberta, remove, promove, tudo para esconder ou, como se diz, “colocar em baixo do tapete” aqueles que contribuíram para os pecados e escândalos que tem perpassado os caminhos da Igreja nestes tempos sombrios.

---

24 Consultar: TRASFEEERETTI, J.A., CASTRO MILLEN, M.I., ZACHARIAS, R., *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2018. O segundo volume sairá em breve.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também se manifesta publicando um texto muito claro, denso, completo e ao mesmo tempo prático para toda a comunidade eclesial<sup>25</sup>. Este mesmo documento em sua terceira, quarta e quinta parte apresenta orientações muito consistentes sobre os modos de comportamento comunicacional, pastoral e da formação presbiteral.

Mas não é tarefa fácil, porque é preciso um cuidado cotidiano, uma atitude forte e corajosa de renúncia dos valores que caracterizam esta sociedade do mercado e do consumo. O discipulado

25 A CNBB em seu documento "O cuidado Pastoral das Vítimas de Abuso Sexual", afirma: "A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mantendo-se fiel à missão realizada pela Igreja Católica do Brasil em defesa dos pobres e vulneráveis, não fica indiferente ou inerte diante de lamentáveis casos de abuso sexual cometido por sacerdotes, diáconos ou outras pessoas da Igreja (funcionários, ou voluntários, ou agentes de pastoral). Os Bispos do Brasil se associam à dramática denúncia que São João Paulo II fez na mediação proposta pelo Cardeal Ratzinger para a Via-Sacra celebrada no Coliseu em 2015: "quanta impureza existe na Igreja também, e justamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele". Sentem, se por isso, obrigados, em virtude da própria missão, a acompanhar todos os esforços para que o ministério pastoral seja sempre exercido por pessoas idôneas, quer mediante a oportuna formação, quer mediante a coibição de eventuais comportamentos delituosos, bem como para tutelar eventuais vítimas desses comportamentos". CNBB. O Cuidado Pastoral das Vítimas de Abuso Sexual. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 9.

precisa desapegar de tudo, renunciar a tudo e assumir a cruz do seguimento.

## Conclusão

A santidade verdadeira supõe recusar a viver, patrocinar, divulgar a cultura capitalista de cunho consumista e mercadológico. A renúncia, o desapego e a cruz não passam necessariamente pelos canais de televisão, plataformas digitais, canais do youtube e outros sistemas de comunicação social. É possível estar nesses meios, porém, não como simples participantes, colaboradores, mas como profetas que buscam a transformação social. O profetismo nestas realidades midiáticas torna-se uma realidade necessária para o nosso tempo. O simples acomodamento tem prejudicado o anúncio do evangelho pois paralisa a boa nova, colabora com o sistema e patrocina uma moral da covardia associada subliminarmente às normas e regras impostas pela lógica do mercado capitalista.

Na verdade, é preciso agir no interior da cultura produzida pelo sistema econômico capitalista. A presença cristã deve gerar valores que se opõem aos princípios que regem o mercado e suas leis de crescimento. A construção de uma nova cultura, fundada nos valores

do evangelho deve ser a meta de todo cristão. A própria Igreja enquanto instituição está mudando o seu comportamento, pois do encobertamento, da omissão, do medo, das simples remoções dos padres, para atuações mais enérgicas. A mudança de postura diante da realidade que se apresenta tem sido a prática dos últimos tempos. A verdadeira santidade do nosso tempo propõe o caminho da recusa a esse “mundo”, e este “sistema” que sutilmente entra em nós e faz morada.

Nesse sentido, a santidade é fruto de discernimento, ascese, controle emocional. É preciso estar vigilante diante da cultura capitalista, pois o pecado entra de forma sub-reptícia, de forma informal, na calada da noite e destrói tudo. A violência é avassaladora. Não só na Amazônia, mas em todo o planeta ferindo não só as matas, os rios e os campos, mas o caráter das pessoas no mais profundo do ser<sup>26</sup>.

26 Afirnam Leonardo Boff e Rose Muraro: “nos últimos cinquenta anos, munido de imenso aparato tecnocientífico, o homem, mais que a mulher, levou até as últimas consequências este seu propósito. Isto gerou um impasse fundamental para o próprio futuro e para a vida do nosso planeta. Devastou a terra, explorou até o limite da exaustão quase todos os recursos dos ecossistemas, ameaçou de extinção milhares de espécies de vida, degradou a qualidade global da vida, mercantilizou praticamente todas as relações sociais e naturais e, culminando, construiu perigoso princípio de auto-destruição”. BOFF, L., MURARO, R. M., *Feminino & Masculino*. Rio de Janeiro, 2010, p. 18

Esta cultura de destruição penetra na vida dos cidadãos que estão imersos na sociedade e produz um grande estrago. Entretanto, ainda é possível reconhecer muita beleza em nosso meio. Por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D’ars o Papa Francisco escreveu uma carta aos presbíteros. Nessa carta ele valoriza o ministério dos presbíteros reconhecendo que existe beleza, doação e amor.<sup>27</sup> A santidade convive com a mundanidade. É preciso ter os olhos de Deus para ver a nobreza que emerge deste mundo de lama no qual estamos imersos. Exemplos de nobreza extraordinária, de grandeza voluntaria surgem todos os dias dos rincões mais longínquos desse mundo apodrecido que marca nosso cotidiano. A ruptura clara e sistemática como clericalismo,

27 O Papa Francisco afirma: “sem negar nem ignorar o dano causado por alguns dos nossos irmãos, seria injusto não reconhecer que tantos sacerdotes, de maneira constante e íntegra, oferecem tudo o que são e têm pelo bem dos outros (2º Cor 12, 15) e vivem uma paternidade espiritual capaz de chorar com os que choram; há inúmeros padres que fazem da sua vida uma obra de misericórdia em regiões ou situações frequentemente inóspitas, remotas ou abandonadas, mesmo a risco da própria vida. Reconheço e agradeço o vosso exemplo corajoso e constante que, em momentos de turbulência, vergonha e sofrimento, nos mostra que vós continuais a entregar-vos com alegria pelo evangelho”. Carta do Papa Francisco aos Presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D’ars. Em reconhecimento de tantos exemplos concretos de santidade, acreditamos que a graça transborda o pecado.

com o mundanismo espiritual e outras formas de acomodamento ao sistema devem fazer parte do nosso cotidiano espiritual. Somente uma espiritualidade vigilante, atenta e consistente conseguirá romper com este véu de mordaça comprometedora que o sistema cria inescrupulosamente. Os escândalos só serão diminuídos ou eliminados quando o evangelho se concretizar na vida e nos costumes dos povos produzindo uma nova cultura. Tarefa necessária e urgente dos novos tempos. A dialética da vida mostrará a eficácia da graça que transborda sobre o pecado, no tempo certo pelos mecanismos incertos da história real desse tempo inoportuno<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Sobre a necessidade de mudanças na formação e na espiritualidade dos presbíteros em relação aos aspectos morais, consultar o importante livro: TRASFERETTI, J.A., ZACHARIAS, R., CASTRO MILLEN, M.I., Formação: Desafios Morais. São Paulo: Paulus, 2018.

## BIBLIOGRAFIA

- ASSMAN, H., MO SUNG, J., Competência e Sensibilidade Solidária. Petrópolis: Vozes, 2000. ASSMAN, H., MO SUNG, J., Deus em Nós. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOFF, L., MURARO, R.M., Feminino & Masculino. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- CASTILHO PEREIRA. W.C., Sofrimento psíquico dos presbíteros. Petrópolis: vozes, 2012
- COMBLIN, J., A Igreja e sua missão no mundo. Volume III. São Paulo: Paulinas, 1985.
- COMBLIN, J., A profecia na Igreja. São Paulo: Paulus, 2008
- CONCILIO VATICANO II - DOCUMENTOS DA IGREJA. São Paulo: Paulus, 1997
- CNBB – O cuidado Pastoral das vítimas de abuso sexual. Brasília: ediçõesCNBB, 2019
- GASDA, E. E., Cristianismo e Economia. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PAPA FRANCISCO., A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulus&Loyola, 2013
- TRASFERETTI, J.A., ZACHARIAS, R., CASTRO MILLEN, M.I., Formação: Desafios Morais. São Paulo: Paulus, 2018.
- ZACHARIAS, R., MANZINI. R., Magistério e Doutrina Social da Igreja. Continuidade e desafios. São Paulo: Paulinas, 2016.
- ZACHARIAS, R., CASTRO MILLEN, M.I., Ética Teológica e Direito Humanos. Aparecida: Santuário, 2018.



## NOTÍCIA DO CERNE

Pe. KLEBER CARDOSO, CSS<sup>1</sup>

A belíssima cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, novamente acolheu uma edição do CERNE, mais especificamente a edição 121, realizada entre os dias 09 de fevereiro e 19 de março de 2020.

Como sabemos, o CERNE é um programa de renovação espiritual, com duração de 40 dias, oferecido pela CRB Nacional e coordenado pelo setor de Formação Permanente. Desta edição participaram 30 pessoas, sendo 28 mulheres e 2 homens.

O espaço utilizado é chamado Porciúncula, e pertence às Irmãs Missionárias Capuchinhas, que receberam o grupo com a particular acolhida que lhes caracteriza.

Em meio ao intenso calor da estação mais quente do ano, os participantes do CERNE, orientados pelos coordenadores Ir. Anna Cristina e Pe. Kleber Cardoso, contaram com as brilhantes assessorias de Gileno Nunes, Moisés Sbardelotto, Ir. Áurea Marques, Pe. Carlo Battistoni, Pe. Joachim Andrade e Ir. Maria do Desterro, que desenvolveram os temas “Psicologia na Vida Religiosa Consagrada: crescimento pessoal e comunitário”, “Análise de Conjuntura: desafios à Vida Consagrada Religiosa”, “Leitura Orante da Palavra de Deus”, “Jesus de Nazaré: espiritualidade do seguimento e Maria discipula”, “Itinerário Mistagógico e Fidelidade na Vida Religiosa Consagrada”, e “Consagração e Conselhos Evangélicos”, respectivamente.

<sup>1</sup> Congregação Estigmatino e Assessor Executivo do Setor Formação Permanente da CRB Nacional.

Ponto forte do CERNE, o retiro espiritual foi conduzido na última semana, como encerramento, pela Ir. Teresinha Helena.

Os participantes da edição 121 foram acompanhados espiritualmente por Ir. Ana Magalhães, Ir. Maria Digna, Ir. Maria de Nazaré, Pe. Aureliano de Moura e Pe. Diogo Costa.

Também foram oferecidos aos participantes dias de Deserto Espiritual, orientados pela Ir. Geralda Miranda, que é a coordenadora da CRB do Regional Ceará. Ela também teve a oportunidade de partilhar com os participantes algo sobre a vida e a missão deste regional.

Na mesma ocasião, a Ir. Maria Inês, presidente da CRB Nacional, apresentou aos participantes do CERNE 121 algo sobre a vida e a missão da CRB, fazendo

ressonância da Assembleia Geral em 2.019, apresentando os compromissos assumidos. A Ir. Maria Inês permaneceu com os participantes por cinco dias.

Para favorecer a integração, a partilha e a corresponsabilidade, os participantes foram organizados em Equipes de Vivência e também assumiram pequenos serviços, como animação, comunicação, bem-estar, ajuda na cozinha, preparação da Eucaristia, dos momentos orantes, apoio aos coordenadores, e equipe de festas e passeio.

Quatro participantes, em 2.020, estavam comemorando Jubileu de 25 anos de consagração, e duas participantes celebraram aniversário natalício durante a edição 121 do CERNE. Houve uma bonita celebração na qual os participantes, por devoção, renovaram os seus compromissos evangélicos.





Provenientes das cinco regiões brasileiras e também de outros países, os participantes, com criatividade e dinamismo, tiveram a oportunidade de apresentar as suas comidas e bebidas típicas, músicas e vestimentas, numa atividade chamada Noite Cultural.

Dom Júlio, bispo auxiliar da Arquidiocese de Fortaleza, em representação de Dom José Antônio, arcebispo metropolitano, presidiu a Eucaristia de Abertura do CERNE 121.

Em breves palavras, essa foi a experiência dos participantes. Entre luzes e sombras, sem lugar a dúvidas, este programa de renovação espiritual coordenado pelo Setor Formação Permanente da CRB Nacional se consolida como espaço de crescimento humano e espiritual que revigora as forças para perseverar no seguimento a Jesus Cristo na Igreja, como Vida Religiosa Consagrada.

## REFLEXÕES ORANTES

Subsídio CLAR - Julho 2019, n. 3

### CAMPANHA VINHO NOVO

*Ao ficarem sem vinho, porque tinha acabado antes do final da festa de casamento, Maria disse a Jesus: “Eles não tem mais vinho”!*

#### NÃO TEMOS VINHO...

**Leitor/a 1:** Para nossas reuniões mais esperadas, nas quais festejamos o que o Senhor nos dá; para os encontros fraternos em que fazes aumentar nosso bem querer, não temos vinho.

**Leitor/a 2:** Para as manifestações de protesto pedindo pela paz, trabalho e justiça; para a festa do compromisso humano no qual celebramos as conquistas e fracassos; não temos vinho,

**Leitor/a 3:** Para os espaços sacramentais que revivem e atualizam a tua presença; para viver com alegria, qualquer dia, inclusive para atender o convite à tua mesa eucarística, não temos vinho.

**Todos:** Para o anúncio da Boa Notícia com nossas pobres palavras; para testemunhar o teu reino fraterno sonhado como um banquete de portas abertas, não temos vinho.

**Animador/a:** Para aliança de todas as civilizações, do mundo da opulência e o mundo dos pobres; para o casamento dos teus filhos e filhas que desejam o teu projeto de alegria e de vida, não temos vinho.

**Leitor/a 1:** Para o abraço solidário com os migrantes que reclamam seus direitos essenciais; para nossas celebrações cotidianas simples, íntimas e edesejadas, não temos vinho.

**Todos:** Por isso, andamos tristes e sem brilho, sem graça e com nossos projetos desfeitos. Falta a alegria compartilhada, mesmo que sejam muitos os potes cheios de água. Não temos vinho!

**Animador/a:** Façam tudo o que ele nos diga. (Florentino Ulibarri).

### Animar o desejo do encontro

**Canto-oração:** Ó Senhor, aceita o louvor!

Que o espírito de vida, que habita em nossa interioridade e nos recria a cada dia, encha de vinho nossas jarras vazias.

**R: Ó Senhor, aceita o louvor que parte de dentro de mi' alma (Bis).**

Eu sei que a tempestade se acalma quando eu glorifico, louvando ao Senhor (bis)

### Palavra de vida (Jo 2,1-12)

**Narrador/a:** “Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe

de Jesus. 2. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. 3. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:

**Leitora:** “Eles já não têm vinho”.

**Narrador:** 4. Respondeu-lhe Jesus:

**Leitor:** “Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou”.\*

**Narrador/a:** 5. Disse, então, sua mãe aos serventes:

**Leitora:** “Fazei o que ele vos disser”.

**Narrador/a:** 6. Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas.\* 7. Jesus ordena-lhes:

**Leitor:** “Enchei as talhas de água”.

**Narrador/a:** Eles encheram-nas até em cima.

**Leitor:** 8. “Tirai agora” – disse-lhes Jesus – “e levai ao chefe dos serventes”.

**Narrador/a:** E levaram. 9. Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo 10. e disse-lhe:

**Leitor/a:** “É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora”.

**Narrador/a:** 11. Esse foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. 12. Depois desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, porém, não ficaram ali por muitos dias.

**Animador/a:** Hoje nossa oração pessoal e comunitária terá presente o versículo 3:

Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: *“Eles já não têm vinho”*.

**Narrador/a:** Somente com a chegada de Jesus e seus discípulos se adverte a carência de vinho. Somente quando chega o grande amor, se descobre a falta de amor. Quando Jesus chega percebe-se quanto falta amor no mundo, e o povo vive a pão e água, luta perene, sem poder aproveitar o bom vinho.

**Animador/a:** O texto se refere a uma falta material de vinho, contudo fica claro que o texto se refere a uma necessidade mais profunda. Não acabou apenas o vinho. Acabou o amor e a solidariedade; acabou o vinho porque alguns bebem tudo e gastam indevidamente.

**Todos:** Acabou o vinho (o pão e o vinho, a alegria da vida) porque alguns gastam tudo com guerras e conquistas e desta forma convertem o mundo num

lugar de opressão, de mentira, de ocultamento e guerra. Esta palavra (acabou o vinho) é a narrativa de um fracasso.

**Narrador/a:** Estamos impedindo que haja vinho para todos e todas no mundo: uns embanjam, outros passam fome e morrem. Uns jogam fora suas reservas, outros nem podem amar, porque não tem uma boa cama para suas intimidades, uma boa comida com vinho (Xabier Pikaza).

#### Para refletir com o coração:

- O vinho acabou realmente?
- Qual o nome de nossas jarras vazias?
- O vinho acabou porque bebemos com os irmãos e irmãs mais carentes, para que eles também desfrutassem da vida? (oxalá seja assim).
- Animador/a: Constatar nossas jarras vazias pode nos levar a um certo pessimismo que se concentra na frase: “Não temos vinho”, impedindo a nós mesmos de contemplar o milagre.

#### Momento de pensar e sentir.

Leitor/a 1:84. A alegria do Evangelho é tal que nada e ninguém no-la poderá tirar (cf. Jo 16, 22). Os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o

nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Além disso, o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, «onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). A nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio. Cinquenta anos depois do Concílio Vaticano II, apesar de nos entristecerem as misérias do nosso tempo e estarmos longe de optimismos ingénuos, um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito nem menor generosidade. Neste sentido, podemos voltar a ouvir as palavras pronunciadas pelo Beato João XXIII naquele memorável 11 de Outubro de 1962: «Chegam-nos aos ouvidos insinuações de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação. Nos tempos actuais, não vêem senão prevaricações e ruínas. [...] Mas a nós parece-nos que devemos discordar desses profetas de desgraças, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. Na ordem presente das coisas, a misericordiosa Providência está-nos levantando para uma ordem de relações humanas que, por obra dos homens e a maior parte

das vezes para além do que eles esperam, se encaminham para o cumprimento dos seus desígnios superiores e inesperados, e tudo, mesmo as adversidades humanas, converge para o bem da Igreja». [65]

**Leitor/a 2:** 85. Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre. Ninguém pode empreender uma luta, se de antemão não está plenamente confiado no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos. Embora com a dolorosa consciência das próprias fraquezas, há que seguir em frente, sem se dar por vencido, e recordar o que disse o Senhor a São Paulo: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza» (2 Cor 12, 9). O triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal. O mau espírito da derrota é irmão da tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica.

**Leitor/a 3:** 86. É verdade que, nalguns lugares, se produziu uma «desertificação» espiritual, fruto do projecto de sociedades

que querem construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs. Lá, «o mundo cristão está a tornar-se estéril e se esgota como uma terra excessivamente desfrutada que se transforma em poeira».[66] Noutros países, a resistência violenta ao cristianismo obriga os cristãos a viverem a sua fé às escondidas no país que amam. Esta é outra forma muito triste de deserto. E a própria família ou o lugar de trabalho podem ser também o tal ambiente árido, onde há que conservar a fé e procurar irradiá-la. Mas «é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança».[67] Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de

água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança (Francisco, *Evangelii Gaudium*).

**Animador/a:** Que nossas jarras não permaneçam vazias como consequência de penamento esterial e desanimado.

Que nada nem ninguém nos roube a esperança!

**Leitor 1:** Sussurem até acreditar: o melhor vinho vai chegar. Sussuremos cada um no próprio coração: o melhor vinho está para chegar. Sussuremos aos desesperados ou aos desanimados. Tenham paciência, tenham esperança, afaçam como Maria, reze e tenha atitude, abra o coração, porque o melhor vinho está para chegar (Papa Francisco).

Não me roubaram a esperança.

**Animador/a:** Não me roubaram a esperança, não me roubaram;

**Todos:** gritem comigo, repitamos juntos.

**Animador/a:** Acredito que por trás do nevoeiro o sol nos espera.

**Todos:** creio que na noite escura dormem as estrelas.

**Animador/a:** Acredito nos ocultos vulcões sem ver suas explosões de fogo.

**Todos:** Creio que este barco perido chegará ao porto.

**Animador/a:** Não me roubaram a esperança, não me roubaram.

**Todos:** Cantem comigo, cantem comigo.

**Animador/a:** Acredito no homem e na mulher que pensam e não na força bruta.

**Todos:** Imagino que a paz está sendo esmada embaixo da terra.

**Animador/a:** Acredito na nobreza do homem e da mulher, imagens de Deus .

**Todos:** Creio na vontade dos homens e mulheres capazes de se levantarem.

**Animador/a:** Não me roubaram a esperança, não me roubaram.

**Todos:** A árvore que foi arrancada, rápido renascerá.

*(Esteban Gumucio e  
Cristóbal Fones, sj)*

Deixemo-nos abençoar.

**Animador/a:** Pai, criador do Vinho bom e novo, abençoe nossas jarras vazias e renova em nós a esperança.

**Todos:** Amém.

**Animador/a:** Jesus, doador do Vinho bom e novo, anima nosso desejo de transformar toda carência em plenitude.

**Todos:** Espírito do Vinho bom e novo, faça com que o milagre aconteça.

## Reflexões orantes

Subsídio CLAR julho 2019, n. 4

### Campanha Vinho Novo

**Animador/a:** Todos sonham com o Reino, alguns desenham, outros pintam e, há ainda os que cantam. Poucos, no entanto, alimentam na interioridade as intuições e o tempo que passa sem horário, sem pressa e sem saber onde começa o tremor de sua presença sem saber como acontece (Benjamín González Buelta).

Animar o desejo do encontro.

Unamos nossas vozes e nossos coração para suplicar ao Espírito Santo que resgate o tempo necessário para baixarmos ao profundo e, ali, possamos amadurecer a hora.

### Canto-oração: Tu me conhecer

*(Pe. Jonas Abib)*

Tu me conheces quando estou sentado / Tu me conheces quando estou de pé / Vês claramente quando estou andando / Quando repouso tu também me vês.

Se pelas costas sinto que me abranges / Também de frente si que me persegues / Para ficar longe do seu Espírito / O que farei onde irei não sei.

**Para onde irei? Para onde fugirei?  
/ Se subo ao céu ou se me prosto  
no abismo eu te encontro lá**

**Para onde irei? Para onde fugirei?  
/ Se estás no alto das montanhas  
verdejantes ou nos confins do mar**

Se eu disser que as trevas me  
escondam / E que não haja luz  
onde eu passar / Pra ti a noite é  
clara como o dia / Nada se oculta  
a teu divino olhar.

Tu me teceste no seio materno/ E  
definiste todo meu viver/ As tuas  
mãos são maravilhosas/ Que ma-  
ravelha meu Senhor sou eu

**Para onde irei...**

Dá-me Senhor as tuas mãos  
benditas/ Benditas sejam sempre  
suas mãos/ Olha-me Deus e vê  
meus pensamentos/ Olha-me  
Deus e vê meu coração/ Livra-  
me Deus de todo mau caminho/  
Quero viver quero sorrir cantar/  
Pelos caminhos da eternidade/  
Senhor terei toda felicidade

Para onde irei...

### **A PALAVRA DE DEUS**

**(Jo 2,1-12)**

Narrador/a:: “Três dias depois,  
celebravam-se bodas em Caná da  
Galileia, e achava-se ali a mãe de  
Jesus. 2. Também foram convida-  
dos Jesus e os seus discípulos.  
3. Como viesse a faltar vinho, a  
mãe de Jesus disse-lhe:

**Leitora:** “*Eles já não têm vinho*”.

**Narrador:** 4. Respondeu-lhe  
Jesus:

**Leitor:** “*Mulher, isso compete a  
nós? Minha hora ainda não chegou*”.\*

**Narrador/a:** 5. Disse, então, sua  
mãe aos serventes:

**Leitora:** “*Fazei o que ele vos disser*”.

**Narrador/a:** 6. Ora, achavam-se  
ali seis talhas de pedra para as  
purificações dos judeus, que con-  
tinham cada qual duas ou três  
medidas.\* 7. Jesus ordena-lhes:

**Leitor:** “*Enchei as talhas de água*”.

**Narrador/a:** Eles encheram-nas  
até em cima.

**Leitor:** 8. “*Tirai agora*” – disse-lhes  
Jesus – “*e levai ao chefe dos serventes*”.

**Narrador/a:** E levaram. 9. Logo  
que o chefe dos serventes provou  
da água tornada vinho, não sa-  
bendo de onde era (se bem que  
o soubessem os serventes, pois  
tinham tirado a água), chamou  
o noivo 10. e disse-lhe:

**Leitor/a:** “*É costume servir pri-  
meiro o vinho bom e, depois, quando  
os convidados já estão quase embria-  
gados, servir o menos bom. Mas tu  
guardaste o vinho melhor até agora*”.

**Narrador/a:** 11. Esse foi o pri-  
meiro milagre de Jesus; rea-  
lizou-o em Caná da Galileia.  
Manifestou a sua glória, e os  
seus discípulos creram nele. 12.  
Depois desceu a Cafarnaum com

sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, porém, não ficaram ali por muitos dias.

Faremos agora uns instantes de oração pessoal e comunitária com o versículo 4:

Respondeu-lhe Jesus: *“Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou”*.

**Animador/a:** “Filho, me diseste que a tua hora ainda não chegou?” Impressiona o lugar que ocupa Maria nesta festa da vida. Há uma atitude maternal da parte dela, de alguém que cuida até dos detalhes. Mulher que observa e busca uma saída urgente para a situação de precariedade que pode acabar com a alegria e a festa de casamento. Ela tem a iniciativa de ir até Jesus. Reconhece nele a vida que também corre em suas veias. É a hora do filho.

**Leitor/a1:** A mãe conecta o filho com a dura realidade. De forma simples e discreto o coloca no centro e confia plenamente nele, comunica o fato e deixa que ele tenha a iniciativa final.

**Leitor/a 2:** “Deus está aqui, atuando de maneira nova. O seu reinado chega a todas as aldeias da Galileia. A força salvadora de Deus coloca-se em caminho. É uma intervenção decisiva de Deus que vem ao encontro do desejo do povo; não é um sonho, mas uma realidade. Deus começa a ser percebido. No mais fundo

da vida é possível perceber a sua presença salvadora” (J.S. Pagola).

**Todos:** Certamente este tempo de espera até o surgir da hora de Jesus, foi muito importante. Jesus permaneceu um bom tempo apenas com seus discípulos. Um tempo de profunda paz e silêncio.

**Leitor/a 3:** Um tempo de preparação, de oração, de calma antes dos sinais que o tornaram visível, sobretudo aos que andavam como ovelhas sem pastor. Antes mesmo, que as multidões o procurassem deixando-o sem tempo até para descansar.

**Animador/a:** Antes de que todas e todos quisessem ser curados de suas feridas, seus olhos, colocando-se de pé e livres do peso do pecado e da lei, com apenas o toque de seu manto.

### Para refletir

- O que significa: minha hora e a nossa hora?
- Como podemos prepará-la? Qual é o tempo que a precede?

Um momento para sentir-pensar

Já chegou a hora. Esta é a hora da salvação.

**Animador/a:** Nas bodas de Caná, Jesus fala da hora e o texto já tinha nos introduzido no terceiro dia; obviamente se entrelaçam tempos cronológicos e tempos teológicos, chaves e símbolos,

momentos temporais e acontecimentos salvíficos. No envagelho de João a “hora” é a o tempo da morte-cruz- de Jesus e sua glorificação, é a hora final no qual se revela plenamente o mistério da sua pessoa e a missão, é a hora da redenção e da consumação da sua obra. Maria é a mãe da transformação, ela estava lá quando ele concluía o processo de sua entrega, e ao pé da cruz ela deu testemunho da plenitude dos tempos. Na cruz redentora completou-se o que em Caná foi uma manifestação nascente da glória de Deus.

Agora tudo está consumado, tudo está assumido no amor que é mais forte do que a morte e que as águas torrenciais não podem afogar. Ficamos para sempre tatuados no coração de Jesus. Por conseguinte, ao fazer a hora presente no sinal da festa ele nos convida a esperança porque a salvação já está próxima e atuando. A hora não depende de Jesus e nem de Maria, mais bem é uma decisão e desejo do Pai, é a hora de Deus, é a hora da entrega plena e total.

Jesus sintoniza a sinconiza com o desejo do Pai e está atento aos impulsos e pulsações do seu coração. Ele marca o tempo e o ritmo, como quem deve esperar o vento favorável para abrir as velas e lançar-se ao mar ou a maturidade dos campos para a colheita. Avançar ou retroceder poderia ser irremediável; a

projetualidade fdaz com que os processos, mesmo que lentos,, longos e penosos, cheguem a frutos equilibrados.

Quando captamos a hora de Deus nos sentimos com energia e confiança para iniciar o caminho, assumir as decisões mais acertadas, mesmo que a fé implique, às vezes, num salto no vazio que ninguém pode fazer por nós.

Jesus, durante sua vida pública buscou entender os sinais que o Pai emitia, para saber o caminho do projeto do Reino e o modo de dar a vida. Ele passou fazendo o bem, era um homem para os outros. Nas bodas de Caná, Jesus nos mostra como podemos nos envolver e nos comprometer com a realidade, com o cotidiano, com os desafios; em fim, com a história.

A hora de Jesus implica a transformação: mais dignidade, mais vida e esperança.

**Todos:** É a hora de somar com o querer do Pai generoso que nos concede vida em abundância;

**Leitor/a 1:** É a hora do discernimento entre a voz do Espírito-advogado que convida e os gritos do acusador que seduz, arrasta e agride;

**Todos:** É a hora de tirar de dentro o melhor e o mais sublime de nós mesmos;

**Leitor/a 2:** É a hora de recunciar toda existência medíocre;

**Todos:** É a hora da autenticidade e da sinceridade;

**Leitor/a 3:** É a hora da fidelidade e da entrega;

**Todos:** É a hora de preparar nossa terra para semear encontros e brindar a solidariedade;

(José Luis Corral, *sdv*).

**Não tenha medo.  
É a hora! É o tempo.**

**Canto: Como Uma Onda**  
(Lulu Santos)

Nada do que foi será / De novo do jeito que já foi um dia / Tudo passa, tudo sempre passará / A vida vem em ondas, como um mar / Num indo e vindo infinito / Tudo o que se vê não é / Igual ao que a gente viu há um segundo / Tudo muda o tempo todo no mundo / Não adianta fugir / Nem mentir pra si mesmo agora / Há tanta vida lá fora/ Aqui dentro, sempre / Como uma onda no mar / Como uma onda no mar/ Como uma onda no mar/ Como uma onda no / Nada do que foi será / De novo do jeito que já

foi um dia / Tudo passa, tudo sempre passará/ A vida vem em ondas, como um mar / Num indo e vindo infinito / Tudo o que se vê não é / Igual ao que a gente viu há um segundo/ Tudo muda o tempo todo no mundo /

Não adianta fugir/ Nem mentir pra si mesmo agora / Há tanta vida lá fora/ Aqui dentro sempre/ Como uma onda no mar/ Que o Senhor nos abençoe.

**Animador/a:** Que todas as coisas criadas sejam um presente para você; saiba disfrutar de todas as horas do dia.

**Todos:** Amém

**Animador/a:** Que a nascença da ternura e da compaixão brote sem parar dentro de ti, noite e dia.

**Todos:** Amém

**Animador/a:** Que o teu espírito esteja aberto e alerta para descobrir o desejo de Deus em todo momento.

**Todos:** Amém



  
**CRB NACIONAL  
REGIONAIS**

## RESENHA

AMEDEO CENCICI, *Abraçar o futuro com esperança, o amanhã da vida consagrada*, tradução Jaime A. Clasen, São Paulo: Paulinas, 2019, 118 pp. 21x14 cm, coleção *Tendas*.

Com prefácio de Giordano Cabra, outro grande teólogo da Vida Religiosa Consagrada, Cencini nos toma pela mão para alertar que não podemos esperar passivamente que o futuro chegue, ou viver nostalgicamente de um passado e, pior ainda, ficar refém do presente, mas é urgente saber abraçar o futuro com renovada esperança, clareza e profetismo, sabendo interpretar o carisma com os olhos no tempo de hoje.

O autor, muito conhecido por seus escritos e atividade acadêmicas, em Roma, além de exercer o serviço de formador de muitas gerações, é padre canosiano, psicólogo e psicoterapeuta, professor na Gregoriana e Salesiana. Desde 1995 é consultor da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Desde 2017 é membro da Comissão Tutela Minori, da Conferência Episcopal Italiana.

O livro em questão é dividido em 6 partes. Na apresentação padre Giordano Cabra nos aponta o



ponto central da obra: é preciso mover tudo aquilo que faz morrer a VRC, fazendo a poda para eliminar aquilo que não deixa o carisma crescer e, ao mesmo tempo, sempre a partir da historicidade, ajudar a florescer a vitalidade de vida que sempre brota e faz viver a VRC na sua essência (p.8). Na verdade, é preciso estar atento para reconhecer os caminhos que apontam o futuro desde a qualidade de vida mais do que na quantidade dos membros. Comento brevemente as partes do livro para ajudar a saborear os elementos que pululam de uma olhada esperançosa do futuro.

1. Entre passado, presente e futuro (p. 13-20): a forma como analisamos a vida dos nossos institutos pode abrir perspectivas ou

fechar possibilidades de vida. O lamento constante sobre um passado que faz temer o futuro compromete o presente e o torna demasiadamente líquido. Há uma tendência, segundo Cencini, de olhar o passado de forma retrotópica, ou seja, a busca de querer encontrar no passado os elementos motivacionais que o presente não valoriza e o futuro torna incerto; é um torcicolo intelectual e psicológico, diz Cencini, tornando o futuro algo terrível e assumindo a simples medida de fechar obras e deixar atividades. Há um fechamento no passado com a perda da capacidade de viver o aqui e o agora no dinamismo do futuro. A grande coragem para o futuro da VRC será a profecia. Neste sentido, Cencini recupera uma reflexão do então teólogo Joseph Ratzinger do ano de 1968. Entre outras coisas ele dizia: Da crise hodierna a Igreja perderá muito. Não poderá habitar em grandes edifícios, o número de fieis diminuirá, será uma Igreja mais espiritual, pobre, indigente, porém, os homens e mulheres que habitarão no mundo de solidão, com a perda de Deus e o horror da pobreza, reconhecerão no pequeno rebanho o totalmente outro e descobrirão que há esperança. Esta profecia aplicada aos dias

de hoje e a VRC nos revela que a profecia não tardou em se realizar. Ratzinger foi um visionário da esperança.

2. Sentido de uma profecia (p.21-35): a VRC será perdedora, com menos membros, pobre, porém, renascerá mais espiritual e simples. É esta a verdade que a profecia nos revela e abre o futuro, escancarando as portas para acolher o redentor. Será uma VRC com o rosto e os sentimentos de Jesus e não com o poder do dinheiro, da quantidade e da ostentação. Aqui se redescobrirá o sentido mais profundo da autoridade na VRC. Não aquela autoridade corrompida pelo poder e pelos abusos do poder, mas uma autoridade serviçal, samaritana que sabe respeitar a liberdade desde o Evangelho. Assim a VRC perderá a autorreferencialidade, a pretensão da perfeição, a mediocridade relacional e brotará a verdadeira fraternidade capaz de abraçar o futuro; uma grande história que ainda tem muito para ser narrada.
3. Abraçar: a sociedade pós-cristã ou pré-cristã? (p.37-56): o abraço é um gesto que brota do carinho e da aceitação do outro. Não se abraça a quem não se gosta. Neste sentido, Cencini nos ajuda a refletir sobre o abraço que precisamos dar na

sociedade atual. Ela é o lugar teológico da presença de Deus, porém, quando classificamos a sociedade com a partícula pós, estamos dizendo que não a abraçamos totalmente, parece que tudo já acabou e não há mais sentido. A VRC precisa abraçar a sociedade a partir do pré-cristianismo, ou seja, reconhecer que há o desejo latente nas pessoas de buscar e contemplar o rosto divino de Deus. Há uma grande expectativa de algo novo que nasce porque Deus faz nova todas as coisas. Abraçar o futuro será então prepara-lo profeticamente; não ficar preocupados exageradamente com a nossa sobrevivência, com lamentos, choros e nostalgias; trata-se de amar este mundo, as pessoas reais e não as que gostaríamos que existissem; reconhecer que nesta sociedade há grandes intuições e capacidade de mudança; a VRC deve ser um oásis que oferece a água que as pessoas necessitam porque elas estão com sede. Trata-se, portanto, da alegria do Evangelho porque não podemos deixar que nos roubem a esperança.

4. Abraçar o futuro: mistério ou enigma? (p.57-76): a ideia de mistério é positivo pois nos ajuda a contemplar para saber ver a Deus e deixar-se ver por

ele; o enigma é negativo, pois afasta, nega, negligência. A vida fraterna em comunidade não pode ser um enigma, mas um mistério que a cada dia nos ajuda a descobrir o valor do outro, por conseguinte, a formação não pode ser enigmática, mas mistério mistagógico que vai a periferia das pessoas para ali abraçar o futuro. É preciso saber formar para a sensibilidade, preparar formadores e formadoras à luz do mistério, ajudar a discernir com a alegria do Evangelho e projetar a formação permanente nas idades da vida de cada pessoa no mistério do cotidiano das comunidades.

5. Abraçar o futuro com esperança: missionários ou demissionários (p.77-94): no ano da vida consagrada, papa Francisco nos exortava a não confiar demasiadamente nas próprias forças e na eficiência de nossas obras. É urgente ter a credibilidade das lágrimas e nunca o enigmático silêncio. Aqui o autor chama a atenção para a formação capaz de assimilar os sentimentos de Jesus: a compaixão e o valor do outro; senão seremos uma VRC demissionária, com muitos ruídos, porém sem lágrimas verdadeiras.
6. O futuro já agora (p.95-115): é preciso exorcizar o futuro

para dar espaço a liberdade e a felicidade de pessoas responsáveis. É a lógica da gratidão e da graça na qual as relações intergeracionais sejam possíveis, a profecia seja o projeto de vida pessoal e comunitário, os sentimentos de Jesus a norma de vida, capacidade de adaptar-se a novas estruturas e presenças, desclericalizar os religiosos e religiosas dando nova identidade as paróquias a nós confiadas, ser criativamente fiel e nunca mediocrementemente fiel, ser homens e mulheres de Deus mais do que gestores do sagrado, capacidade de interagir com os cristãos leigos e leigas, permuta de dons, ir as extremidades da missão, periferias existenciais,

não cair na tentação de morrer fechando obras mas dar novo significado.

Com todas estas provocações, Cencini nos convida a superar o inverno da secularização sem o torcicolo psicológico, mas com a capacidade de saber voltar à Galileia pra encontrar o Senhor.

O livro é muito interessante e rico de provocações para os dias atuais que estamos vivendo. Há um futuro para a VRC, mas não podemos esperar que ele caia sobre nós como um castigo. Precisamos ter a consciência de nos reinventar à luz dos gritos que chegam de uma sociedade que tem sede do absoluto.

PE. JOÃO MENDONÇA, SDB

*BEATRICE Immediata, Ermínia Brunetti, apostola e mística com dons extraordinários, São Paulo: Paulinas, 2019, 159 pp. 13,5 X 20 cm, tradução Adriana Zuchetto.*

O livro da Irmã Beatrice Immediata, da Congregação Filhas de São Paulo, recolhe dados biográficos da Irmã Ermínia Cesira Brunetti, também ela Filha de São Paulo. Nasceu em Castiglione dei Pepoli, nos Apeninos bolonheses no dia 17 de maio de 1914 e morreu em Bolonha no dia 05 de setembro de 1996, com 82 anos de idade e 66 de vida religiosa.

A narrativa de alguns dados biográficos da irmã Ermínia revelam a complexidade de sua vida entre fatos ordinários, comuns a qualquer pessoa e outros que transcendem o nosso olhar pragmático, com manifestações divinas quanto demoníacas. Esta realidade faz com que se entrelaçam crenças e incredulidade ao leitor.

Irmã Ermínia, segundo as narrativas, recebeu de Deus dons extraordinários que muito se assemelham aos de Padre Pio. São dons classificados como: “discernimento, conhecimento dos pensamentos, vidência e clarevidência, profecia, cura, libertação” (p. 149). Sem perder seu senso de humor, capacidade de acolhida às pessoas e dedicação ao próximo, irmã Ermínia



viveu tempos de paz interior e lutas muito fortes, incompreensões, rejeições e popularidade, amor e ódio. Como testemunha a própria autora “ela levou muito pontapé de suas superiores” (p. 147), no entanto, manteve sempre a serenidade, inclusive quando foi quase que obrigada a se submeter a exames psicológicos, psiquiátricos e neurológicos. Ela relata em suas anotações que às vezes Deus lhe permite conhecer o estado da alma de uma pessoa; ela fala coisas que não entende. São palavras que fazem bem a pessoa que escuta, porém, não brotam de sua racionalidade. É uma forma do Espírito que brota de dentro dela (p. 59-63). A vida não foi fácil para esta religiosa.

Quatro questões são pertinentes na biografia de irmã Ermínia: sua intimidade com Deus, o cuidado e dedicação pelos presbíteros, a experiência dos estigmas e o sentido da misericórdia. Basicamente a narrativa se concentra em exemplos sobre estas vertentes. Sua intimidade com Deus brota de uma voz interior que ela sente de forma forte e estimuladora, tanto para ajudar alguém como para se sentir conduzida por ele, escolhida de forma especial como um instrumento de amor, porém, sem a isenção do sofrimento, ou seja a oferta de si mesma. Desde menina ela ouvia e via coisas além do estado físico. Situações por vezes incompreensíveis e até doloridas porque tocavam na alma. O cuidado com os padres era outra situação muito particular. Irmã Ermínia sentiu dentro de si que sua missão era cuidar da preservação dos padres e não deixou por menos. Sempre que podia e quando apareciam situações de ouvir a aconselhar ela não se poupava em atendê-los: “Com a licença do meu fundador, padre Tiago Alberione, ofereci a minha pobre vida com Jesus ao Pai celeste para a santificação de todos os sacerdotes do mundo; e, quando Deus me chamar a si, terei sempre para com seus sacerdotes um amor particular, e eles poderão rezar por mim e sentir-me sua mãe, porque da

minha parte, com a permissão de Deus, os curarei e os protegerei sempre em cada perigo” (p. 91). Sobre os estigmas ela os recebeu de forma particular, sem aparecer na pele, sentia todas as dores das chagas de Jesus, sobretudo à noite, porque pediu a Deus que não sentisse nada durante o dia, nas livrarias e comunidades onde trabalhou para não causar sensacionalismos. Porém, à noite, sofria por horas as dores dos pregos em seu corpo e ficava dilacerada de tanta dor: “As mãos e os pés sentem a dor como se realmente estivessem transpassados pelos pregos, e o corpo experimenta os ferimentos das pancadas, parece que o coração se desfaz, enquanto toda a pessoa fica gelada. Não saberia dizer quanto tempo durava esse estado, porque a dor não permitia distinguir o tempo” (relato de seu diário). Era uma dor que não se manifestava fisicamente. Experiência mística dolorosa narrada também nos êxtases de Santa Tereza d’Ávila. Com respeito à misericórdia, Deus se revela como um “mendigo de amor” (p.112), caracterizado no desejo que todos se salvem, um amor incondicional rico em misericórdia como tanto falou São João Paulo II e atualmente papa Francisco. A misericórdia de Deus que vence as forças do mal e não deixa que o ser humano sucumba no pecado e nas garras

do demônio. Em uma anotação de seus diálogos com Deus, ela registra: “Muitos pregam o inferno, a justiça, o julgamento, a morte, pouquíssimos a minha paixão, o meu amor, a minha misericórdia” (p. 116).

Neste sentido, sobretudo no final de sua vida, irmã Ermínia passou por fortes provações do diabo, segundo as narrativas da autora. O demônio, como também aconteceu ao padre Pio, batia de forma assustadora nela deixado-a às vezes desfigurada e arrebatada. Em uma dessas lutas ela amancebou numa poça de sangue e foi hospitalizada para tratamento de emergência. Foi num desses ataques que ela ficou fragilizada e ajudou a acelerar sua morte.

O livro está dividido em 10 pequenos capítulos que procuram narrar dados da vida de uma religiosa que viveu feliz, soube

entender sua consagração, porém, teve uma relação com Deus, podemos dizer assim, marcada pela dor na alma que a ajudou a ter compaixão pelos mais frágeis, pelos pobres e por aqueles que buscam em Deus o consolo necessário para viver. Deus não permitiu que ela sentisse na pele a dilaceração da dor, mas permitiu que sua alma fosse marcada pela dor da purificação. Trata-se, como disse no início, de um livro que suscita a crença em algo divino, místico, além do físico, mas, ao mesmo tempo, suscita certa perplexidade e até dúvidas. Uma pessoa consagrada que na sua pequenez e fragilidade, revela a luta psicológica entre o bem e o mal que se personifica na crueldade das relações humanas que precisam ser sempre purificadas.

PE. JOÃO MENDONÇA, SDB

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)  
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL  
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE  
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

**ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020**



Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: [convergencia@crbnacional.org](mailto:convergencia@crbnacional.org)  
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Nome completo: .....

Congregação: .....

Endereço: .....

CEP (código postal): ..... Cidade: ..... UF: ..... País: .....

Nova assinatura ( ) Renovação ( )

Telefone: ( ) ..... E-mail: .....

Formade pagamento:

Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência: ..... C/C: .....

**Valor da Assinatura:**

Brasil: R\$ 145,00    América Latina e Caribe: U\$ 80    Europa: E 70    Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar ). Enviar o comprovante para a CRB Nacional ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)).

